

# GARTH NIX

A SÉTIMA TORRE II



O CASTELO



SCHOLASTIC

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**A SÉTIMA TORRE II**

**O CASTELO**

**Garth Nix**

Para minha família e meus amigos, com um agradecimento especial a todos da Lucas Films que têm ajudado a construir e fortalecer A Sétima Torre, particularmente a Sarah Hines Stephens, Jane Mason e Lucy Antony Wilson.

## SINOPSE

O Mundo Escuro é um lugar gelado, com ventos e tempestades. Um véu de escuridão cobre todo o céu, e apenas o Castelo brilha com sua luz.

Tal e Milla lutam corajosamente, tentando voltar ao Castelo, e têm pela frente uma missão muito perigosa.

Para Tal, um Escolhido, o Castelo é seu lar - mesmo que ele já não seja mais bem-vindo ali.

Para Milla, uma Garota-do-Gelo, o Castelo é um lugar estranho e misterioso, e sua presença é uma ameaça que os Escolhidos querem deter a qualquer custo.

Da fatal Câmara dos Pesadelos aos aposentos mágicos de Tio Ebbitt, Tal e Milla têm que percorrer os caminhos do Castelo sem serem descobertos.

Poderes sinistros conspiram contra eles, e os dois vão tentar, com todas suas forças, sobreviver.

## Capítulo 1

Há muitos séculos, o Navio em ruínas estava ao pé da montanha. A enorme carcaça, de um metal brilhante que nunca enferrujava, tinha servido de modelo para todos os navios construídos pelos Homens-do-Gelo, embora os deles fossem feitos de pele e ossos de Selski.

Com o passar do tempo, musgos e líquens luminosos foram crescendo no Navio, fazendo com que seu convés e seu casco brilhassem com uma luz suave de cores variadas, coisa rara, na noite eterna do Mundo das Trevas. Mesmo com os mastros quebrados e as velas há muito desaparecidas, o Navio em ruínas era imenso. Era umas cinco vezes maior que um típico navio dos clãs e estes transportavam uma centena de Homens-do-Gelo, ou mais, com todo seu equipamento e sua carga.

Tal, que até duas semanas atrás pensava que não houvesse nada, a não ser gelo, fora de seu lar, não podia acreditar que aquela coisa estranhamente brilhante à sua frente fosse um navio. Com certeza, era alguma anomalia da natureza.

Durante todos os dias desses seus quase treze anos e três quartos, e faltavam só quatorze dias para seu aniversário, Tal vivera dentro dos limites físicos e sociais do Castelo. Fora criado para ocupar seu lugar entre os Escolhidos, Mestres da Luz e da Sombra. Como todos os Escolhidos, sempre tivera a certeza de que nada existia além dos aposentos iluminados e das torres do Castelo. Haviam-lhe ensinado que, afora os Escolhidos, só existia o Povo Inferior, nascido para servir.

Nada em sua vida no Castelo o tinha preparado para a realidade do Gelo e dos homens que ali viviam. Mas a experiência da sobrevivência diária estilçara a solidez de suas crenças anteriores. Tal continuava sendo um Escolhido, como demonstrava a sombra-guardiã a seu lado. Mas a certeza absoluta que tinha quanto à sua superioridade natural havia sido muitas vezes abalada.

Já tinha até começado a aceitar que os Homens-do-Gelo não faziam parte do Povo Inferior, apesar de só lerem uma sombra natural. Mas ainda insistia em acreditar que apenas os Escolhidos eram capazes de realizar coisas belas e imponentes. O Navio em ruínas, que não só era estranhamente belo como imponente, tinha que ser alguma espécie de fenômeno natural.

Como o trenó ia se arrastando ladeira acima, as seis Wreskas que o puxavam tinham de fazer mais esforço e seu hálito quente formava uma nuvem que pairava continuamente sobre seus chifres, enquanto seus cascos pontudos iam espalhando lascas de gelo por todo lado.

— Só pode ser alguma anomalia... — murmurava Tal, à medida que o trenó ia se aproximando do Navio em ruínas que se agigantava mais acima. Sua voz foi se apagando quando percebeu que aquilo não era apenas um gigantesco bloco de rocha esculpido pelo vento.

— O quê? — perguntou Milla, a Garota-do-Gelo com quem tinha sido obrigado a viajar pelas terras geladas. Ela estava sentada mais atrás, e não conseguia enxergar quase nada pelas laterais do trenó.

— Nada — respondeu Tal, abanando a cabeça. Milhares de pequenas estalactites voaram de sua máscara em direção a Milla. Antes, porém, que pudessem atingi-la, a mão da menina fez uma espécie de movimento e desviou o seu curso.

— Não balance a cabeça — instruiu Milla. — É grosseiro fazer chover gelo em seus companheiros.

Tal deu de ombros e, com isso, voou ainda mais gelo, mais do que Milla podia rebater. Ela suspirou e puxou a máscara sobre o rosto, numa evidente repreensão.

Tal não deu a menor bola. Os Homens-do-Gelo davam muita importância ao gesto de mostrar ou esconder o rosto, mas ele não estava nem um pouco interessado em regras de etiqueta com relação a máscaras. O vento estava tão frio que parecia passar através de seu corpo e congelar seus ossos. Por experiência própria, Tal sabia que, sem a máscara, seus dentes e seu rosto logo começariam a doer, e era uma dor profunda, interna, que duraria horas.

Ignorando Milla, voltou a olhar para a frente. Tinha de admitir que o Navio em ruínas fosse obra de seres humanos. Mesmo assim, resistia teimosamente à idéia de que os Homens-do-Gelo o tivessem construído.

No topo da elevação, o Homem-do-Gelo que guiava a Wreska parou por alguns instantes e virou os animais líderes para uma trilha sinuosa bordeada de rochas luminosas que traçavam o seu contorno na escuridão.

O Navio estava num vale e o topo de seus mastros quebrados alcançava os contrafortes da Montanha da Luz, sobre a qual ficava o Castelo. Quando o trenó voltou a andar, Tal olhou por sobre o Navio, para o céu escuro. Desorientado pelo brilho do Navio, estava olhando muito mais acima do que imaginava, até que viu as luzes distantes do Castelo.

O Castelo era muito maior que o Navio em ruínas, e suas luzes eram a única coisa a brilhar no céu. Suas sete torres chegavam a atravessar o Veu que escurecia o mundo inteiro, encobrendo o sol.

Tal sentiu-se reconfortado com a visão de seu lar distante. A vida toda, tinham-lhe ensinado que só os Escolhidos contavam, que só eles jamais fizeram ou criaram algo importante. O Castelo continuava a ser a maior estrutura que existia e, comparado com ele, o Navio em ruínas dos Homens-do-Gelo se apagava.

— Bonito, não é? — perguntou Milla.

Tal olhou de novo para trás. Nunca ouvira Milla dizer nada em tom tão respeitoso. Por um momento, pensou que ela houvesse enfim admitido a importância do Castelo. Só então notou que ela tinha se erguido, com grande esforço, para olhar o Navio em ruínas.

— Você não devia ficar deitada? — perguntou. Milla tinha se ferido gravemente na luta contra o Merwin de um olho só, uma criatura cruel que, do chifre até a cauda, era maior que o trenó com todas as seis Wreskas à sua frente. Tal tinha conseguido cegá-lo com sua Pedra-do-Sol, mas foi Milla que matou o monstro. Ficava tentando lembrar disso, agora que ela estava sendo particularmente odiosa.

— É a pátria de nosso povo — disse Milla. — Há várias histórias sobre o Navio. Muitas de nossas maiores sagas começam e acabam aqui.

Fez uma pausa e tomou fôlego, num movimento que deve ter doído muito, mas ela não deu qualquer sinal disto, e começou a declamar:

*Verde o brilho do gelo do topo do mastro Negro o sangue, coagulado e gelido*

*Rubra a fita, trançada na barba*

*Branca a Wreska, que o leva para casa*

*Ragnar está de volta.*

Tal não disse nada. Toda a poesia dos Homens-do-Gelo — ou o que quer que fosse aquilo — parecia ser sobre pessoas que morreram heroicamente no Gelo.

— O Navio em ruínas é o Quartel-General das Donzelas Guerreiras — acrescentou Milla.

Agora Tal entendia por que Milla tinha se levantado pela lateral do trenó. As Donzelas Guerreiras viviam percorrendo o Gelo e resolviam disputas entre os diversos clãs, perseguiam malfeitores e matabam criaturas perigosas. Pelo que Tal pudera perceber, as únicas pessoas autorizadas a incorporar-se a esse grupo eram guerreiras muito assustadoras, inteiramente desprovidas de senso de humor.

Milla continuava fitando o Navio em ruínas, ignorando a dor do ferimento. Passara a vida se preparando para ser uma Donzela Guerreira. Os Homens-do-Gelo mediam sua idade em circuitos, o tempo correspondente a uma volta ao mundo completa, navegando na trilha da contínua migração dos Selskis.

Desde que tinha quatro circuitos, quando era uma criança pequena mas feroz, Milla vinha trabalhando incessantemente para ser a melhor esquiadora, dominar o uso das armas, enfrentar as caçadas mais perigosas.

Agora, apesar de ter vivido apenas quatorze circuitos, era uma exímia lutadora, até pelos padrões de sua raça guerreira. Provara isso na luta contra o Merwin de um olho só.

Poucos Homens-do-Gelo teriam conseguido derrotar a criatura, mesmo levando-se em conta que Tal a havia cegado com sua Pedra-do-Sol. Esse Merwin, em particular, era famoso por sua crueldade e vinha sendo procurado por uma boa dúzia de Donzelas Guerreiras há muitas jornadas. Elas chegaram tarde demais para lutar com o Merwin, mas bem a tempo de socorrer Tal e Milla, que estava gravemente ferida.

Milla olhou com relutância para a sombra deitada aos pés de Tal. Ela parecia bastante normal agora, mas era só porque Tal tinha sido advertido que morreria se ela não se comportasse como uma sombra comum. Mas Milla a tinha visto mover-se sozinha e assumir formas diversas. Tal dizia que era sua sombra-guardiã. Como Milla tinha compartilhado o sangue de Tal num juramento ritual, a sombra-guardiã fora capaz de assumir sua própria forma e estancar o sangue de seus ferimentos até as Donzelas Guerreiras chegarem.

Ela quase desejava que não tivesse sido assim, já que as sombras dotadas de vontade própria eram coisas malignas nas lendas dos Homens-do-Gelo. Tomara que não a considerassem contaminada pelo contato com a sombra e, por isso, incapaz de se filiar às Donzelas Guerreiras.

Enquanto Milla pensava nas Donzelas Guerreiras, Arla, a Guerreira Mãe do grupo, surgiu subitamente do meio da escuridão. Sem parar para retirar as lâminas de osso, finas e planas, que usava para deslizar através do gelo, pulou para dentro do trenó.

Tal se encolheu quando ela apareceu. Arla tinha um trecho mais que ele, de altura, e seu jeito de andar sugeria violência iminente. Tinha os olhos azuis, frios como o gelo, e jamais piscou enquanto Tal olhava para ela. No braço direito tinha cicatrizes terríveis adquiridas, segundo Milla, quando ela entrou pela goela de um Krall de couraça blindada para cortar-lhe a garganta pelo lado de dentro.

A não ser pelos olhos frios, Arla era belíssima por trás da máscara, os cabelos louros cortados curto emoldurando-lhe o rosto oval. Tal achou a combinação muito perturbadora.

— Só Donzelas Guerreiras podem ver a entrada do Navio em ruínas — anunciou Arla, pegando duas longas tiras de pele macia de Wreska num dos inúmeros bolsos do casaco. — Amarrem isso nos olhos, o mais apertado que puderem. Se tentarem remover as vendas, serão punidos com a morte.

— Preciso usar uma venda. Guerreira Mãe? — perguntou Milla. Ela já havia cumprido a primeira etapa para tornar-se uma Donzela Guerreira noviça. Na verdade, a Missão que faria dela uma efetiva Donzela Guerreira era ajudar Tal a voltar para o Castelo e conseguir uma nova Pedra-do-Sol para o navio de seu clã.

— Você ainda não é uma Donzela Guerreira — respondeu Arla. — Aqui, lidamos com o que é, e não com o que pode ser.

Milla franziu as sobrancelhas, mas não disse nada. Pegou a venda e a amarrou nos olhos. Tal fez o mesmo. Por um instante, pensou em levantar uma pontinha para poder ver. Afinal, era um Escolhido do Castelo e não tinha que obedecer a ninguém daqui. Mas alguma coisa no jeito de Arla dizer “serão punidos com a morte” fez com que desistisse de tentar espiar.

Era estranho andar sem poder enxergar nada, mas Tal não se importava de estar vendado uma vez que sabia que haveria luz quando retirasse a venda.

Mesmo nos piores momentos que passara fora do Castelo, sempre havia alguma luz por perto. Como a da sua própria Pedra-do-Sol — agora apenas um pedaço de pedra morta, desde que usara todo o seu poder para cegar o Merwin. A imensa família de Milla, o Clã dos Caçadores, possuía uma Pedra-do-Sol em seu navio, embora ela estivesse se apagando. Já estava até acostumado com a pálida luz verde das lâmpadas-mariposas dos Homens-do-Gelo, como aquelas que havia no trenó.

Apesar de ser prisioneiro das Donzelas Guerreiras, Tal se sentia surpreendentemente seguro. Pelo menos, elas o protegeriam dos Merwins e dos Selskis desgarrados, ou de qualquer outra terrível criatura do Gelo que porventura encontrassem. E, então, uma vez que tivessem chegado ao Navio em ruínas, tinha plena certeza que a Matriarca Mãe da Montanha da Luz acreditaria em sua história e o deixaria ir embora.

Sentiu uma ansiedade bem conhecida quando pensou em sua casa. Alguma coisa poderia ter acontecido a sua família enquanto esteve ausente. Seu pai, Rerem, tinha desaparecido. Sua mãe, Graile, estava muito doente. Seu irmão mais novo, Gref, tinha sido capturado por um Espírito-Sombra quando estava indo atrás de Tal em sua escalada pela parede externa da Torre Vermelha. E, para piorar ainda mais as coisas, havia poderosos Escolhidos no Castelo que, definitivamente, eram seus inimigos, embora o menino não soubesse por quê.

Tentou dizer a si mesmo que eles não eram inimigos de verdade, só alguns Escolhidos cedendo a impulsos de mau humor ou ao tédio. Mas, no fundo, sabia que não era bem assim. Não conseguia parar de pensar nisso, embora essas idéias o fizessem sentir-se muito mal. Continuou tentando imaginar por que alguém poderia querer rebaixá-lo à Ordem Vermelha, ou que ele passasse a fazer parte do Povo Inferior. Mas evitou deliberadamente arcar com as conseqüências de especular além disso. Afinal, era simplesmente impossível que um Escolhido quisesse que seu pai nunca mais voltasse e sua mãe morresse.

— Preciso voltar — sussurrou consigo mesmo. Milla murmurou a seu lado e ele teve certeza de que ela o ouvira. Mordeu o lábio, desejando não ter dito nada. Milla ia pensar que ele estava fraquejando.

— Quietos — disse Arla, bruscamente. Tal se encolheu. Não tinha percebido que a Guerreira

Mãe ainda estava com eles, no trenó. Ela estava tão quieta. Todos eles estavam.

Viajaram em silêncio por algum tempo, o trenó deslizando pelo vale. Finalmente, pararam. Tal pôde ouvir a Wreska sendo desatrelada e levada embora, seus cascos pontudos e afiados ressoando no gelo.

— Me dê a mão — disse Arla, envolvendo a mão de Tal na sua. — Você, Milla, vai carregada.

— Posso ir andando! — protestou Milla, mas Tal sabia que ela mal podia sentar. O chifre do Merwin tinha aberto seu flanco de ponta a ponta e, embora as Donzelas Guerreiras tivessem curado o ferimento bem depressa — com um tratamento à base de ungüentos de cheiro muito desagradável e estranhos cantos ritmados —, Milla tinha perdido uma quantidade assustadora de sangue e estava muito fraca.

Meio desajeitado por causa da espessura da luva de pele. Tal fechou os dedos em torno da mão de Arla e deixou-se guiar para fora do trenó. Começaram andando sobre o gelo e Tal deslizava e escorregava, enquanto Arla se mantinha em perfeito equilíbrio.

Então, ela disse:

— Cuidado com os degraus! — e as botas com travas de osso que ele usava já não esmagavam o gelo, pisando agora em solo diferente. Seus passos faziam um barulho surdo, profundo, como se estivesse andando numa bandeja de metal. Tal ficou surpreso — não tinha visto os Homens-do-Gelo usarem metal assim antes. Tudo o que tinham era feito de ossos, peles, tripas, dentes e outros pedaços e partes de animais.

No entanto, o barulho continuava. O vento que soprava também parou, de repente — deviam ter entrado em algum tipo de abrigo. Talvez já estivessem dentro do Navio...

Tal estendeu a mão que estava livre e tocou uma superfície absolutamente lisa, lisa demais para ser outra coisa que não pedra ou madeira bem polidas... ou então metal. Bateu, e ouviu outro estranho som tilintante. Teria feito o mesmo do outro lado, mas Arla continuava segurando sua mão com tanta força que não conseguiria soltá-la.

O barulho mudou novamente e o chão pareceu mais macio sob seus pés. Quase como a grama que crescia nas Cavernas-Jardim dos Escolhidos. Mas, certamente, aqui era frio demais para que alguma coisa brotasse, mesmo ao abrigo do vento.

Continuaram andando, com bruscas mudanças de direção que deixaram Tal inteiramente confuso. De vez em quando, faziam-lhe virar várias vezes, e subir e descer degraus.

Tal queria desesperadamente poder ver, mas não fazia qualquer movimento em direção à venda. Não valia a pena correr o risco.

Enfim, pararam. Arla soltou sua mão e, então, Tal sentiu uns dedos na parte posterior da cabeça, desatando a venda. Com a luz, ele pestanejou.

Estava num amplo aposento, perfeitamente retangular. As paredes e o teto eram de metal, de um dourado profundo, tão polido que ele podia ver seu próprio reflexo. O chão era coberto por um espesso tapete feito de quadrados de pele costurados uns aos outros.

Havia um chifre de Merwin em cada canto da sala. Na ponta de cada um deles, uma Pedra-do-Sol que enchia o aposento de uma luz clara e constante. Com uma iluminação como essa, não podia haver sombras — a não ser a sombra-guardião de Tal que fazia o possível para ficar pequenina e colada aos calcanhares de seu amo.

No meio da sala, havia uma longa mesa de osso amarelo, repleta de facas, vasilhas, um monte de raízes vegetais de aparência úmida e borrachuda, e um grande naco de carne rosada. Uma mulher muito velha cortava a carne em fatias finíssimas, com uma faca bem afiada feita do mesmo metal dourado das paredes. Era a primeira faca de metal que Tal via desde que deixara o Castelo.

Só quando conseguiu tirar os olhos do movimento hipnótico da faca que subia e descia, Tal percebeu que a velha tinha os mesmos olhos leitosos da Matriarca Mãe do navio dos Caçadores. Só podia ser cega, embora lidasse com a faca como se não fosse. Em suas mãos, a lâmina subia e descia, no ritmo do próprio coração de Tal, cortando com perfeição fatias de carne quase transparentes de tão finas, e sem ameaçar seus dedos.

Havia apenas mais uma pessoa na sala. Uma Matriarca um pouco mais moça, sentada num banco a um canto. Ela olhou para Tal e ele viu o brilhante lampejo prateado de seus olhos. Todas as Matriarcas eram assustadoras. Quando seus olhos não eram leitosos, tinham esse brilho artificial e pareciam olhar bem dentro da gente.

Assim como cortava a carne sem qualquer dificuldade, a Matriarca de olhos leitosos também parecia saber quem estava ali. Sem parar de cortar, olhou em redor e disse:

— Você trouxe nossos visitantes, Arla. Bem-vindos ao Navio em ruínas, Milla e Tal.

Ergueu a faca e o metal reluziu.

— Eslava esperando por vocês — acrescentou, recomeçando a cortar.

## Capítulo 2

— Nós a saudamos, Matriarca Mãe — disse Milla, batendo os punhos cerrados. Tal procurou sua Pedra-do-Sol para oferecer alguma luz em sinal de respeito, mas lembrou que ela estava morta. Rapidamente, então, inclinou a cabeça.

A Matriarca Mãe parou de cortar a carne e enrolou diversas fatias com tiras de um legume negro. Pôs essas trouxinhas em pratos de osso translúcido.

— Venham comer — disse. — Vamos conversar.

Como não havia cadeiras, Tal e Milla aproximaram-se da mesa. Arla e a outra Matriarca sentada na banquetta não se moveram. Evidentemente, o convite não era endereçado a elas.

Tal olhou para seu prato e desejou que o convite também não fosse endereçado a ele. Além da carne estar crua, aquela coisa preta não era nenhum legume que conhecesse. Para começo de conversa, aquilo era úmido, e parecia pegajoso. Fechou os olhos e engoliu um bocado de uma só vez. Desceu tudo tão depressa que ele mal sentiu que gosto tinha.

— Uma delícia rara — disse a Matriarca Mãe, com um sorriso que tornava ainda mais visíveis as rugas em torno de seus olhos embaçados. — Peixe Kerush e ervas marinhas, colhidas por debaixo do gelo.

— Por debaixo do gelo? — balbuciou Tal. Como se pode chegar debaixo do gelo? Podia entender que se pescasse abrindo um buraco no gelo, quando a camada era fina, e usando linha e anzol, mas como colher essas ervas marinhas?

— Temos nosso jeito — disse a Matriarca Mãe. — Agora, queria ver a sua sombra, Tal.

— Ela está aqui — disse Tal, nervoso, apontando para onde sua sombra-guardiã estava deitada, junto aos pés de Milla. Parecia um tanto estúpido mostrar a uma cega onde estava sua sombra.

— Não — disse a Matriarca Mãe. — Quero vê-la caminhando sem você.

Ela parecia bem severa, agora. Tal olhou para ela, perguntando-se como seus olhos leitosos poderiam ver o que quer que fosse. Ou, quem sabe, a Matriarca Mãe tinha outros meios de perceber as coisas?

— Sombra-guardiã, sombra-guardiã — sussurrou, depois de olhar para Arla e para Milla. — Assuma uma forma, a mais dócil possível.

Enquanto ele falava, a sombra-guardiã foi perdendo a forma de um garoto e transformando-se, pouco a pouco, em algo diferente. Um Dattu, percebeu Tal, aliviado. Um grande roedor, inofensivo, que vivia nas colinas verdejantes de Aenir, o mundo dos espíritos dos Escolhidos.

— Cuidado com a sombra que anda sozinha — murmurou Arla. Ela tinha visto a sombra-guardiã ajudar Milla a se manter viva após o ataque do Merwin. Mas, depois disso, a Guerreira Mãe advertira Tal que ele morreria se sua sombra o deixasse por um instante que fosse.

Se a ameaça não tivesse sido tão a sério, Tal teria rido. Sob alguns aspectos, os Homens-do-Gelo podiam estar um nível acima do Povo Inferior, mas não muito. Se soubessem usar corretamente as Pedras-do-Sol, não ficariam tão preocupados com uma sombra-guardiã como a de Tal. Duvidava que eles pudessem aprender a usar Pedras-do-Sol corretamente, já que isso exigia concentração mental. Até onde podia ver, os Homens-do-Gelo não eram profundos pensadores. Agiam por instinto, normalmente com violência.

— Não é uma daquelas sombras — disse a Matriarca Mãe. — É uma coisa menor, ainda na infância. As que devemos temer não podem alterar sua forma.

— Espíritos-Sombra? — perguntou Tal, não podendo evitar um sorriso superior. Embora tivesse tido experiências bem ruins com Espíritos-Sombra, eles continuavam a ser apenas instrumentos dos Escolhidos que os houvessem dominado. — Eles não passam de criados, como o Povo Inferior. Cada um deles é obrigado a obedecer a seu Senhor. Nenhum Escolhido voltaria um Espírito-Sombra contra vocês. Qual seria o problema? Não há nada por aqui que pudesse interessar a um verdadeiro Escolhido. Isto é, ninguém jamais se preocupou em verificar se havia algo aqui fora e, mesmo quando descobrirem, não acredito que fiquem interessados...

Sua voz foi-se extinguindo. Era difícil explicar isso sem ser grosseiro.

— Talvez — disse a Matriarca Mãe. — Mas sabemos muito sobre seu Castelo e as Sete Torres. E tanto Escolhidos quanto Espíritos-Sombra já desceram a montanha antes.

Tal ficou calado. Não sabia o que dizer. A Matriarca Mãe estava por certo tentando impressioná-lo, e duvidava que ela soubesse realmente alguma coisa sobre o Castelo e os Escolhidos. Pelo menos, nada de importante.

— Tudo o que quero é ir para casa — murmurou, quando a Matriarca Mãe parou de falar. — Preciso voltar e conseguir uma Pedra-do-Sol!

— Duas — acrescentou, uma fração de segundo depois que Milla olhou para ele, com os olhos penetrantes como facas. — Uma também para os Caçadores.

— Sim — disse a Matriarca Mãe. Ela pegou a faca e a enfiou no pedaço de carne à sua frente, fazendo Tal recuar. Milla nem vacilou. — Mas, desde que o Navio em ruínas está aqui e as Donzelas Guerreiras patrulham essas colinas, jamais deixamos alguém subir a Montanha da Luz, fonte da Sombra. Por que deixaríamos você passar?

Tal baixou os olhos para o chão enquanto lutava para pensar num motivo que parecesse importante para essa gente do Gelo. Não lhe ocorreu nada. Nenhuma palavra brilhante. Nem respostas inteligentes. Apenas uma verdade.

— É meu lar — disse tristemente. — Lá é o meu lugar.

— Sim — disse a Matriarca Mãe. — Ao Navio vem o Homem-do-Gelo, voltando para casa, enquanto os Escolhidos vão para o Castelo.

Contornou a mesa e parou junto de Tal. De perto, ela parecia maior, bem uma cabeça mais alta que ele. Usava apenas umas peles leves e tinha os braços descobertos, mostrando várias cicatrizes. Mais de perto ainda, o aspecto leitoso de seus olhos mais parecia o brilho luminoso das lâmpadas-mariposas que o efeito da idade ou de uma doença.

Pelas cicatrizes, Tal imaginou que a Matriarca Mãe tivesse sido, um dia, uma brava Donzela Guerreira. Ela também podia soar ameaçadora quando desejava.

— Como podemos deixá-lo voltar sem abrir um caminho até nós, um caminho que as sombras possam querer usar?

— Não sei — disse Tal. — Mas a Matriarca Mãe do Clã dos Caçadores disse que eu voltaria. Não disse?

A pergunta era dirigida a Milla, que tinha ouvido a estranha profecia da outra Matriarca Mãe. Mas foi esta Matriarca que respondeu.

— O lar é o Castelo, mas não é o lar — recitou ela, repetindo duas linhas da profecia. —

Mesmo entre as Matriarcas, a verdade nem sempre é clara. Diga-me, Guerreira Mãe, o que você acha que devemos fazer com Tal?

— Jogá-lo no Gelo — disse Arla, de maneira inexpressiva.

— O quê?! — exclamou Tal. Era o mesmo que matá-lo.

— E você, Milla? — perguntou a Matriarca Mãe. — O que devemos fazer com este menino que está ligado à sua Missão?

— O Clã dos Caçadores precisa mesmo de uma Pedra-do-Sol, Matriarca Mãe — disse Milla. Tal olhou para ela agradecido, mas ela não olhou para ele.

— E também o dos Caçadores de Selski, o dos Arpões Afiados e o do Ângulo Sul, entre tantos outros — replicou a Matriarca Mãe. — Vários outros. Muitos. Assim sendo, não vamos jogá-lo no Gelo, Tal. Não enquanto você puder ser útil.

— Como? — perguntou Tal, embora pudesse imaginar a resposta.

— Pedras-do-Sol — disse a Matriarca Mãe. — As amigas já se extinguíram e, embora tenhamos encontrado algumas, elas não duram muito. Por que será que as Pedras-do-Sol que caem por aqui se esgotam tão depressa? Não sabemos. É isso que nos preocupa, entre outras coisas. Os clãs precisam de Pedras-do-Sol. As Matriarcas precisam de conhecimento. Decidimos, então, talvez deixar que você volte para o seu Castelo. Venha.

Ela se afastou, dirigindo-se a uma parede, e puxou uma cortina de retalhos de pele que escondia uma passagem.

— Você também, Milla. Você pode ir, Guerreira Mãe.

Talvez, pensou Tal, quase sempre era apenas uma maneira de dizer não. Mas, desta vez, achava que queria dizer sim. Só que, conhecendo os Homens-do-Gelo, bem que poderia ser algum tipo de armadilha. Já tinha sido forçado a jurar que conseguiria uma Pedra-do-Sol para os Caçadores. Talvez a Matriarca Mãe também quisesse um juramento.

Mas Tal juraria qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, para poder ir para casa. E só depois pensaria nas conseqüências.

### Capítulo 3

A Matriarca Mãe conduziu Milla e Tal por um pequeno corredor, até uma peça imensa que, compreendeu ele, devia ter sido um dia o porão principal do Navio.

Era um espaço amplo, não muito iluminado, e a luz que ali havia parecia vir de uma mistura de Pedras-do-Sol, lâmpadas-mariposas e águas-vivas luminosas, uma estranha combinação de cores e luz. Para tornar aquilo ainda mais estranho, Tal não conseguia descobrir de onde exatamente toda a luz estava vindo.

A maior parte da peça era ocupada por algo que parecia um estranhíssimo tabuleiro de jogo. Enquanto caminhava, seguindo a Matriarca, Tal calculou que o tabuleiro teria oitenta trechos de comprimento por quarenta de largura, já que um passo seu correspondia aproximadamente a um trecho.

O tabuleiro — ou seja lá o que fosse aquilo — ocupava todo o centro do porão. Observando-o, na fraca luminosidade. Tal viu que era feito de milhares de lajotas quadradas. Vinte ou trinta pessoas, usando chinelos, moviam-se em torno dele, deslocando miniaturas de navios do gelo ou, com menos frequência, trocando lajotas que eram substituídas por outras trazidas até o tabuleiro.

Eram todas garotas, mais ou menos da idade de Milla, que, pelo que Tal imaginava, era muito próxima da sua — um pouco menos de quatorze.

Todas vestiam peles de andar em casa, da mesma cor branca, com desenhos semelhantes, de listras negras. Tal não sabia de que tipo de animal eram aquelas peles. Não era o couro de Selski, preto e lustroso, usado na armadura de Milla, nem a pele macia e marrom das Wreskas de que eram feitas suas próprias luvas, e ele não tinha visto esse desenho preto e branco nas roupas de nenhum outro Homem-do-Gelo. As Donzelas Guerreiras de Arla usavam um peitoral de couro de Selski preto, braçais e perneiras sobre peles brancas listradas de prateado.

As garotas eram comandadas por sete mulheres sentadas em cadeiras de osso trançado, de espaldar alto, dispostas a intervalos regulares ao redor do enorme tabuleiro de jogo.

Eram Matriarcas, imaginou Tal. Pelo menos, todas tinham o mesmo brilho revelador nos olhos, como a Matriarca do Clã dos Caçadores, ou a mulher que estava sentada no fundo da sala quando encontraram a Matriarca Mãe. Tal se perguntava como seus olhos teriam adquirido tanto brilho e o que acontecia, quando se tornavam Matriarcas Mães, para que seus olhos mudassem novamente.

As sete Matriarcas pareciam olhar para o vazio, mas de vez em quando, uma delas fazia um gesto e uma garota atravessava rapidamente o tabuleiro para ir até ela. Conversavam em voz baixa e, então, a garota voltava ao tabuleiro e movia um navio, ou, quem sabe, trocava uma lajota por outra que ia buscar numa das inúmeras prateleiras que havia na parede, do fundo.

Quando se aproximaram, as meninas pararam o que quer que estivessem fazendo para saudar a Matriarca Mãe batendo com os punhos. Ela parou na borda do tabuleiro e Tal se adiantou para olhar mais de perto. Viu que, em cada lajota, estavam gravados símbolos tenuemente luminosos. Avaliando por alto, calculou que havia cerca de mil e quatrocentas lajotas e quatrocentas ou quinhentas miniaturas de navios.

Viu também que, bem no meio do tabuleiro, havia uma miniatura que não era de um navio. Era uma montanha, com uma construção no topo. Uma construção com sete torres que brilhavam com minúsculos pedaços de Pedras-do-Sol. Nitidamente, eram o Castelo e a

Montanha da Luz. Mais abaixo, havia uma miniatura do Navio em ruínas, recoberta pelos mesmos líquens luminosos que cresciam no navio de verdade..

— É um mapa — disse Tal, de súbito. Cada lajota representava determinada área — ele não tinha idéia do tamanho delas — e os símbolos nelas gravados indicavam a região ou, talvez, o estado do Gelo. Cada miniatura era diferente, representando um determinado clã de Homens-do-Gelo e seu navio.

Tal olhou para Milla. Ela fitava as meninas com evidente desejo. Eram, sem dúvida, Donzelas Guerreiras novatas que haviam cumprido sua Missão e começado seu treinamento. Elas eram o que Milla queria ser, de todo o coração.

— Nós o chamamos Calculador. É um mapa apenas razoável — disse a Matriarca Mãe. — Olhe os navios de perto, Tal.

Ele olhou os que estavam mais perto. Eram esculpidos em osso translúcido, ou talvez em pedra. Na verdade, a luz vinha do interior dos navios. Alguns estavam cheios de mariposas luminosas, outros, de águas-vivas luminosas, e outros ainda, de minúsculos fragmentos de Pedra-do-Sol. Tal não sabia ao certo o que isso significava, mas menos de quarenta navios, em cem, eram iluminados por Pedras-do-Sol.

— Houve uma época em que praticamente cada clã tinha uma Pedra-do-Sol — disse a Matriarca Mãe. — Agora, é o que você está vendo.

— Como sabe? — perguntou Tal. Olhou, então, para as meninas que deslocavam navios de uma lajota para outra. — Você está querendo dizer que esse... Calculador mostra realmente onde todos os navios estão exatamente agora, e se eles têm uma Pedra-do-Sol?

— E as condições do gelo — acrescentou Milla, contemplando a mesa com uma atenção entusiasta.

— Entre outras coisas.

— Mas como? — perguntou Tal, assustado. Se existiam realmente todos esses navios, havia muito mais Homens-do-Gelo do que imaginara. E, sem dúvida, eles possuem uma poderosa magia para saber onde está cada navio!

— O que uma Matriarca vê, todas podem ver, acordadas ou dormindo — disse a Matriarca Mãe. — E todos os clãs têm pelo menos uma Matriarca. Nós, os Homens-do-Gelo, não somos desprovidos de poder, Tal. Lembre-se disso quando voltar para o Castelo.

— Vou me lembrar — disse Tal, rapidamente. Mas ele não estava realmente preocupado com a mágica dos Homens-do-Gelo. Acabara de ouvir palavras que, para ele, eram muito mais mágicas do que Matriarcas que podiam ver através dos olhos das outras. Quando voltar para o Castelo.

— Mas quando podemos ir? E como chego lá?

— Este Navio não é a única ruína que se pode encontrar na Montanha da Luz — respondeu a Matriarca Mãe. — Em outros tempos, havia uma estrada que ia do sopé até o alto. Há muito que a maior parte dela desmoronou e ela não leva mais a parte alguma perto do topo. Mas, mesmo em ruínas, pode facilitar sua viagem, até que você possa entrar no Castelo por outros caminhos.

— Outros caminhos?

Tal não gostou do modo como isso soara. Fazia com que a volta para o Castelo parecesse difícil. Mas, pior ainda era a idéia de que os Homens-do-Gelo pudessem conhecer passagens

secretas para a sua casa. Para disfarçar sua perturbação, coçou o olho, escondendo o rosto com a mão.

— Não sei ao certo que caminhos são esses, e onde estão, mas sei que existem — disse a Matriarca Mãe. Afastou-se do Calculador e dirigiu-se a uma das estantes, tocando suavemente com os dedos diversos objetos em várias prateleiras. Tal e Milla a seguiram, a menina ainda olhando com o canto do olho as garotas que deslocavam navios e lajotas.

— Ah! aqui está — disse a anciã, tirando de uma prateleira uma pequena bolsa de couro de Selski bastante empoeirada e estendendo-a a Tal. — Abra.

Tal abriu a bolsa, espirrando com as nuvens de poeira que saíam dela. Havia ali dois objetos: um pequeno retângulo de osso, que não era maior que sua mão, e uma lupa com aro de ouro.

— Há muito tempo — começou a Matriarca Mãe —, quando eu era pouco mais velha que essas jovens Donzelas Guerreiras, um homem foi encontrado perto do Navio em ruínas: um homem sem sombra. Ele a tinha perdido, segundo disse, e talvez tivesse mesmo, percebemos, porém, que tinha medo de todas as sombras, como se temesse a volta da sua. Ele se dizia um Escolhido do Castelo das Sete Torres, embora não dissesse mais nada. Não pedimos explicações pois ele não era o primeiro estranho a descer a Montanha da Luz. A memória das Matriarcas é extensa.

— Ele ficou conosco por muitas jornadas, esculpindo esse osso com o auxílio dessa lupa para que o seu trabalho fosse cada vez menor e mais secreto. Nunca disse exatamente do que se tratava, mas acho que era um mapa, indicando um caminho para seu Castelo.

Tal olhou para o pedaço de osso com mais interesse e aproximou a lupa do olho. A lente era possante e, portanto, mesmo com a fraca iluminação, pôde descobrir minúsculos desenhos traçados na superfície do osso. Também havia caracteres, uma escrita tão miúda que deve ter sido esculpida com a mais afiada das agulhas. Tal precisava de mais luz para enxergar o que estava escrito, embora o alfabeto fosse o que se usava normalmente no Castelo e não as runas mais complexas usadas no mundo dos espíritos de Aenir.

— Ele lhes disse seu nome? — perguntou Tal. — O que aconteceu com ele?

— Nós o chamávamos Cara-Comprida porque, logo que chegou, tinha as sobranceiras e boa parte do cabelo queimadas, de forma que sua testa era alta e tão lisa quanto suas faces. Quando acabou de esculpir foi ficando fraco e não pôde ser curado. Nós o lançamos ao Gelo.

Tal estremeceu. Aquela gente não via qualquer problema em lançar ao Gelo alguém que estivesse fraco ou não servisse mais para nada. Não tinha visto nenhum velho entre eles, a não ser as Matriarcas.

— Pode ficar com o mapa de Cara-Comprida — disse a Matriarca Mãe — e pode pegar qualquer apetrecho de que precise. Milla ainda deve repousar por vários dias antes que possam partir, mas, depois disso, estão livres para ir embora. Se Milla voltar com a Pedra-do-Sol, ficaremos sabendo que chegou a hora de os Homens-do-Gelo e os Escolhidos se encontrarem. Caso contrário, teremos que procurar outras maneiras de obter nosso conhecimento... e nossas Pedras-do-Sol.

Não havia nada de ameaçador em sua voz, mas Tal sentiu que havia, ali, uma ameaça velada. A princípio, não se preocupou com isso. Os Homens-do-Gelo eram ferozes e as Matriarcas tinham, obviamente, poderes que ele não compreendia, mas eles jamais poderiam enfrentar a Luz mágica dos Escolhidos e a força de seus Espíritos-Sombra.

Enquanto pensava assim, porém, olhou novamente para o Calculador e todos aqueles navios. Havia um montão deles, talvez cerca de quinhentos. Espalhados pelo mundo todo, ainda bem... mas eram muito mais numerosos que os Escolhidos. Se pudessem entrar no Castelo...

— Milla não precisa vir — disse ele. — Posso voltar para trazer uma Pedra-do-Sol.

— Você voltaria para cá? — perguntou a Matriarca Mãe esboçando um leve sorriso. — Acho melhor Milla ir com você e conseguir ela mesma uma Pedra-do-Sol.

— Claro — disse Tal, infeliz. Tinha se acostumado a viajar com Milla quando ela estava ferida — e ficava quieta. Não se animava a viajar com ela quando estivesse curada. Nunca sabia o que poderia fazer, e desconfiava que ainda quisesse matá-lo. Para ela, ele continuava sendo apenas um invasor que encontrara uma boa desculpa para salvar a pele.

No entanto, ela tinha feito um juramento. Provavelmente, podia confiar nela — pelo menos até entrarem no Castelo. Aí, Tal teria toda uma coleção de problemas...

## Capítulo 4

Durante os quatro dias e quatro noites que se seguiram, Tal tentou perambular pelo Navio em ruínas. Mas, sempre que ia abrir uma cortina ou passar por uma porta, uma das Donzelas Guerreiras novatas surgia, vindo de trás, da frente ou dobrando uma esquina e, educadamente, o conduzia de volta para algum lugar onde ele já tivesse estado.

Acabou descobrindo que só tinha permissão para circular pelo quartinho que lhe tinha sido destinado, o Salão do Calculador, o Salão de Banquete das Novatas, onde fazia as refeições (embora jamais tivesse visto qualquer coisa que se pudesse chamar de banquete) e, por vezes, ir ao quarto onde haviam determinado que Milla ficasse de repouso.

O único exercício guerreiro que Milla podia praticar na cama era o mau humor. Já que Tal era a única pessoa com quem podia praticar impunemente, ele achava que ir visitá-la não era lá muito divertido.

Mas, simplesmente, não havia nada para fazer, a não ser olhar os navios e as lajotas serem deslocados no Calculador, e isso era quase tão chato quanto as lições de fundamentos da luz dadas, todo ano, pelo Professor aposentado Jannem.

O lado positivo era que Milla, embora furiosa por estar de cama, também estava entediada e, às vezes, respondia efetivamente às perguntas de Tal. As Donzelas Guerreiras novatas nunca falavam com ele, a não ser para impedi-lo de ir a algum lugar ou fazer algo que não era permitido.

— Por que é que não tem nenhum homem aqui? — perguntou Tal, no segundo dia, depois de se esquivar de um travesseiro que Milla atirara nele. Devolveu-lhe o travesseiro percebendo que seu rosto tinha perdido o tom acinzentado e doentio, e estava recuperando sua palidez habitual, surpreendentemente delicada. Todos os Homens-do-Gelo eram muito pálidos, muito mais que os Escolhidos.

A maioria deles também tinha a mesma cor de cabelo, que parecia uma mistura de luz do sol com cinzas brancas. O de Tal tinha cor de sujo e batia pouco acima dos ombros. Ele achava que cortar o cabelo curto seria admitir que já não era mais um autêntico Escolhido.

— Nenhum homem aqui? — rosnou Milla

— Aqui, no Navio em ruínas.

— Eu já lhe disse — grunhiu Milla, — que é o Quartel-General das Donzelas Guerreiras. Não é um navio comum, de um clã. Não existem famílias, crianças, caçadores ou Selskis. Os únicos homens que vêm aqui são caçadores que se perderam... ou um Cavaleiro da Espada.

— Um Cavaleiro da Espada? — perguntou Tal, subitamente interessado.

— As mulheres que desejam servir a todos os clãs tornam-se Donzelas Guerreiras — explicou Milla. — Mas os homens não trabalham tão bem em grupo, portanto, aqueles que desejam ser legisladores e protetores tornam-se Cavaleiros da Espada.

— O que você está querendo dizer? — perguntou Tal.

— Qualquer um sabe disso — disse Milla amarrando a cara. — Alguns clãs preferem um Cavaleiro da Espada, embora eles possam ser pouco confiáveis e sejam difíceis de se encontrar. Mas dá uma saga melhor, suponho eu.

— Preferem um Cavaleiro da Espada para quê?

— Problemas! — dardejou Milla. — Quando temos problemas, procuramos as Donzelas Guerreiras mas, às vezes, um Cavaleiro da Espada encontra a gente e o problema antes.

— Mas, as Donzelas Guerreiras não são heroínas? — indagou Tal. — Quer dizer, você matou o Merwin. Isso não faz de você uma heroína? O que faz de você um Cavaleiro da Espada?

— Quero ser uma Donzela Guerreira e, portanto, devo tentar ser uma heroína — repetiu Milla. — Mas só homens podem ser Cavaleiros da Espada. Todos os Cavaleiros da Espada são heróis, mas nem todos os heróis são Cavaleiros da Espada.

— O quê? — perguntou Tal. Ele estava ficando confuso. — Então, como vocês chamam um homem que seja um herói mas não seja um Cavaleiro da Espada? Como chamam aqueles que usam um machado ou uma lança?

Milla não respondeu. Pegou a espada de chifre de Merwin que estava sempre a seu lado e preparou-a para ser arremessada como uma lança. Tal não esperou para virar alvo ou para ter mais explicações sobre Donzelas Guerreiras e Cavaleiros da Espada. Desapareceu por um canto e não voltou a visitar Milla até que ela estivesse de pé e já tivessem começado os últimos preparativos para sua partida.

Deixaram o Navio em ruínas depois de uma estada de cinco jornadas completas, do mesmo jeito que entraram, tropeçando, com os olhos vendados, e guiados por Arla. Pelo menos, agora estavam muito mais bem equipados. As Donzelas Guerreiras foram generosas, fornecendo-lhes peles novas, dentes para escalada, cordas de couro de Selski trançado e outras coisas consideradas essenciais para escalar a estrada desmoronada que levava à Montanha da Luz.

Tal usara parte do tempo passado no Navio para estudar o mapa de Cara-Comprida. Chegara à conclusão que o osso não tinha sido efetivamente entalhado com um instrumento afiado, mas cortado com luz de uma Pedra-do-Sol. Isso significava que o Escolhido que fizera esse trabalho tinha sido extremamente habilidoso e que ainda tinha sua Pedra-do-Sol quando veio, cambaleando montanha abaixo, até o Navio em ruínas. Mas não tinha seu Espírito-Sombra.

A lâmina não dava qualquer pista quanto ao mistério que envolvia aquele que a fizera. Havia, ali, algo escrito, além de marcas regulares que obviamente constituíam um mapa. Mas tudo o que estava escrito era:

*Metade estrada abaixo pirâmide Imrir caída 100 trechos entrada túnel aquecimento Povo Inferior 7.*

Tal passou algum tempo examinando isso e dando tratos à bola, mas tudo o que pôde imaginar era que isto significava que havia uma entrada para o sistema de aquecimento do Castelo — que, como ele sabia, atravessava a montanha, bem abaixo, lá no centro da terra. Povo Inferior 7 era por certo uma referência ao nível mais baixo do Povo Inferior que, supunha Tal, era onde ficava a saída do túnel do sistema de aquecimento. Possivelmente, a passagem para o exterior ficava mais ou menos no meio da montanha, perto de uma pirâmide caída.

Tinha uma vaga lembrança de que Imrir fora o Imperador há muito tempo. A atual Imperatriz não tinha nome — Tal nunca havia pensado sobre isso antes. É claro que ela era Imperatriz há muito mais tempo que a maioria dos outros, driblando a velhice graças ao domínio da magia da Pedra-do-Sol. Talvez Imperadores e Imperatrizes só recebessem um nome depois de mortos.

Todas essas idéias sobre a Imperatriz desapareceram quando a venda foi retirada. Arla os deixou, sem dizer uma palavra. Tal observou aliviado ela se afastar silenciosamente. Quando Arla estava por perto, sentia-se como uma Cavarata prestes a ser pisada. Milla, é claro, teve uma reação inteiramente diferente. Arla era tudo o que ela queria ser daqui a uns vinte circuitos.

Tal ficou só com Milla e o vento cortante. Bem abaixo, podiam ver o contorno luminoso do Navio em ruínas.

Ambos tinham lanternas-mariposas, mas a tênue luz esverdeada revelava apenas neve e blocos de rocha escaldada. Se havia uma estrada — mesmo em ruínas —, Tal não conseguia vê-la.

— Venha — ordenou Milla. Pôs seu fardo nas costas e foi se afastando. Tal se atrapalhou todo com seu próprio fardo, gemendo com o peso inesperado. Ele estava cheio de peles de dormir, equipamento de escalada, comida e o que parecia ter ao menos o mesmo peso que ele em outras coisas que os Homens-do-Gelo consideravam essenciais. Tal adoraria ter uma Pedra-do-Sol porque, assim, poderia aquecer-se decentemente. Mesmo com camadas e camadas de espessos casacos de pele, uma máscara de osso revestida de tecido e uma capa curta, com capuz, forrada de caudas macias de alguma coisa de nome impronunciável, continuava sentindo frio.

Apesar de não ver nenhuma estrada através das lentes de âmbar de sua máscara, Tal foi atrás de Milla, obedientemente. Quem sabe ela estivesse vendo algo, ou Arla lhe tivesse ensinado algum sinal a ser procurado.

Estava difícil seguir adiante, mas não tanto. Às vezes, tinham de escalar grandes blocos de gelo que tinham deslizado lá de cima, mas era evidente que estavam num caminho feito por seres humanos.

Mais uma vez, Tal lamentou não ter uma Pedra-do-Sol. Queria iluminar a montanha inteira para ver os penhascos íngremes erguendo-se cada vez mais alto, e admirar como a rocha fora entalhada com precisão para criar a estrada, zigzagueando montanha acima, sem o que tudo aquilo seria uma região intransponível.

Mas, tudo o que podia ver, agora, eram as eventuais marcas de uma construção, especialmente em locais onde um trecho de estrada bem preservado e o flanco da montanha formavam um ângulo reto perfeito.

Outras vezes, não tinha a menor idéia de como Milla voltava a encontrar a estrada depois de uma passagem em que ela tinha desmoronado.

Perguntou-lhe isso.

— A estrada tem cheiro de Ghalt, pedra derretida — disse ela. Como de hábito, sua voz denotava uma certa relutância em falar com Tal, misturada com o desejo de exibir o quanto os Homens-do-Gelo eram superiores. Ela se abaixou, limpou uma fina camada de neve e, com algum esforço, arrancou um pedaço de rocha negra que brilhou à luz das mariposas.

— Há tanques quentes de Ghalt nas longínquas montanhas do sul — disse ela, pondo o pedaço de rocha debaixo do nariz de Tal. — Quando está quente, isso corre como água e tem um cheiro muito ácido. Mesmo sendo muito velho, o Ghalt aquecido continua a ter cheiro. Não sei como os antigos trouxeram isso para cá para fazer a estrada.

Tal ergueu a máscara para cheirar a pedra, mas não conseguiu sentir nada. Tudo o que conseguiu foi ficar com o rosto gelado.

Com o passar das horas de caminhada, Tal nem queria mais saber como Milla encontrava a

estrada. Apenas ficava feliz por ela conseguir. Tinha também esperanças de que ela logo parasse para que ele pudesse descansar. Ela também devia estar cansada, pensou, afinal, ainda estava se recuperando do ferimento. Mas Milla não dava sinais de esgotamento.

Quando enfim parou, não foi para descansar. Recuou subitamente, quase esbarrando em Tal. Enquanto ele a fitava, atônito, Milla passou o braço em volta dele e o derrubou no monte de neve mais próximo, colado ao flanco da montanha.

Quando mergulharam na neve, Tal sentiu uma forte rajada de ar passar por eles. Viu de relance enormes olhos translúcidos, cada um deles do tamanho de sua própria cabeça, seguidos por um bater de grandes asas.

— O que foi isso?

Milla tapou-lhe a boca com a mão e Tal quase sufocou com a luva de pele. Começou a se debater mas logo parou porque sentiu uma faca encostada na garganta. Ela ordenou, num sussurro:

— Fique quieto!

Ambos ficaram deitados na neve, sem se mover. Finalmente, ouviram um terrível guincho, a uma certa distância, e Milla relaxou. A faca caiu-lhe das mãos e ela deixou que Tal se sentasse.

— Um Brocal — disse ela. — Não podem nos ver se ficamos absolutamente imóveis. E também são um pouco surdos.

— O que foi aquele... aquele barulho? — perguntou Tal. Os invisíveis caçadores dos ares faziam com que aquele lugar fosse ainda pior do que estar no Gelo. Com os Selskis, pelo menos, você podia ouvir quando estavam se aproximando, e também podia ver o chifre luminoso de um Merwin.

Como Milla não respondeu, Tal repetiu a pergunta.

— Pode ser um monte de coisas — respondeu Milla de forma evasiva. — A refeição do Brocal, acho.

— Quer dizer que a grande Milla não sabe tudo — observou Tal. Milla ignorou-o e continuou prestando atenção na parte mais baixa da montanha.

— Talvez... talvez seja justo ao contrário — acrescentou Tal. Aquele guincho não parecia alguma coisa sendo apanhada. Tinha soado triunfante. — Talvez o Brocal tenha sido a refeição de outra coisa.

Eles se entreolharam, com expressões que as máscaras escondiam. Entretanto, Milla retomou a caminhada, com passo mais rápido, e Tal foi atrás, sem reclamar.

Sem sua Pedra-do-Sol, não tinha idéia do tempo que havia se passado quando finalmente pararam para descansar e comer. Como acontecia no Gelo, a refeição era carne de Selski que eles esquentavam num fogareiro de óleo de Selski.

— Vamos fazer três turnos. Fico de guarda no primeiro e no terceiro — declarou Milla quando acabaram de comer. — Você só precisa ficar acordado no turno do meio.

— Posso agüentar dois turnos — disse Tal. — Vamos fazer quatro turnos.

— Você sabe contar cada respiração sem pensar, mesmo enquanto está dormindo? — perguntou Milla.

— Hum... Não... — respondeu Tal. — O que é...?

— É como calculamos o tempo quando não tem outro jeito de fazer isso — explicou Milla, como se estivesse falando com uma criança bem pequena. — Então, aviso quando seu turno estiver começando e acabando.

Não havia o que discutir. Discretamente, Tal ficou tentando contar cada respiração, mas estava sempre perdendo a conta. Desconfiava que Milla também não conseguia e, mais uma vez, só estava tentando ser melhor que ele.

O lugar onde pararam era frio e perigoso, num ponto em que a estrada passava junto a um precipício. Apoiaram as costas na montanha e Tal repetiu trinta vezes para si mesmo: Não posso andar dormindo.

O sono não veio com facilidade. O vento soprava montanha abaixo e parecia querer agarrar Tal e Milla, e levá-los consigo até o Navio em ruínas, bem lá embaixo. Como tinham subido muito, fazia ainda mais frio do que no Gelo e, quando Tal deu por si, estava chegando cada vez mais perto de Milla, para se manter aquecido.

Milla parecia estar considerando isso muito normal, mas Tal achava que mesmo a proximidade daquele monte de agasalhos de pele era irritante. Ele nunca tinha estado tão perto de uma garota antes, muito menos de uma que poderia matá-lo se, acidentalmente, pusesse o braço em volta dela enquanto sonhava.

Essa idéia não o ajudou a pegar no sono. Tampouco os ruídos que ouvia, ou pensava ouvir, na noite. Mesmo quando deveria estar dormindo, Milla se sentava, de vez em quando, para escutar. Às vezes, Tal se perguntava se ela realmente dormia. Não se espantaria de descobrir que, se dormia mesmo, era com um olho aberto.

O turno intermediário pareceu se estender indefinidamente. Tal decidiu testar se Milla estava dormindo. Afastou-se um pouco, mas ela nem se mexeu. Afastou-se, então, um pouco mais. Ela se aconchegou nas peles, e Tal sorriu. Estava dormindo mesmo.

Estendeu a mão para lhe fazer cócegas bem de leve, sob o queixo, onde aparecia um pedacinho de sua pele entre a máscara e a gola fechada. Muitas vezes, fizera isso com Gref, passando a unha nele, como se fosse um inseto, só para ver quanto tempo seu irmão levava para acordar.

Sua mão enluvada já estava quase tocando o queixo de Milla quando a mão da menina deslizou para fora das peles de dormir e a faca encostou bruscamente no mesmo ponto, sob o queixo de Tal. Por um momento glacial, eles se encararam até que Tal retirou a mão e Milla guardou a faca.

— Duzentas e setenta e cinco respirações — disse Milla. — Saberei quando for minha vez.

Tal ficou bem desperto pelo resto de seu turno, mas o sono logo tomou conta dele quando Milla o substituiu.

Apesar disso, sentia-se como se não tivesse dormido nada, quando Milla o sacudiu para acordá-lo e recomçarem a caminhar. Agora a escalada estava ficando mais difícil, já que a maior parte da estrada tinha sido destruída por avalanches. Em alguns pontos, a montanha simplesmente ruíra. Tinha que escalar blocos de gelo e pedra muito íngremes, usando cordas, mandíbulas de Wreskas cheias de dentes afiados, presas às laterais de suas botas, e pontas de ossos — chamadas pitões — que eles martelavam com uma pedra arredondada, do tamanho do punho de Tal.

Milla tinha muita experiência de escaladas. Tal não tinha nenhuma. Felizmente, tinha sua

sombra-guardiã para ajudá-lo, embora tentasse não apelar muito para ela. Não queria que Milla pensasse que ele devia favores a sua sombra.

Para Tal, a maior dificuldade era não poder ver. Quando estavam escalando, as lâmpadas-mariposas eram amarradas a suas mochilas e, com isso, a luz ficava muito mais em suas costas que diante deles.

Era ainda pior quando nevava. Os dois primeiros “dias” (pelos cálculos de Milla) foram claros e frios. Mas, lá pela metade da segunda noite, começou a nevar muito forte, tão forte que eles teriam sido soterrados se estivessem no nível do chão.

Continuou nevando durante todo o terceiro dia e, exatamente quando Tal estava pegando no sono, a neve transformou-se numa chuva particularmente úmida e desagradável, com súbitas rajadas soprando na horizontal. Num minuto, as roupas do viajante estavam ensopadas. Ainda bem que as peles de baixo ficaram secas, demonstrando que os Homens-do-Gelo tinham muita prática dessa vida selvagem.

A essa altura, Tal estava tão cansado que, assim que Milla lhe disse que podia dormir, adormeceu apesar do tempo que fazia.

No quarto dia, a chuva enfim foi amainando e parou completamente. O vento também cessou e o ar ficou parado. Eles avançaram bastante e, em poucas horas, chegaram a algo que devia ser a pirâmide caída mencionada na lâmina de osso.

Viram-na pela primeira vez quando ela refletiu a luz de suas lâmpadas e, por um instante, com o coração na boca, ambos acharam que estavam diante dos olhos de alguma criatura imensa. Mas, à medida que o reflexo ia se multiplicando, ficou claro que o que jazia ali não era uma coisa viva. Arrastando-se com muita dificuldade estrada acima, viram que era uma pirâmide. Uma pirâmide de cristal azul, três vezes maior que Milla. Ela devia ter caído da montanha há muito tempo, porque não estava mais de pé.

Sua ponta estava virada para baixo, em direção a terra, e não apontando para o céu escuro.

— A entrada para o túnel de aquecimento deve estar perto — disse Tal. — Mais uns cem trechos, segundo o mapa.

— Ele menciona isso? — perguntou Milla, erguendo a lanterna. A luz verde se espalhou e os reflexos na pirâmide desapareceram.

Bem diante da pirâmide, a estrada tinha simplesmente desaparecido. Tinha desabado, deixando um buraco assustador.

— Oh! — disse Tal. — Não menciona, não.

Com todo cuidado, Tal e Milla se arrastaram até a borda. Não podiam ver o fundo.

— Podemos escalar e passar por cima dele? — perguntou Tal, olhando para o flanco da montanha.

Milla moveu a lanterna e percebeu a rocha solta e as marcas do deslizamento recente. Abanou a cabeça, então.

— A parede da rocha está solta demais — anunciou. — Temos que pular o buraco.

## Capítulo 5

— Pular? — exclamou Tal. — Impossível. Deve ter dez.. talvez doze trechos!

Milla empurrou a máscara para trás e olhou outra vez para o abismo.

— Não, podemos pular — disse. — Até você pode.

— Tem que haver outro jeito — disse Tal, desesperado. Dirigiu-se para a borda da estrada, encostada à montanha, e testou seu peso numa saliência de pedra acima de sua cabeça.

A pedra rolou, junto com várias outras, e quase acertou a cabeça de Tal. Milla tinha razão. Estava solto demais.

Voltou a olhar o buraco. Seria suicídio tentar saltar por cima dele. Não dava nem para ver o fundo. Estavam quase numa curva da estrada, cairiam direto na parte da estrada que ficava mais abaixo. Eram, no mínimo, uns quinhentos trechos!

Olhou para trás. Milla estava prendendo as mandíbulas dentadas que eram usadas como pregos nas botas. Apanhou também algo que Tal ainda não tinha visto. Luvas de um fino couro de Selski com longas garras recurvadas feitas de osso avermelhado.

— Você vai ter que me ajudar com as mãos-de-garras — disse Milla quando acabou de prender os dentes nas botas. Tentou então cravar um pitão de osso no chão, mas ele não entrava nas partes em que havia metal e rolou pedra para todo lado.

Enfim, Milla deu de ombros e guardou o pitão. Pôs a mochila no chão e prendeu a espada de chifre de Merwin às costas. Calçou as luvas com garras. Tal viu que elas tinham de ser amarradas nos pulsos e ajudou Milla a fazê-lo, seguindo pacientemente suas instruções sobre como dar os nós corretamente.

— Leve as lanternas para a beirada — disse Milla. Ela não voltou a cobrir o rosto com a máscara. Tal viu seus olhos se moverem, de um lado para o outro, calculando a distância entre as bordas.

— Não seria bom você se amarrar a uma corda? — perguntou ele. — Eu ficaria segurando...

— Não há nada em que se possa prender uma corda — disse Milla. — Você seria apenas arrastado lá para baixo.

Depois de alguma hesitação, disse:

— Se eu fracassar, você tentará seguir em frente, Tal? Cumprirá a Missão e conseguirá uma Pedra-do-Sol para o meu clã? Assim, poderei tornar-me uma Donzela Guerreira, mesmo que seja depois de morta.

Tal olhou para o abismo escuro e ficou tentado a dizer que, se Milla não conseguisse saltá-lo, ele não teria a menor chance. Mas ela o chamara pelo nome e não tinha olhado para ele com o desprezo habitual.

— Vou tentar — respondeu, engolindo em seco.

— Normalmente, não teria perguntado — disse Milla. — Mas ainda não recuperei inteiramente minhas forças.

— Que ótimo — murmurou Tal, num sussurro. Olhou outra vez para o abismo e, então, esticou o braço para pegar as mãos-de-garras de Milla.

— Tudo bem, vou pular primeiro — disse.

— O quê? — Milla tinha ficado brava de novo. — Você está duvidando de minha coragem?

Pegou de volta suas luvas e recuou uns vinte passos, mais ou menos, ficando fora da luz das lanternas.

— Vou lhe mostrar a coragem de uma Donzela Guerreira! — gritou, furiosa.

— Não, Milla! — berrou Tal. — Espere! Não estava querendo dizer... tomar seu lugar...

Antes que pudesse terminar a frase, Milla surgiu da escuridão, a toda. Era apenas uma mancha quando passou por Tal, sacudindo vigorosamente braços e pernas. A dois passos da borda, atirou-se para a frente com os braços bem estendidos.

— Aaaaaahhhhhhhhh!

Tal correu para a borda. Houve um barulho de pedras. Não conseguia ver Milla do outro lado. Ergueu uma das lanternas, sentindo uma coisa estranha no estômago.

Nada se movia no pequeno círculo de luz.

— Milla! — gritou, e sua voz ecoou no vazio.

Não houve resposta, mas um leve movimento atraiu seu olhar. Uma mão com garras segurando a beiradilha da outra borda.

Surgiu outra mão e, então, apareceu a cabeça de Milla. Com um grunhido abafado, ela se ergueu até a borda e se arrastou um pouco já no chão. Num momento desses, qualquer pessoa normal teria desabado, feliz da vida, mas Milla se pôs de pé, cambaleando, e olhou para Tal.

Quando seus olhos se encontraram, Tal se deu conta que era sua vez de pular. Sem as mãos-garras.

Mas, pelo menos, não estava ventando.

— Atire uma corda para cá — gritou Milla. — Vou prendê-la à pirâmide.

Tal procurou uma corda, aliviado. Pelo menos, teria uma corda. Se caísse, seria apenas... bem, uma queda grande o bastante para que se ferisse seriamente em vez de morrer. Que sorte!

Quando se virou para atirar a corda para Milla, viu que ela estava encurvada, com as mãos nos joelhos, nitidamente com dor. Assim que ele se moveu, ela se levantou como se nunca tivesse sentido sequer uma pontada de dor.

Tal não disse nada. Só lançou para ela a corda enrolada. Sinceramente, não entendia essa gente do Gelo.

Milla desfez os nós de suas luvas com garras, retirou-as, fez uma laçada com a corda e, na maior facilidade, prendeu-a no topo da pirâmide. Parecia bem seguro, apesar disso, examinou bem as bordas para ter certeza de que o cristal não ia cortar a corda. Há algum tempo, essas arestas devem ter sido bem afiadas, mas a longa exposição ao vento, à neve e à chuva as tinha aparado.

Tal apanhou a ponta que ela atirou para ele.

— Amarre um dos fardos nela — instruiu Milla. — E uma das outras cordas, para a gente poder baixá-lo e depois puxar de volta.

Bem depressa, Tal fez o que ela mandou. Depois de prender a segunda corda nas costas, ele foi baixando o fardo até que a corda de Milla estivesse esticada. Assim, ela poderia balançá-la, de um lado para o outro, e puxá-la para cima. Repetiram o processo com a mochila de Tal e uma das lanternas. A outra estava amarrada a uma corda, mas seria deixada para o fim para que

Tal pudesse ver onde devia pular.

Ele bem que estava gostando que tudo isso adiasse seu próprio salto. Continuava tentando descobrir um outro jeito de atravessar o abismo, embora não parecesse existir qualquer alternativa. Mais uma vez, foi até a borda e olhou para baixo. Sentiu uma tonteira momentânea e recuou de súbito. O movimento foi tão brusco que ele quase caiu.

Tinha que haver outro jeito! Ignorando Milla, retrocedeu pela estrada, segurando a lanterna bem no alto para examinar o flanco íngreme da montanha. Se pudesse encontrar rocha sólida, subiria mais e passaria para o outro lado do abismo.

Pensou ver uma saliência e, por um instante, ficou todo esperançoso. Mas logo viu que era apenas uma ilusão, causada por uma faixa de pedra mais escura.

Não havia outro jeito de atravessar. Não havia outra maneira, se ele queria voltar para o Castelo.

Milla atirou a corda novamente. Tal amarrou-se nela e, em seguida, prendeu a ponta solta na laçada feita especialmente para isso no seu novo cinto bem largo.

— Se eu não conseguir... — começou a dizer, e, então, hesitou. Mesmo que lhe pedisse, Milla nunca seria capaz de encontrar seu pai, salvar sua mãe ou resgatar Gref. E os Escolhidos não têm promoções póstumas. Se caísse aqui, nunca realizaria seu sonho de chegar à Ordem Violeta. O Brilho Tal Graile-Rerem, Senhor-das-Sombras da Ordem Violeta, nunca viria a existir...

— O quê? — gritou Milla.

Tal abanou a cabeça lentamente, dispersando os sonhos.

Desta vez, Milla deu mais duas laçadas em torno da pirâmide e só deixou corda suficiente para que Tal pudesse empurrá-la um pouco para o lado e não tropeçar nela quando corresse.

Quando tudo estava pronto, Tal recuou para a escuridão. Ficou ali por algum tempo, tentando acalmar seu coração até poder perceber cada batida, separadamente.

Sua sombra-guardiã ficou junto dele, quase imperceptível no meio da rocha negra. Só com a luz vinda de uma lanterna-mariposa, ela estava fraca demais para ser de alguma serventia. Mesmo assim, inclinou-se para a frente, como um corredor pronto para a largada, e Tal percebeu que ela estava tentando encorajá-lo.

Tinha esfriado muito, mas Tal não sabia ao certo o que era decorrência de estar parado e o que era resultado do medo.

Milla parecia muito distante, no fim de um túnel. Uma figura miúda, iluminada de verde, com os reflexos da pirâmide brilhando à sua volta.

— É como uma Conquista do Corpo — murmurou Tal consigo mesmo. — Alguém pôs um Buraco Ofegante em meu caminho. Se conseguir saltar, ganho. Raio Violeta da Realização. Saltar. Ganhar. Saltar.

Fez uma inspiração profunda e começou a correr. Os dentes, em suas botas, rangiam nas pedras da estrada. A corda sacolejou perto dele enquanto a luz esverdeada e a escuridão do abismo iam se aproximando, cada vez mais depressa.

— Aaaaaaahhhhhh! — gritou Tal, enquanto se atirava para a frente... no vazio.

## Capítulo 6

O outro lado do abismo veio ao seu encontro. Tal esticou os braços e ergueu os pés, deixando-se ir cada vez mais longe. Sabia que não ia conseguir. Num minuto, estaria caindo, e não saltando, a corda assoviando, solta sobre sua cabeça, a sombra-guardiã se debatendo debilmente para tentar agarrá-lo...

Bateu em algo, os dedos procurando em que se segurar, os pés escoiceando para se firmar com o auxílio das botas dentadas. Foi então que percebeu que não estava escorregando por um penhasco vertical. Estava estendido no chão, tentando desesperadamente evitar uma queda que não ia acontecer.

Tinha conseguido... e tinha saltado mais longe que Milla!

Ficou ali deitado, ofegante, enquanto Milla desatava a corda de seu cinto e da pirâmide e a enrolava outra vez. Ela não disse nada, nem nesse momento, nem quando passou por cima dele para puxar a outra corda e a lanterna.

Finalmente, Tal se levantou e pegou sua mochila. A sombra-guardiã se dirigiu para o lugar que ocupava habitualmente, a seus pés. Talvez os Homens-do-Gelo não se felicitassem quando escapavam da morte. Simplesmente seguiam em frente.

Ou talvez não.

— Belo salto — disse enfim Milla, enquanto Tal ajeitava o fardo nos ombros, buscando uma posição confortável.

— Obrigado — respondeu ele. Mas Milla já tinha coberto o rosto com a máscara e virado as costas. Contornando a pirâmide, desapareceu de sua vista.

— Procure a entrada do túnel — disse Tal correndo para acompanhá-la. — Deve estar por perto.

A estrada continuava depois da pirâmide, e estava em melhor estado. Havia uma quantidade muito maior do metal original e a montanha não tinha desmoronado sobre ela. Enquanto andava. Tal contou cem trechos, segurando a lanterna bem alto para poder ver alguma coisa que se assemelhasse à entrada de um túnel.

Mas nenhum dos dois viu coisa alguma. Ao cabo de cento e vinte trechos, Milla parou. Ergueu a máscara e disse:

— Talvez a entrada fique do outro lado.

— O quê?! — perguntou Tal. Também ele ergueu a máscara e olhou para Milla. — Você quer dizer do outro lado do abismo?! Não... não pode ser! Nós teríamos visto.

— Deveríamos ter visto. — Fez que “sim”, com a cabeça, mas seu rosto não tinha expressão alguma. — Temos que pular de volta.

— Não! — exclamou Tal. — Não. Ela tem que estar deste lado.

Milla continuou balançando a cabeça. Tal levou um segundo para se dar conta de que ela estava fazendo força para não sorrir. Então, ela não conseguiu se conter por mais tempo e começou a rir. Tal não conseguia se lembrar sequer de tê-la visto sorrir antes.

— Brincadeira de Homens-do-Gelo! — balbuciou ela, batendo os punhos um no outro. — Sempre brincamos com a idéia de reviver o perigo. Como Talgrim Sem-Braço, que pensou que

teria de voltar para matar o Selski Azul quando Vilske já tinha acabado com ele.

— Não entendi — disse Tal, balançando a cabeça. Milla riu outra vez e apontou com o dedo.

— Olhe, estamos pertinho da entrada!

Apontava para o alto, acima de sua cabeça. Blocos de pedra talhada cercavam uma abertura circular que levava ao interior da montanha. Um túnel.

Tal ficou olhando para o túnel, sem acreditar no que via, e sentiu que seu sorriso meio torto começava a erguer um lado de seu rosto. Agüentaria todas as estúpidas piadas dos Homens-do-Gelo para ver o caminho de volta para casa. Em breve, estaria de novo no Castelo. Deliberadamente, tentou não pensar nos problemas que esperavam por ele.

Por enquanto, tudo o que tinham a fazer era entrar pelo túnel e seguir o mapa. Será que ia ser muito difícil?

## Capítulo 7

Estava fazendo um calor insuportável dentro do túnel. Mesmo com um pano molhado cobrindo a boca e o nariz, Tal respirava com dificuldade. Só conseguia fazer inspirações muito curtas, e a falta de ar o estava deixando muito fraco.

Mais uma vez, baixou a lanterna-mariposa dos Homens-do-Gelo para observar o pequeno retângulo de osso que levava na mão esquerda, aproximando a lupa dos olhos para decifrar os minúsculos desenhos traçados em sua superfície.

No último entroncamento, tinham dobrado à esquerda, naquele túnel tão estreito que só dava para rastejar, no próximo, teriam então que dobrar à direita.

Uma tosse atrás dele — e, depois, um tapinha em seu calcanhar — lembraram a Tal que Milla devia estar achando esses túneis superaquecidos ainda mais insuportáveis. Ela era uma Garota-do-Gelo, nascida para viajar por aqueles desertos congelados. Ele, pela menos, já tinha sentido calor de verdade antes, embora esse túnel fosse ainda mais quente que os Pomares ou a câmara solar de sua mãe doente.

Recomeçou a rastejar. Sua sombra-guardiã fluuava à sua frente, evitando Milla. Ela estava mais forte no reduzido espaço dos túneis, onde a luz refletia nas paredes e era, portanto, mais perceptível.

No entroncamento seguinte, Tal olhou de novo o mapa em miniatura. De acordo com as inscrições, deveriam dobrar à direita. Mas o menino hesitou. A luz das lanternas-mariposas era esverdeada e só iluminava uma pequena área. Mais à frente, no túnel que ficava à direita, havia um pálido brilho vermelho.

Tal temia que fosse o que estava pensando. Milla e ele estavam numa rede de túneis que, sem dúvida, tinham sido utilizados antigamente pelos construtores do sistema de aquecimento do Castelo. Abaixo deles — esperava que fosse bem abaixo —, havia túneis muito mais amplos que traziam lava das profundezas da montanha. Esses túneis aqueciam vastos reservatórios de água cujo vapor era, então, canalizado para os diversos níveis e aposentos do Castelo.

A luz vermelha mais adiante sugeria que um dos túneis de lava tivesse se rompido e seu conteúdo mortal tivesse vazado. O mapa de osso que Tal tinha nas mãos era muito antigo e milhares de alterações poderiam ter acontecido desde que ele fora feito.

Para piorar ainda mais as coisas, o mapa não indicava nenhum outro caminho para se penetrar no Castelo. Na verdade, além de mostrar os entroncamentos principais, não havia ali qualquer detalhe. Assim, Tal não podia descobrir que outro caminho tomar.

Inspirou um pouquinho de ar e recomeçou a rastejar. Podia ouvir Milla que vinha atrás dele, meio se arrastando, meio engatinhando. Tossia muito, mas não disse nada. Provavelmente não o faria, nem que estivesse a ponto de desmaiar. Pelo que Tal tinha visto, uma Donzela Guerreira continuaria certamente engatinhando, mesmo que tivesse desmaiado...

A luz vermelha foi ficando mais forte e misturada com um amarelo ainda mais brilhante. O calor também foi aumentando e praticamente não se podia encostar nas pedras do túnel, de tão quentes que estavam. Pela primeira vez, Tal lamentou ter jogado fora os pesados agasalhos perto da entrada do túnel, enquanto Milla ainda podia usar sua armadura de couro de Selski. Provavelmente ela nunca a tirava, pensou Tal, como acontecia com a espada de chifre de Merwin, sempre a seu lado.

No entroncamento seguinte, Tal teve que enxugar o suor da testa e dos olhos antes de conseguir enxergar o mapa de osso. À direita, mais uma vez, e agora a luz vermelha vinha de todas as direções. Devia haver uma quantidade enorme de lava mais à frente.

O cheiro agora era ainda pior que antes. Tal recostou-se para umedecer o pano que cobria seu nariz usando, para isso, a garrafa de água que as Donzelas Guerreiras lhe haviam dado: um osso de Wreska, oco, com uma tampa de couro. Milla fez o mesmo e, então, voltou a cobrir o rosto com a máscara. Tal já tinha tirado a sua havia muito tempo mas, para Milla, a máscara era como a armadura, ou seja, algo para ser usado em qualquer ocasião. Antes que a máscara com as lentes cor de âmbar o cobrisse, Tal percebeu um breve lampejo em seu rosto pálido: a expressão da determinação.

— Não está muito longe — disse Tal, com voz rouca.

Milla deu de ombros e respondeu:

— Eu sei que você não tem culpa de engatinhar devagar.

— Não é... ah! deixa para lá — retrucou Tal. Por que diabos ia ficar gastando seu fôlego?

Levaram um bom tempo para chegar até o outro entroncamento. Não porque ficasse longe, mas porque estavam ambos exaustos por conta do calor e da falta de ar.

Tal estava tão concentrado em manter a lanterna no alto e continuar rastejando que esqueceu de olhar para a frente. Esbarrou literalmente no esqueleto, antes de entender o que estava acontecendo.

Quando olhou efetivamente para ver em que tinha esbarrado, recuou tão depressa que acertou Milla. Ela berrou, furiosa, e, por um momento, seus braços se embolaram com as pernas de Tal, até que este se acalmou e ela recuou.

— O que... é... isso? — disse ela, falando com dificuldade, tomando fôlego entre cada palavra.

— Um esqueleto — respondeu Tal, ofegante. Girou a manivela da lâmpada, abrindo sua trama para que passasse mais luz das mariposas luminosas. Quando fez isso, sua sombra-guardiã deslizou de volta para baixo de seus pés, ficando atrás dele como uma sombra natural. Milla recuou ainda mais depressa, para que a sombra-guardiã não encostasse nela.

Evidentemente, o esqueleto estava ali havia muito tempo, ou então animais carniceiros o tinham deixado inteiramente limpo. Não havia vestígios de roupas ou qualquer outra coisa que pudesse dar uma pista de quem seria. Provavelmente, não era um Homem-do-Gelo, pensou Tal, porque não havia sinal de armas. Ele jamais tinha visto um Homem-do-Gelo desarmado.

Teriam que passar por cima do esqueleto para seguir adiante. Tal encheu-se de coragem, fechou os olhos e esticou os braços mas, assim que seus dedos encostaram num osso, ele os encolheu. Não podia deixar de pensar que continuava sendo o braço de alguém, e que o esqueleto ia se sentar e gritar.

— Deixe que eu faço isso! — ordenou Milla, mas Tal não saiu da frente.

Estendeu as mãos e puxou um dos braços, tentando deitar o esqueleto para que pudessem engatinhar por cima dele. Mas, quando puxou, o braço se soltou e, em seguida, todos os ossos se desconjuntaram. Tal arquejou, e deixou cair o braço. Alguma outra coisa caiu junto, e tilintou nas pedras.

Tal viu que a coisa tinha caído entre seus pés e rolado para atrás dele. Um dedo do esqueleto,

com um anel. Um anel com uma pedra grande.

Uma Pedra-do-Sol!

## Capítulo 8

Tal apoiou as costas na parede do túnel, ignorando o calor da rocha, e olhou para trás. Milla estava apanhando o dedo e retirando o anel. Quando ela a tocou, a jóia iluminou-se de repente, passando desordenadamente por cada uma das cores do espectro. Brilhava tanto que Tal teve de fechar os olhos.

Quando voltou a abri-los, Milla tinha fechado a mão em torno do anel de Pedra-do-Sol. A luz escapava por entre seus dedos e tornava sua mão translúcida.

— Me... dê... isso — disse Tal. Precisava disso. Escalara a Torre Vermelha para conseguir uma nova Pedra-do-Sol, bem potente, que ele pudesse usar para se tornar um pleno Escolhido, ingressar no mundo dos espíritos de Aenir e salvar sua família.

— Não — Milla começou a se virar.

— Espere! — exclamou Tal, com voz rouca. Deu meia-volta, mas Milla era mais rápida que ele. Já tinha avançado vários trechos dentro do túnel. — Você não sabe usá-la! E vai... se... perder!

Milla foi em frente. Provavelmente, lembrava-se das direções que devia tomar, pensou Tal. Mas tinha que conseguir a Pedra-do-Sol. Podia sempre arranjar outra para ela mais tarde. Olhou para sua sombra-guardiã. Milla jamais o perdoaria se a usasse... mas, se não fizesse isso...

— Sombra-guardiã, sombra-guardiã — disse Tal, tossindo. — Agarre essa garota, o mais depressa possível.

A sombra-guardiã, que estava debaixo dele, saiu correndo e foi se tornando alta e delgada, como a sombra de um gigante esbelto. Um de seus braços cresceu ainda mais e a mão, em sua extremidade, se expandiu. Agarrou o tornozelo de Milla e segurou com força.

Instantaneamente, a garota se virou de barriga para cima, inclinou-se para a frente e atacou a sombra com a faca de osso que sacou da manga. Mas isso não feria a sombra-guardiã e ela continuou segurando firme.

— Traidor! — exclamou Milla, entre dentes. — Você jurou!

Tal tinha jurado mesmo, por seu próprio sangue misturado ao de Milla, que conseguiria uma Pedra-do-Sol para o Clã dos Caçadores. As três cicatrizes estavam no seu pulso para provar isso. Mas não tinha jurado entregar a primeira Pedra-do-Sol que lhe aparecesse pela frente.

— Você também jurou — disse ele. — Jurou me ajudar a chegar ao Castelo. Na verdade, ainda não estamos lá. Além disso, essa Pedra-do-Sol não está sintonizada.

Milla hesitou, mas só por um segundo. Eles já estavam bem perto do Castelo, pensou. E, então, recomeçou a rastejar, arrastando consigo a sombra-guardiã.

— Eu salvei sua vida! — arquejou Tal, desesperado, quando viu que Milla não parava. A sombra-guardiã não era forte o bastante para segurar Milla por muito tempo e ele não queria ordenar que ela machucasse a menina. — Você me deve isso.

Milla parou, como se tivesse esbarrado numa parede. Tal tinha salvado mesmo sua vida, quando a sombra-guardiã estancou o sangue de seus ferimentos depois da luta com o Merwin de um olho só. Ela sempre poderia alegar que tinha salvado a vida dele ao matar o Merwin, mas isso era um tanto discutível.

— Preciso dessa Pedra-do-Sol — disse Tal, tossindo. — Venha comigo e conseguirei outra

para você. Se não tiver conseguido em quatorze jornadas... devolvo essa. Para o navio e... para o clã.

A faca de Milla desapareceu em sua manga. E ela abriu a mão. Tal teve de proteger os olhos da luz da Pedra-do-Sol quando Milla lhe jogou o anel.

— Quatorze jornadas! — concordou Milla, furiosa. — E não lhe devo mais a vida.

— Feito — disse Tal. Pegou o anel e concentrou-se na Pedra-do-Sol. Ela voltou a brilhar e, depois, sua luz foi se reduzindo gradualmente, à medida que Tal assumia o controle. Quando não estava mais brilhante que uma lanterna-mariposa, Tal experimentou o anel no dedo médio. Estava grande demais. Preendeu-o, então, na corrente que trazia no pescoço, junto daquele pedaço de pedra escurecida que fora um dia a sua velha Pedra-do-Sol.

A do anel era muito antiga, mas não tinha perdido os seus poderes, já que ficara ali, sem uso, no escuro. O Escolhido — pois o esqueleto devia ter sido um Escolhido, ou uma Escolhida — a tinha desativado antes de morrer. Isso era surpreendente. Tal não conhecia nenhum Escolhido que fosse tão corajoso a ponto de morrer sozinho, no escuro, só para poupar uma Pedra-do-Sol.

— Sombra-guardiã, sombra-guardiã — murmurou ele. — Volte para mim.

A sombra-guardiã soltou Milla e voltou rapidamente, reassumindo a forma de uma sombra natural. Um de seus braços continuou se movendo, ondulando para frente e para trás.

— O que é? — perguntou Tal. Sua cabeça estava um pouco tonta.

A sombra-guardiã ondulou novamente e Tal compreendeu que ela estava lhe dizendo para se apressar. Ao mesmo tempo, percebeu que Milla o tinha alcançado de novo e ele não tinha nem notado. Certamente, tinha apagado por alguns segundos.

— Ar — disse Milla, com a voz entrecortada. — Ar ruim.

Ela avançou em sua direção. Ele se virou e recomeçou a rastejar.

Rastejaram pelo que pareceu serem horas, mas devem ter sido apenas alguns minutos. Acharam-se, então, diante de outro entroncamento. Lentamente, Tal pegou o mapa de osso e tentou descobrir onde estavam. A luz vermelha brilhava, mas não era suficiente para que ele pudesse ler e, por alguma razão, a lanterna-mariposa tinha enfraquecido. Tal a sacudiu, para reanimar as mariposas, mas não adiantou nada, e a trama estava aberta ao máximo.

Foi difícil baixar a lâmpada e pegar a nova Pedra-do-Sol já que as mãos de Tal pareciam pesar toneladas, e não iam para onde ele mandava. Finalmente, deu um jeito e, depois de alguns lampejos luminosos, conseguiu que a Pedra-do-Sol brilhasse com intensidade suficiente.

Com essa luz, viu que todas as mariposas luminosas jaziam imóveis no fundo da lanterna e suas barriguinhas verdes estavam se apagando. Tinham adormecido... ou estavam mortas. Bem devagar, passou a lanterna para Milla. Ela saberia o que fazer.

Voltou a olhar o mapa. Custou um pouco a lembrar onde estavam. Uma indicação para dobrarem à direita e, depois, um símbolo que devia representar uma escada, ou talvez uma rampa. Em todo caso, uma subida.

Tal teve esperanças.

A não ser que estivessem ainda no entroncamento anterior àquele e, nesse caso, teriam que dobrar à esquerda e, depois, à direita. Mas já tinham feito isso, não tinham?

Virou o mapa ao contrário. Olhando para ele assim, começou a achar que ele poderia ter estado de cabeça para baixo o tempo todo.

— Vamos! — sussurrou Milla. — Temos... que continuar!

Tal não conseguia se lembrar que direção tinham tomado, mas num instante estavam diante de uma abertura no teto do túnel, e havia uma escada feita do mesmo cristal que o Bosque de Cristal do Castelo. Tal tentou enviar um raio de luz para fazê-lo soar mas, por alguma razão, não conseguiu acenar. Raios de diversas cores jorraram da Pedra-do-Sol para todo lado, mas nenhum deles atingiu o cristal.

Tal começou a rir. Não podia evitar... e foi uma risadinha sufocada que soou tão estranha que ele olhou em volta para saber de quem era.

Percebeu vagamente que Milla o empurrava para passar e começava a subir e, depois, que sua sombra-guardiã lhe dava uns puxões, pondo suas mãos na escada e um de seus pés no degrau mais baixo.

A escada estava estranhamente fresca, nesse lugar em que tudo era quente. O choque clareou um pouco as idéias de Tal e ele percebeu, subitamente em pânico, que havia algo venenoso no ar, gases provenientes da lava mais abaixo, que deixavam sua cabeça estranha e seus membros pesados como chumbo.

A sombra-guardiã o puxou pelo pulso, incitando-o a subir. Milla estava pouco acima dele, subindo muito devagar. Quase escorregou, algumas vezes, mas a sombra-guardiã também estava tomando conta dela e corria para recolocar seus pés ou suas mãos na escada.

Tal começou a ver dobrado. Procurava degraus onde não havia e seus dedos seguravam o ar em vez do cristal. Tinha os braços cansados demais para estendê-los para cima. Bem devagar, muito, muito devagar, pôs as pernas na escada e sentou-se, atrapalhando-se todo com seu cinto. Não conseguia ir adiante, mas poderia tentar se amarrar à escada para não cair.

Deu um jeito de passar o cinto em volta da escada. Então, numa última precaução, tirou do pescoço a corrente com a Pedra-do-Sol. Por um momento, teve a certeza de que ia deixá-la cair, até que sua sombra-guardiã ajudou sua mão, que tremia, a guardá-la do bolso secreto que havia em sua manga.

Desmaiou, então, e só seu largo cinto de couro de Selski enrolado na escada o impedia de cair.

Milla resistiu um pouco mais. Alcançou um patamar trinta trechos acima, mas foi só. Ali, ela desabou, conseguindo apenas sacar sua faca — para enfrentar a morte armada — antes de desmaiar também.

Depois de se assegurar que o cinto de Tal estava bem preso, a sombra-guardiã tentou continuar subindo a escada. Mas, assim que passou do patamar onde Milla estava deitada, foi se afilando e ficando mais transparente. Alguns trechos adiante, não passava de um contorno escuro, sem substância. Relutante, retrocedeu até voltar a ter a forma da sombra natural de Tal.

Agora, não havia nada que pudesse ajudá-lo.

## Capítulo 9

— Vamos matá-los. — Tal ouviu aquilo como se as palavras viessem de muito longe, trazidas pelo vento. Em algum lugar, alguém estava falando em matar alguém. Outra pessoa dizia:

— Não. Não sabemos quem são.

— Um deles parece um Escolhido. Por mim, devemos matar pelo menos ele.

— Para que arrastá-los até aqui em cima se vamos matá-los, de qualquer maneira? Nenhum deles tem Pedras-do-Sol, ambos têm sombras normais, e olhem suas roupas. Devem ser de algum outro lugar. Talvez possam nos ajudar.

O que queria matar seja lá quem fosse riu — um riso amargo, zombeteiro.

— Ajudar a quê? A nos esconder melhor nesses túneis? A ter uma vida ainda pior que agora?

Tal conseguiu entreabrir um olho e viu que as pessoas que falavam estavam bem perto. Havia três deles. Dois meninos, que não podiam ser muito mais velhos que ele, e um outro, mais alto, que parecia um pouquinho mais velho. Esse não tinha dito nada.

Os dois mais jovens traziam lanças curtas, de lâmina larga. Todos usavam trapos imundos que, pensou Tal, um dia deviam ter sido túnicas brancas do Povo Inferior. O mais velho tinha um gorro com uma longa pena negra.

Havia uma lamparina a óleo no chão, atrás dos três garotos. Sua luz projetava longas sombras deles todos. Sombras naturais.

Eram gente do Povo Inferior. Tal tentou ordenar-lhes que o ajudassem, mas não saiu som algum. O esforço necessário para manter uma única pálpebra entreaberta já era imenso.

— Vamos matá-los — disse o primeiro garoto, que era louro.

— Fale com eles — disse o segundo.

De quem estavam falando? Tal queria virar a cabeça para ver, mas seu pescoço também não se movia. Talvez tudo isso fosse um sonho.

Viraram-se ambos para o menino com a pluma no gorro. Obviamente, era ele que devia decidir.

— Nem uma coisa, nem outra. Vamos levá-los até o alto dos níveis de serviço e deixá-los lá. Vão voltar a si em mais ou menos uma hora.

— Ah! Corvo — reclamou o garoto louro —, para que isso?

Quer dizer que o menino mais velho era chamado de Corvo, pensou Tal, atordoado. Então, aquela pena preta era de corvo. Mas os únicos corvos que havia no Castelo pertenciam a Escolhidos de categorias elevadíssimas. Dizia a lenda que, quando o último corvo abandonasse o Castelo, seria o fim dos Escolhidos, e as Sete Torres cairiam.

— A menos que eu esteja enganado, levá-los para cima é transferir um problema para os Escolhidos — disse o Corvo. — Gill, vá chamar Clovil e Ferek. Temos que carregá-los.

Tal viu Gill, o segundo garoto a falar, sair de seu campo de visão. Estranho... Gill era nome de mulher. A não ser que Gill fosse uma menina. Podia ser, pensou Tal, vendo-a desaparecer. Seu olho entreaberto se fechou e ele não conseguiu abri-lo de novo.

Mais que antes, tudo era como num sonho. Sentiu que se elevava do chão enquanto ruídos

estranhos ecoavam a seu redor. Provavelmente eram palavras, mas Tal não conseguia entender nada. Estavam sempre se transformando e indo embora. Palavras que alguma parte inconsciente de seu cérebro identificava como “para cima” e “pesado” e “leva ele, então” tornavam-se “blima” e “acarado” e “degalê venão”.

Nada fazia sentido. Era difícil demais. Tal mergulhou de novo em completa inconsciência.

Quando acordou pela segunda vez, teve uma lembrança bem nítida da primeira, mas só por um momento. Depois a lembrança se foi, sendo substituída por uma terrível dor de cabeça que o apunhalava bem entre os olhos, cegando-o.

Gemeu e sentou-se, segurando a cabeça com as mãos. Lembrou-se, então, que estava amarrado a uma escada nos túneis de aquecimento.

Afastou as mãos que lhe cobriam os olhos e olhou em volta.

Não estava pendurado numa escada. Estava deitado no chão de um corredor iluminado por uma pequena Pedra-do-Sol presa no teto. Havia outra Pedra-do-Sol uns dez trechos adiante, e outra, dez trechos mais além. Eram Pedras-do-Sol bem modestas, brancas e pouco possantes.

Alguma coisa fez barulho. Tal se virou e desejou não ter feito isso, pois a dor de cabeça piorou muito.

Era Milla. Estava sentada à sua frente, com as pernas cruzadas, inspirando e expirando bem devagar e sem muito controle. Tinha tirado a máscara e sua pele tinha uma desagradável coloração esverdeada.

Tal apertou as têmporas com os polegares e murmurou:

— O que aconteceu?

Milla soltou o ar bem devagarinho.

— Ar ruim. Alguém nos encontrou e nos carregou até aqui. Falaram em matar, mas, na verdade, não queriam fazê-lo. Por sorte, sua sombra se comportou. Acho que teriam matado você se ela não tivesse feito isso.

— Ah! — disse Tal, começando a ter uma vaga lembrança. — Pensei que fosse um sonho. Então, você estava acordada?

Milla pareceu embaraçada. Começou uma inspiração, fingindo ignorar a pergunta, mas soltou o ar subitamente e disse:

— O suficiente para escutar. Não podia me mover. Você deveria respirar lenta e profundamente. Isso limpa nosso sangue desse ar ruim.

Tal concordou, mas não alterou a respiração.

Aquelas pessoas deviam ser renegados do Povo Inferior. E tinham dito alguma coisa sobre sua Pedra-do-Sol!

Levou a mão ao pescoço. A corrente com as duas Pedras-do-Sol, a velha e a nova, não estava lá! Teve um momento de pânico, até que a sombra-guardiã puxou sua manga, lembrando-lhe que a corrente estava no bolso secreto. Ele a tirou de lá e a pôs no pescoço com um suspiro de alívio.

— Treze jornadas, e ela será minha — disse Milla, enquanto ele examinava a Pedra-do-Sol. — Só se passou uma jornada. Tal olhou para ela e fechou a cara. Levantou-se lentamente e andou um pouco pelo corredor. Cada passo era uma pontada de dor na cabeça.

— Agora estamos no seu Castelo? — perguntou Milla, apontando o teto. — Tem muitas Pedras-do-Sol. Talvez eu devesse arrancar uma.

— Estas são pequenas demais — disse Tal, desanimado. — Duram apenas alguns meses e, depois, têm que ser substituídas. E também não se pode fazer nada com elas. Só dão luz.

Milla deu de ombros.

— Luz já é muito, na escuridão.

Tal suspirou. Pela pouca iluminação e pelas paredes caídas, parecia ser um corredor dos níveis do Povo Inferior. Havia milhares deles, onde os criados viviam, trabalhavam, plantavam e criavam animais. Mas Tal não achava que esses níveis fizessem realmente parte do Castelo.

Quando saíssem dali, entrariam no Castelo propriamente dito. De repente, Tal compreendeu que tinha efetivamente voltado. Não tinha pensado noutra coisa e, agora, não sabia o que fazer. O que poderia fazer?

Não poderia simplesmente ir para casa, porque seus inimigos o encontrariam. Não poderia ir a lugares públicos vestido desse jeito. Haveria pânico ou, no mínimo, muita confusão.

E isso sem falar de Milla. Tal não tinha pensado no que significava exatamente trazê-la para o Castelo. Sabia que ela era uma Garota-do-Gelo e o que isso representava. Mas só ele sabia. Não dava para imaginar como reagiriam os Escolhidos. Para eles, ninguém vivia fora do Castelo. Ninguém poderia viver fora do Castelo. Iam pensar que ela era alguma espécie de criatura vinda de Aenir sem se tornar uma sombra. Um espírito livre. Um espírito fora de controle.

Talvez fosse a coisa mais assustadora que um Escolhido pudesse imaginar. Assim que os vissem, iam bombardeá-los com Raios Brancos e Quentes de luz e destruição. Tal sabia que era o que faria se encontrasse Milla no Castelo. Se ela não era uma Escolhida, e não fazia parte do Povo Inferior, só podia ser um monstro. Por que qualquer outro Escolhido pensaria diferente?

— Agora estamos no seu Castelo? — perguntou Milla, novamente. Olhou as paredes nuas e lisas a seu redor. Não havia troféus, nem crânios de Merwin, com chifres, nem ossos de nadadeiras de Selskis, ou armas capturadas de inimigos. — Não é lá grande coisa. Seus guardas já deveriam ter nos encontrado, em vez daqueles Párias.

— Aqueles o quê? — perguntou Tal. Não estava prestando atenção. Um novo medo tinha se apoderado dele. Será que tinha feito a maior das besteiras trazendo Milla para o Castelo?

— Párias — disse Milla. — É o que são aquelas pessoas que nos trouxeram para cá, não é? Gente que não pertence a nenhum clã, que vai atrás dos navios e vive de restos e do que se joga fora...

Tal fitou Milla. Nunca a tinha visto tão falante. Talvez tivesse alguma coisa a ver com o ar ruim. Ou, quem sabe, ela estivesse simplesmente aliviada por terem conseguido atravessar o calor escaldante dos túneis.

— Não sei quem eram eles — retrucou. — Povo Inferior. Criados que escaparam, acho eu. Devem estar vivendo em algum lugar aqui embaixo.

— Criados que não podem decidir ir embora? — perguntou Milla, levantando-se e flexionando os braços. — Quer dizer, escravos? Alguns clãs possuem escravos, embora as Matriarcas não gostem disso. Os Caçadores não negociam com quem tem escravos.

— O que é um escravo? — indagou Tal. Ele nunca tinha ouvido essa palavra antes.

— Criados que não podem ir embora — disse Milla. Vendo que Tal não estava entendendo,

acrescentou: — Pessoas que podem ser compradas ou vendidas.

— Ah! — disse Tal. — Não é o caso do Povo Inferior. A maioria deles nasceu para servir... ou então são pessoas que acabam fazendo parte do Povo Inferior por... bons motivos. E não podem ser comprados e vendidos. Apenas remanejados.

— Mesmo com outro nome, um escravo faz o navio feder — disse Milla.

Frisou o que dizia dando de ombros e executou dois saltos mortais no corredor, para distender os músculos. Tal gemeu e apertou a cabeça com mais força ainda. Com o rabo do olho, viu que a sombra-guardiã imitava seu gesto, enquanto Milla não estava olhando. Depois deslizou e, mais uma vez, retomou a forma de uma sombra natural.

Tal ficou olhando para ela. Foi só então que se deu conta que não estava tão contente quanto deveria por estar de volta. Devia estar beijando o chão e rindo de alegria. Afinal, tinha sobrevivido a uma queda de milhares de trechos, do alto da Torre Vermelha. E também a um encontro com Homens-do-Gelo. Tinha atravessado o Mar Vivo. Tinha ajudado a matar um Merwin. Tinha visto o Navio em ruínas, escalado a Montanha da Luz e conseguido passar pelos túneis de aquecimento.

Mas não estava se sentindo feliz. Sentia-se cansado, como se tudo aquilo estivesse apenas começando. Sempre achou que iria diretamente para os aposentos de sua família quando estivesse de volta, para ver sua mãe. Mas isso não era possível.

E o problema era que ele não sabia o que fazer então.

Milla saltou de volta, lembrando-lhe que tinha trazido consigo um problema particular: ela.

— E agora? — perguntou Milla. — Vamos encontrar a Matriarca de seu clã?

— Hum! — disse Tal, subitamente entusiasmado com uma idéia que acabava de lhe ocorrer.  
— Não exatamente... mas quase!

## Capítulo 10

— Vamos ver um sábio — explicou Tal, enquanto engatinhavam pelo corredor até a escada que levava ao primeiro nível da Ordem Vermelha. — Meu tio-avô Ebbitt. Ele vai nos ajudar a descobrir o que fazer agora.

E, pensou Tal, vai saber o que fazer com Milla. Talvez pudesse ficar escondida enquanto ele estivesse procurando uma Pedra-do-Sol para ela.

Milla assentiu, calada outra vez. Tal percebeu que ela tinha a mão na espada e os olhos em constante movimento, à procura de inimigos.

— Ele tem um Espírito-Sombra — acrescentou Tal. — Todos os Escolhidos têm um. Mas eles não fazem nada, a não ser que recebam ordem para isso.

— Esses Espíritos-Sombra são como a sua pequena sombra, só que maiores? — perguntou Milla.

— Nem sempre são maiores — disse Tal. — Mas são mais fortes e mais perigosos. Não podem mudar de forma, como uma sombra-guardiã, mas podem esticar ou retorcer a que têm.

Milla ficou pensando nisso por um instante. Alguns degraus adiante, perguntou:

— O que acontece a um Espírito-Sombra quando matam seu senhor?

Tal balançou a cabeça.

— O Espírito-Sombra se extingue com ele...

Interrompeu-se, então, lembrando de sua mãe.

Ela tinha que estar viva ainda.

— Talvez a gente vá descobrir — disse Milla.

Tal parou e se virou para olhar Milla bem dentro dos olhos.

— Você não pode lutar no Castelo, Milla! — advertiu. — Temos que tomar todo cuidado possível. Ninguém de fora jamais entrou aqui. Se você atacar alguém, só vai piorar tudo.

— Eu só luto quando sou atacada — disse Milla. — Mas você está com medo de alguma coisa. Por que ficaria com medo em seu próprio navio... sua própria casa?

— Não estou com medo! — retrucou Tal. — É complicado. Há alguns Escolhidos que não gostam de minha família, e estão acontecendo outras coisas que não consigo entender. Estou apenas sendo cauteloso.

— Você sabe muito pouco — disse Milla. — Não acho que os Escolhidos saibam ensinar as crianças. Não deixaríamos que uma pessoa tão ignorante a respeito do Gelo saísse do navio.

Tal ia responder, mas estava furioso demais para articular qualquer palavra. Inspirou longa e lentamente e, enfim, conseguiu dizer:

— É complicado demais, porque tem a ver com pessoas, e não com animais ou... ou... com o tempo! Você não tem instrução para compreender. Portanto, apenas siga-me e fique calada!

— Sei ficar calada — concordou Milla. — Muito mais que você.

— Ótimo — retrucou Tal. — Então, comece agora mesmo!

Não encontraram ninguém nas escadas, nem no corredor que levava aos estranhos domínios

de Ebbitt. Isso não era de surpreender, já que Ebbitt tinha escolhido viver na parte menos frequentada do nível mais baixo da Ordem Vermelha. À exceção dele, todos ali eram Turvos — o último nível existente numa sociedade de Escolhidos — e tinham perdido a esperança de qualquer possibilidade de ascensão.

Assim que deixaram a escada, Milla percebeu a pálida coloração vermelha das Pedras-do-Sol no corredor, e as faixas vermelhas desbotadas que ornavam o teto, e perguntou a respeito. Tal se viu dando uma explicação estapafúrdia sobre as diferentes ordens e níveis, o que Milla reduziu ao mais simplista dos comentários.

— Vivem muitos clãs no seu Castelo.

A conversa sussurrada durou até eles chegarem ao início do corredor que Ebbitt usava como um amplo aposento. Como de hábito, a entrada estava bloqueada por uma mixórdia de móveis e quinquilharias. Estranhamente, não havia sinal do armário que Tal havia usado antes como porta. Na verdade, não havia nenhum caminho visível para atravessar o emaranhado de mesas encostadas, cadeiras empilhadas, chapeleiras pontudas, cristaleiras, tapetes, esculturas de mármore e tapeçarias.

— Tio Ebbitt é um pouco... — disse Tal, observando uma pilha que batia quase no teto. — Bem, ele não é exatamente normal.

Milla concordou mas, inesperadamente, deu um passo para trás, com a mão no punho da espada de chifre de Merwin.

Tal não conseguiu ver o que a fizera reagir assim, até ela apontar para uma grande almofada azul que estava na base da pilha de móveis. Ela estava caindo bem devagar, praticamente sem fazer qualquer ruído. Despencou, então, revelando uma estreita abertura triangular onde tinham sido postas duas cadeiras, de costas uma para a outra.

— Por que você não tem simplesmente uma porta? — perguntou Tal, dirigindo-se para o estreito túnel que atravessava a barreira de móveis. Ajoelhou-se e espiou por ele. Não havia sinal de Ebbitt, mas a almofada caindo era nitidamente a idéia que o velho tinha do que seria dar boas vindas.

— Venha — disse Tal para Milla, esticando-se para atravessar a passagem. — Pode parecer que tudo vai desmoronar, mas Ebbitt é um especialista nesse tipo de coisa.

— Há sabedoria atrás de toda essa tralha? — perguntou Milla, mas também se ajoelhou, pronta para acompanhar Tal.

A barreira de cacarecos empilhados era muito maior do que Tal imaginara. Teve que se contorcer várias vezes antes de emergir enfim num espaço relativamente vazio. Mais uma vez, tudo tinha mudado. Não havia sinal do trono desbotado de Ebbitt. Mas ele estava lá, vestindo uma túnica branca do Povo Inferior e um casaco anil, cor que era proibido de usar desde que fora rebaixado para a Ordem Vermelha.

Estava deitado num diva comprido, cheio de almofadas, e uma máscara de dormir cobria-lhe os olhos. Seu Espírito-Sombra, um grande gato com uma crina, estava sentado a seus pés olhando para Tal que surgia.

— Vá embora — disse Ebbitt, fazendo um gesto lânguido com a mão. — Estou com dor de cabeça.

— Eu também — replicou Tal. — Preciso de sua ajuda, tio Ebbitt. É muito importante.

— Tão importante que você ficou duas semanas sem vir me ver? — perguntou Ebbitt, sem se

mover.

— Não acredito! — gritou Tal. — Não vim vê-lo porque CAÍ DA TORRE VERMELHA!

O grito de Tal fez o velho estremecer, mas teve um efeito ainda mais dramático no Espírito-Sombra. Ele se pôs de pé, pronto para saltar.

Foi então que Tal percebeu que aquela reação não tinha sido provocada por seu grito. Milla acabava de passar pela abertura na barreira.

— Não faça nada! — ordenou Tal, embora não soubesse ao certo se estava falando com Milla ou com o Espírito-Sombra.

— O que está acontecendo? — perguntou Ebbitt, irritado. Tirou a máscara e sentou-se, piscando. Quando viu Milla, que tinha sacado a espada apesar das instruções de Tal, ergueu a mão e a Pedra-do-Sol de seu anel disparou um súbito turbilhão luminoso.

— Não! — exclamou Tal novamente. — Nenhum de vocês faça nada.

— Quem... ou o que... é aquilo? — perguntou Ebbitt enquanto se levantava bem devagar. Mas não ergueu a mão.

Tal reparou que Milla tinha recolocado a máscara e o capuz. As lentes cor de âmbar brilhavam de forma assustadora à luz da Pedra-do-Sol e o buraco da boca estava terrivelmente escuro. Ela parecia mesmo um monstro.

— Por favor, Milla, tire a máscara — sussurrou Tal. — Ninguém vai atacar você, não é, tio?

— Já que você diz — respondeu Ebbitt, que pareceu levemente aliviado ao ouvir a palavra máscara e mais ainda quando Milla a retirou, lentamente. — Mas, volto a perguntar, quem é você? Tem uma sombra natural, mas não se parece com ninguém do Povo Inferior que eu já tenha visto.

— Sou Milla, do Clã dos Caçadores. Filha de Ylse, filha de Emor, filha de Rohen, filha de Cloy, da linhagem de Danir desde a ruína do Navio.

Ebbitt voltou a se sentar.

— Ela é de fora — disse Tal. — Eles se denominam Homens-do-Gelo.

Ebbitt não disse nada. Seu Espírito-Sombra virou-se para olhá-lo e, depois, arrastou-se para tocar-lhe a face com uma garra sombria.

— Tio Ebbitt? — disse Tal, subitamente ansioso.

O Espírito-Sombra pressionou com força o peito de Ebbitt e o velho tossiu, brusca e ruidosamente.

— De fora? — arquejou ele. — De fora do Castelo?

— É — disse Tal. — Foi onde estive. Cai mesmo da Torre Vermelha. Minha sombra-guardiã me salvou.

Ebbitt inspirou profundamente e estendeu a mão sob o sofá para pegar uma longa garrafa de cristal de gargalo estreito. Tal viu que havia um copo perto dela, mas Ebbitt não se preocupou com isso. Tirou a rolha e tomou vários goles.

— Cordial destilado da Flor-auréola — disse ele, baixando a garrafa. — Vem de Aenir. É um remédio para velhos loucos. Chegue mais perto, Milla, filha de Ylse e... de todos os demais.

— E também pode deixar a espada de lado — disse Tal, e acrescentou, dirigindo-se a Ebbitt:

— Ela é feita de chifre de Merwin. É por isso que brilha.

Milla hesitou, depois embainhou a espada e se aproximou. A uns poucos passos de distância, bateu os punhos fechados, fazendo a saudação dos Homens-do-Gelo.

— Então, há um fundo de verdade nas lendas — disse Ebbitt, fitando Milla fascinado. — Há mais coisas lá fora, além de neve e gelo.

— Muito mais — disse Tal, sentindo-se importante. — A maior parte delas tentando me matar.

— Contem-me tudo — exclamou Ebbitt, erguendo e baixando os braços, de tão excitado. — Esta é a melhor coisa que acontece em anos.

— E minha mãe? — perguntou Tal. — Como está ela? E Gref? E Kusi? O que aconteceu enquanto estive fora?

— Sua mãe ainda não está bem — disse Ebbitt, de forma evasiva. Levantou-se e dirigiu-se a um armário para pegar comida e uma garrafa de água-doce, obviamente uma bebida mais apropriada para seus hóspedes atuais do que o cordial de Flor-auréola.

Depois falamos sobre eles. Antes, preciso ouvir sua história.

Tal franziu as sobrancelhas, mas, por experiência própria, sabia que não conseguiria obter de Ebbitt qualquer coisa que ele não quisesse fazer. A maneira mais rápida para tirar algo de seu tio-avô seria con-tar-lhe o que tinha acontecido.

— Depois que deixei você — começou ele —, escalei a Torre Vermelha...

## Capítulo 11

Ebbitt ficou andando de um lado para o outro enquanto Tal falava. De quando em quando, interrompia para perguntar algo, quase sempre a respeito de Tal, mas também sobre Milla. Às vezes ria, e, outras vezes, batia palmas e seu riso virava gargalhada. Milla recuou um pouco quando ele fez isso, e seus olhos correram do velho ao Espírito-Sombra.

Ela sabia que Ebbitt devia ser tão velho quanto a Matriarca Mãe do Clã dos Caçadores, mas não parecia. Seu cabelo era prateado, e não branco, e era comprido nas costas ao passo que escasseava na frente. Sua pele era enrugada, mas suas rugas não se comparavam às de nenhuma das Matriarcas Mães.

Era muito mais alto do que ela imaginara e seus movimentos eram mais enérgicos. Mas seu traço dominante era o nariz. Numa saga da gente do Gelo, Ebbitt seria sem dúvida denominado Ebbitt Narigão.

— Agora conte — disse Tal, quando acabou de relatar a estranha forma como foram resgatados dos túneis de aquecimento —, o que aconteceu a Gref? E a Kusi? E a minha mãe?

— Seu irmão, Gref, está desaparecido — disse Ebbitt, num tom grave. — Pensei que pudesse estar junto com você e ambos estivessem apenas se escondendo para evitar aquele arrogante do Sushin. Kusi está com aqueles produtos estragados do casamento de minha sobrinha, creio eu.

Aquele arrogante do Sushin era o inimigo de Tal, Mestre-das-Sombras Sushin. Tal levou um segundo para entender que os produtos estragados do casamento de minha sobrinha eram uma referência às primas de sua mãe, Lallek e Korrek. Elas eram tão más quanto Sushin. Na verdade, piores, uma vez que, afinal de contas, faziam parte da família. Sua irmãzinha não devia estar gostando nada de ficar com elas.

— Mas não tentaríamos nos esconder sem contar para Mamãe — Tal franziu a testa. — Você devia ter perguntado a ela! Deve ter acontecido alguma coisa a Gref!

— Lamento, mas não pude falar com Graile — respondeu Ebbitt, medindo as palavras. — No dia em que você desapareceu, ela caiu num sono profundíssimo... e não acordou mais.

— O quê?! — exclamou Tal. Seus dedos se contraíam enquanto ele caminhava de um lado para outro. — Ela não estava tão mal assim quando fui embora. Eu deveria...

— Não há nada que você pudesse ter feito — disse Ebbitt. — Ela adormeceu para poupar forças. Acho que pode ser acordada, mas só como último recurso. Não devemos fazer isso até que ela possa ser levada para Aenir no Dia da Ascensão. Lá existem diversas magias que curarão o seu espírito e, portanto, o seu corpo.

— Eu posso levá-la para Aenir — exclamou Tal, pegando sua nova Pedra-do-Sol. — Poderia fazer isso hoje. Não me interessa esperar pelo Dia.

Milla se agitou e levou novamente a mão à espada. Tal olhou para ela e abanou a cabeça lentamente.

— Não, acho que não posso — disse, deixando a Pedra-do-Sol voltar para debaixo de seu casaco de pele. — Se você tem certeza que Mamãe só vai continuar dormindo até o Dia da Ascensão, eu deveria... bem, Kusi deve estar tristíssima mas, pelo menos, está a salvo. Preciso então encontrar Gref, e conseguir uma Pedra-do-Sol para Milla.

Ebbitt olhou para a Garota-do-Gelo.

— Não creio que a maioria dos Escolhidos esteja preparada para ouvir falar de Homens-do-Gelo, seus navios e seu mundo — disse ele. — Você vai ter de se disfarçar de integrante do Povo Inferior, Milla.

— Donzelas Guerreiras não se escondem por trás de falsas insígnias — disse Milla, orgulhosa. Aquilo soou como se ela estivesse recitando uma regra.

— Hum! — replicou Ebbitt. — Talvez possamos discutir isso mais tarde. Quanto a encontrar Gref, tenho uma idéia. Bem pequenininha. Tão pequena que pode desaparecer se eu não tratar de agarrá-la...

— Que idéia, tio? — interrompeu Tal. Ebbitt estava começando a saltar em círculos, como se a sua idéia fosse algo que pudesse perseguir fisicamente.

— Ssshhh! — disse Ebbitt. — Estou quase conseguindo!

Fez um gesto brusco e bateu com as mãos, aparentemente agarrando o ar.

— Conseguiu? — perguntou Tal. — Pegou a idéia?

Ebbitt abriu as mãos e observou algo.

— O quê? — perguntou. — Não, é uma peninha.

De onde será que veio?

Tal olhou para Milla. Ela estava tão inexpressiva quanto de hábito, mas um músculo debaixo de seu olho estremeceu, apenas por um segundo. Tomara que fosse porque ela estivesse achando graça.

— E a idéia? — perguntou ele. — Para encontrar Gref.

— O Espírito-Sombra que o levou para fora da Torre Vermelha — disse Ebbitt. Parecia estar se dirigindo ao ar à sua frente, mais do que a Tal. — Você o viu claramente e lembra de sua aparência?

— Lembro — disse Tal. Deu alguns passos para ficar diante de Ebbitt, mas o velho girou sobre um dos pés e ficou de frente para a parede. — Ele tinha a forma de um Borzog. Reconheci por causa do jogo de Criaferas.

— Um Espírito-Sombra pouco comum — disse Ebbitt. — Não é nenhum que eu tenha visto antes. No entanto, uma coisa é certa.

— O quê? — perguntou Tal, irritado, já que Ebbitt não prosseguia.

— Na verdade, duas — disse Ebbitt, contando nos seus dedos. — Uma, duas.

— O quê?!

— Primeiro. Você precisa identificar quem é o Senhor desse Espírito-Sombra. — Ebbitt empurrou tanto seu dedo para trás que se contraiu. — Ai!

— E a segunda coisa? — indagou Tal, ansioso.

— Segundo. A única maneira garantida de se fazer isso é procurar esse Espírito-Sombra no Códex.

— No Códex?

— O Códex de Tudo — sussurrou Ebbitt. — O Compêndio dos Escolhidos. O registro de nossa raça, inscrito a luz sobre cristal. Pergunte, e ele responderá. A maior das magias jamais

produzida em Aenir. O Códex que conhece todos os nomes — todos os Escolhidos, todos os Espíritos-Sombra, todas as sombras-guardiãs.

— Bem, descobrir a quem obedece o Espírito-Sombra Borzog já é um começo — disse Tal, embora estivesse um pouco preocupado com o brilho que via nos olhos de seu tio-avô. — Onde posso encontrar o Códex?

— É aí que a coisa pega — disse Ebbitt, com um ar lúgubre. Deixou-se cair no sofá. — Ele desapareceu há mais de vinte anos. Está perdido, para nossa grande tristeza. Ou foi roubado, o que estou começando a achar que foi o que de fato aconteceu. Se for verdade, foi por motivos tão terríveis que me forcei a esquecê-los.

Tal gemeu e deixou-se cair ao lado de seu tio-avô. Sua sombra-guardiã deslizou para seus pés e voltou a virar um Dattu, de orelhas caídas e ar inofensivo. O Espírito-Sombra de Ebbitt recostou-se nele e lhe deu uma lambida, com uma grande língua-de-sombra que surgiu subitamente de sua boca escura. Tal nunca o tinha visto fazer algo semelhante e, por um momento, ficou chocado.

— Por que... — começou ele, quando, inesperadamente, tanto a sombra-guardiã, quanto o Espírito-Sombra, e até mesmo Milla puseram-se alertas, virando a cabeça na direção da barreira de móveis e da entrada do corredor.

Tal também olhou para lá. Para seu horror, viu sombras escuras que se esgueiravam por baixo do monte de cadeiras e tralhas. Longas sombras, cuja forma reconhecia — criaturas quase humanas mas com ombros larguíssimos e cinturas incrivelmente finas.

Os Espíritos-Sombra da Guarda Imperial! Antigamente, Tal não teria ficado com medo, mas agora sabia que alguns membros da guarda eram cúmplices de Sushin. Como teriam descoberto que ele já estava de volta?

— Saiam! — gritou Ebbitt. — Por aqui!

Antes mesmo que Tal pudesse entender o que estava acontecendo, Ebbitt já estava de pé em cima do encosto do sofá. Seu grande Espírito-Sombra com uma crista o seguiu logo depois.

Tal hesitou. Será que deveria fugir da Guarda Imperial? Se fossem guardas de verdade, poderiam levá-lo à presença da Imperatriz e ele teria uma chance de esclarecer tudo. Mas se fossem comparsas de Sushin...

Um dos Espíritos-Sombra arremeteu contra ele e uma mão fria e bruxuleante o agarrou pelo tornozelo. A sombra-guardiã de Tal pulou em sua defesa, mas foi instantaneamente repelida.

O Espírito-Sombra deu um puxão e Tal caiu. Tentou pegar sua Pedra-do-Sol, mas era tarde demais. Quando estava quase conseguindo apanhá-la, o Espírito-Sombra o envolveu, de forma terrivelmente rápida, imobilizando-o no chão.

A dura queda e o contato frio e desagradável com o Espírito-Sombra levaram Tal a tomar uma decisão.

— Corra, Milla! — gritou ele. — Vá atrás de Ebbitt!

Milla saltou para cima do armário, mas não para fugir. Um Espírito-Sombra esticou-se todo para atacá-la mas, antes que conseguisse fazê-lo, ela o golpeou com a espada de chifre de Merwin.

Normalmente, objetos físicos não podiam ferir um Espírito-Sombra, por isso Tal ficou espantado ao ver a espada luminosa cortar efetivamente a cabeça do Espírito-Sombra, como se

fosse papel, e tiras de sombra saírem voando quando a lâmina passou.

O Espírito-Sombra gritou, e era um ruído que Tal nunca tinha ouvido antes. Recuou, então, precipitadamente, pondo-se fora do alcance da espada.

— Ha! — gritou Milla. — Que morram as sombras!

Pulou para um outro armário e golpeou o terceiro Espírito-Sombra. Ele também bateu em retirada, recuando enquanto a espada deixava um rastro de luz no ar.

Luz... era por isso que a espada funcionava com os Espíritos-Sombra. Só a luz podia lhes causar dano, e a espada de Milla tinha a cor e a intensidade certas, mesmo agora que estava um tanto enfraquecida.

Não que isso ajudasse Tal. O Espírito-Sombra que estava sobre ele não o soltou e Milla não podia descer sem se arriscar a ser atacada pelos três Espíritos-Sombra ao mesmo tempo.

— Não! — gritou Tal. De repente, ficou com medo do Espírito-Sombra que o estava imobilizando e do que os outros pudessem fazer com Milla.

Nunca tivera tanto medo antes, nem mesmo quando estava no Gelo. Era como estar sendo atacado pelos professores com quem estudava desde criança, era uma súbita loucura que não conseguia entender e nunca poderia imaginar. — Não lute! Fuja!

Seu grito ainda estava ecoando quando Milla pulou do armário, atacou pelas costas o Espírito-Sombra que o estava segurando, rolou pelo chão e, ao se levantar, girou sobre si mesma. Sua espada assobiou enquanto fazia um círculo completo a seu redor — cortando as cinturas finas dos dois outros Espíritos-Sombra.

Tal pôde sair se arrastando, já que o Espírito-Sombra que o havia atacado o soltou. De algum modo, se pôs de pé e viu que dois dos Espíritos-Sombra tinham sido literalmente cortados ao meio. Infelizmente, cada metade parecia continuar funcionando e agora estavam investindo contra Milla. O outro Espírito-Sombra permaneceu imóvel enquanto sua carne-de-sombra voltava a se juntar no lugar onde tinha sido seccionada.

Tal pegou sua Pedra-do-Sol e começou a concentrar-se nela.

Estava quase conseguindo disparar um raio de pura luz sobre os Espíritos-Sombra quando toda a barreira de móveis explodiu atrás dele, ardendo em chamas, com um clarão ofuscante.

## Capítulo 12

A maior parte dos móveis desapareceu na explosão, que foi seguida de perto por uma nuvem de fumaça e de cinza ardente. Um bando de Escolhidos, envergando o uniforme da Guarda Imperial, irrompeu sala adentro — trazendo mais Espíritos-Sombra ainda.

Tal fora derrubado pelo impacto e estava momentaneamente atordoado. Não conseguia acreditar que eles tivessem mandado todo o corredor pelos ares. Afinal, todos sabiam que podia haver milhares de Escolhidos ali, não só Ebbitt e ele.

Aturdido pelo choque, levantou, cambaleando, e estava limpando cinza do rosto quando foi derrubado pela terceira vez, por um dos guardas. O guarda se ajoelhou prontamente nas costas de Tal e torceu seus braços de forma que ele não conseguisse alcançar sua Pedra-do-Sol ou sacar uma arma.

— Peguei ele! — berrou o guarda.

— E você, desça daí! — gritou um outro guarda para Milla. Ele não pareceu muito preocupado, o que deixou Tal inteiramente desconcertado. Compreendeu, então, que deviam estar pensando que ela fosse um renegado do Povo Inferior e que era Tal o culpado pelos danos causados aos Espíritos-Sombra.

Subestimar Milla não era algo que se pudesse fazer duas vezes, pensou Tal. Mas agora ela precisava fugir, e não lutar. Queria desesperadamente que ela fugisse. Sua boca parecia cheia de cinzas e, por isso, não podia gritar.

Milla não correu. Tal ouviu um grito de dor e surpresa vindo do guarda que a mandara descer. Ergueu um pouco a cabeça, virando-a para ver, mas tudo o que pôde perceber foi um par de botas recuando aos tropeços, muitas outras botas avançando e milhares de Espíritos-Sombra circulando por todo lado.

— Ela não é do Povo Inferior!

— É alguma espécie de criatura. Usem luz!

— Cuidado com a espada!

— Afastem-se!

Houve uma nova explosão de luz, e uma de cinzas. Mas Milla não foi atingida. Um Espírito-Sombra soltou um guincho, seguido de pragas, de gritos dos guardas e do estranho som tilintante do aço chocando-se com o chifre de Merwin.

— Tomem cuidado! Para a esquerda, vão para a esquerda!

— Mantenham a calma, mantenham... arrrghh!

— Harl! Japen! Por aqui! Ranil, arraste esse aí para trás!

Ranil soltou os braços de Tal e começou a arrastá-lo pelos tornozelos. Pela gritaria e pela correria que estavam acontecendo a seu redor, era evidente que Milla ainda não tinha sido apanhada. Mas havia tantos guardas e Espíritos-Sombra que ela não poderia resistir por muito tempo.

— Milla! — gritou ele, cuspidando cinzas. — Fuja! Eles vão matá-la!

Ao gritar, Tal se retorceu e, por alguns instantes, conseguiu libertar-se. Ranil praguejou e tentou apanhá-lo novamente enquanto ele pulava, se contorcendo e rolava pelo chão. Entrou debaixo

de uma mesa, mas dali não havia para onde ir.

Nos poucos segundos em que ficou sem ser visto, Tal tirou a Pedra-do-Sol da corrente e a escondeu na boca. Ficou segurando a corrente com a velha Pedra-do-Sol já morta.

Ranil despedaçou a mesa e sentou-se novamente sobre ele mas, do lugar em que estava, Tal podia ver melhor o corredor. No meio da confusão, viu Milla rechaçar três ou quatro guardas, saltando por entre pedaços de móveis. Foi então que Ranil empurrou sua cabeça contra o chão, e Tal não conseguiu ver mais nada.

Ouviu uma nova troca de golpes, com o duro tinido do metal e o som estranhamente suave do aço contra o chifre de Merwin. Um guarda gritou e um outro ganiu de dor.

— Para trás! — ordenou um guarda, e ouviu-se um tropel de passos.

Tal fez um esforço sobre-humano, retesando cada músculo das costas, e se virou. Viu cinzas rodopiando, guardas pulando para trás, Milla saltando do alto de um armário. Nesse momento, da mão de um dos guardas foi disparada uma faísca elétrica de cor azul que atingiu o peito de Milla. Ouviu-se como um estrondo de trovão, acompanhado de um clarão brilhante, e o ruído do corpo de Milla caindo ao chão.

— Acertamos a criatura, ou seja lá o que for — disse um guarda, nitidamente aliviado. Houve um murmúrio de assentimento.

Tal fechou os olhos, absolutamente arrasado.

Milla estava morta.

Tinham chegado tão longe e sobrevivido a tanta coisa. Não podia acreditar que tudo fosse acabar aqui. Aqui, no corredor empoeirado do tio Ebbitt.

Tal reviu o rosto de Milla rindo ao lhe dizer que teriam que saltar de novo o abismo assustador. Milla, que deveria ter vivido para se tornar uma Donzela Guerreira e ter canções que louvassem os seus feitos. Agora, os Caçadores sequer saberiam o que aconteceu com a mais corajosa de suas filhas.

Mãos brutais viraram Tal, e alguém lhe tomou das mãos a corrente com a Pedra-do-Sol que já não servia para nada. Tal abriu os olhos quando o guarda o revistava, procurando por armas.

Num segundo, tudo tinha dado errado. Estava tudo acabado, não apenas para Milla, mas também para Tal, para sua família, para todos.

O Espírito-Sombra do guarda se ajoelhou junto da cabeça de Tal, pronto para agarrá-lo se ele se movesse. Com a outra garra, segurou sua sombra-guardiã pelo cangote. Mais uma vez, ela tinha assumido a forma de um Dattu.

— Você é Tal Graile-Rerem? — perguntou uma voz vinda de algum lugar fora do campo de visão de Tal. Ele ia virando a cabeça mas parou quando as garras do Espírito-Sombra se fecharam em seu pescoço.

— Sim — balbuciou Tal, meio aparvalhado. Não estava nem tão preocupado em esconder a Pedra-do-Sol que tinha na boca. Nada mais importava. Tinha fracassado, e Milla estava morta.

— É ele, sim — confirmou outra voz. — Eu o vi jogando Criaferas. Por que Sushin está atrás dele?

O Mestre-das-Sombras Sushin continuava sendo seu inimigo, embora Tal não soubesse por quê. Desolado, Tal se perguntava como Sushin — que era apenas uma Estrela-Brilhante da Ordem Laranja — tinha poderes para pôr a Guarda Imperial em seu encalço. E por que se

preocupava com isso?

— De onde vem essa aí, Tal? — perguntou o guarda que tinha indagado sobre sua identidade.  
— Dos níveis mais baixos do Povo Inferior? Quem fez essa espada para ela?

— Ela era minha hóspede — murmurou Tal mecanicamente. Sua voz parecia vir de muito longe, como se não fosse realmente ele que estivesse falando. — Milla. Ela é... era uma Garota-do-Gelo. Lá de fora.

Diante dessa resposta, o silêncio foi geral, pois os guardas pararam o que estavam fazendo. Ouviram-se, então, uma espécie de risinho nervoso e uma tosse antes que eles voltassem a se mexer.

— De fora? O que você quer dizer com de fora?

— De fora do Castelo — disse Tal. — Do Gelo.

— Você espera que a gente acredite nisso? — perguntou o guarda. Agora, ele parecia zangado.

— Não — replicou Tal, amargamente. — Mas é verdade.

— Levem-nos — ordenou o guarda. — Tal, para o Fosso. A garota, para a Câmara dos Pesadelos. Vamos deixar que Fashnek faça ela dizer a verdade. E que ninguém diga nada sobre o que aconteceu aqui. Estamos entendidos?

Houve um coro de assentimento e uma súbita movimentação.

Por uns poucos segundos, Tal não atinou o pleno sentido do que o guarda tinha dito. Lentamente, as palavras ficaram se repetindo em sua cabeça.

*A garota, para a Câmara dos Pesadelos.*

Sentiu-se como um menino de quatro anos lutando para ler. Então, de repente, entendeu tudo.

Milla tinha que estar viva! Eles não levariam um cadáver para ser interrogado na Câmara dos Pesadelos!

Uma chamazinha de esperança brotou na escuridão que havia dentro dele, mas não se acendeu inteiramente. Milla devia estar viva, mas ambos corriam grande perigo, ela talvez mais que ele.

A Câmara dos Pesadelos era um lugar onde Espíritos-Sombra podiam peneirar em nossos sonhos e transformá-los em pesadelos. Era onde os Escolhidos que transgredissem as leis da Imperatriz eram punidos. Para Milla, que, como todos os Homens-do-Gelo, tinha horror das sombras independentes, aquilo seria absolutamente aterrador.

Tal arquejou quando um Espírito-Sombra se enrolou subitamente nele, prendendo seus braços e suas pernas, e, depois, estendeu seus tentáculos para tapar-lhe os olhos. Sentiu algo como se fosse sua própria sombra-guardiã, mas não exatamente, era como vestir uma camisa comum que estivesse inesperadamente molhada. Aquela coisa também era forte o bastante para imobilizá-lo inteiramente, e ele não conseguia enxergar nada através da venda de carne-de-sombra.

Só então pensou no que lhe aconteceria. Milla estava indo para a Câmara dos Pesadelos, mas ele estava sendo levado para o Fosso.

Tal nunca tinha ouvido falar desse Fosso.



## Capítulo 13

Milla tinha ficado cega com o jato de luz da Pedra-do-Sol do guarda e perdera os sentidos. Só a máscara e a armadura evitaram que morresse queimada, e ficaram ambas bem chamuscadas: as lentes cor de âmbar da máscara derreteram, em parte, e a pele de Selski enegreceu e descascou.

Rapidamente, os guardas retiraram-lhe a armadura e a máscara, e amarraram seus pulsos e tornozelos. Enrolaram-na numa toalha de mesa da coleção de Ebbitt, e apressaram-se em retirá-la dali, pelos corredores menos freqüentados que conduziam à Câmara dos Pesadelos.

Mesmo assim, houve quem os visse, e, mais tarde, muitos Escolhidos comentariam sobre quatro guardas desgrenhados, feridos e sangrando, e o corpo que carregavam consigo. Mas todos pensaram que fosse apenas a remoção de alguém do Povo Inferior que tivesse enlouquecido, o que era pouco comum, mas não inédito.

Não viram o insólito cabelo louro, quase branco, de Milla, ou a estranha roupa que ela usava. A espada de Merwin também fora embrulhada e passaria perfeitamente por algum tipo de arma improvisada. Um Escolhido divertiu os amigos descrevendo um estúpido do Povo Inferior que tinha ficado louco e carregava um pé de mesa.

Os guardas não tiveram sorte com o atalho escolhido. O Jardim do Meio era um aposento amplo e aberto, com altos tetos abobadados, repousantes samambaias, plácidas piscinas forradas com pequenas Pedras-do-Sol, e repuxos cristalinos que jorravam espontaneamente para depois quase se extinguírem e voltarem a jorrar novamente.

Era raro mais de quatro Escolhidos freqüentarem o lugar. Mas, naquele dia em particular, Pari, Estrela Brilhante da Ordem Azul, recriava, para quarenta e sete de seus amigos mais íntimos, a Conquista da Poesia que lhe havia valido um Raio Violeta da Realização.

Pari recitava seu poema, escrevendo suas trezentas e oitenta palavras em letras de luz azul acrobática, quando os guardas cruzaram o aposento correndo, desconcentrando-o completamente. Ele gaguejou no meio de uma estrofe, e as letras azul-claras se chocaram umas contra as outras, produzindo uma desagradável nuvem disforme, marrom esverdeada, que ficou pairando sobre o público, ameaçadora.

Os espectadores levaram alguns momentos para entender o que estava acontecendo. Assim que perceberam, apontaram suas Pedras-do-Sol para os guardas, lançando Raios Vermelhos de Descontentamento para mostrar seu desagrado pelo insulto à obra genial de Pari.

Embora os Escolhidos não fizessem mais que isso, seus Espíritos-Sombra refletiam os verdadeiros sentimentos de seus senhores, erguendo-se do chão para fazer gestos agressivos dirigidos aos guardas.

Estes não se detiveram para oferecer Raios Azuis de Desculpa Respeitosa. O público ficou resmungando e reclamando, enquanto Pari se debulhava em pranto, juntando suas lágrimas a uma das piscinas cobertas de Pedras-do-Sol.

Uma vez livres do Jardim do Meio, não havia mais obstáculos só alguns poucos Escolhidos que saíam rapidamente do caminho dos guardas. A Câmara dos Pesadelos ficava no lado leste do Castelo, numa ala onde havia muitas salas e quartos vazios. Os Escolhidos não iam até lá, a não ser contra a vontade. Muitos deles até relutariam em admitir que a Câmara dos Pesadelos realmente existisse.

Ao contrário da maioria das portas do Castelo, que eram assinaladas com a cor da ordem e um emblema de família ou um símbolo oficial, o amplo portão da Câmara dos Pesadelos era inteiramente branco e solidamente fechado, com uma única Pedra-do-Sol no lugar em que ficava normalmente o buraco da fechadura.

Os guardas depuseram no chão o corpo inconsciente de Milla, e logo um deles encostou sua pulseira de Pedra-do-Sol na pedra da porta. Acendeu-se uma luz violeta, e o portão se abriu lentamente, com um rangido. Além dele, só havia escuridão.

— É para você, Fashnek! — gritou o guarda, nervoso. Eles não fizeram qualquer menção de cruzar o portão.

Do lado de dentro, ouviram-se passos, e os guardas recuaram.

Passos lentos, como se a pessoa que andava tivesse dificuldade para se locomover ou lutasse contra um peso enorme.

Os guardas retrocederam ainda mais quando o até então oculto Fashnek saiu para a luz — e logo se viu por que tinham medo.

Fashnek era um homem alto e magérrimo, com longos cabelos negros presos atrás da cabeça. Seu traço mais característico poderia ser o nariz retorcido, com narinas muito dilatadas, como se tivesse passado a vida farejando.

Mas quando ficou inteiramente sob a luz, todos os olhos foram atraídos para o lado esquerdo do seu corpo, porque lhe faltava a maior parte. Algo o tinha esmagado do quadril até o ombro, e seu braço esquerdo não era humano.

A carne que faltava tinha sido substituída por sombra. Pinças negras como a noite estavam presas à extremidade do seu novo braço esquerdo. Também este era feito de sombra, e articulado em três lugares.

Ainda pior que o enxerto de sombra em lugar da carne ausente, era que o resto do Espírito-Sombra ficava colado a Fashnek como um gêmeo siamês. Na medida do possível, preenchera a parte que faltava do corpo de Fashnek, mas era incapaz de alterar sua própria forma de modo significativo.

A coisa tinha a forma de um inseto, com seis membros unidos em diversos pontos, um corpo bulboso e uma cabeça com a boca comprida como o gargalo de uma garrafa. A extremidade dessa boca terrível era toda rodeada de pequeninos dentes curvos, o que lhe dava uma perturbadora semelhança a uma sanguessuga excessivamente inchada. Para manter ao máximo a aparência humana de Fashnek, o Espírito-Sombra ficava colado ao seu flanco e às suas costas, escondendo-se, tanto quanto possível, atrás dele.

Mantido vivo desse modo apavorante, Fashnek era considerado repulsivo por outros Escolhidos. Jamais seria bem-vindo em conquistas, diversões ou eventos. Jamais poderia ser visto na corte da Imperatriz ou na Assembléia.

Mas havia encontrado seu lugar na Câmara dos Pesadelos.

E agora os outros tinham medo dele.

Estendendo sua mão humana e as pinças de carne-de-sombra, pegou a toalha e, lentamente, puxou o corpo inconsciente de Milla para dentro da Câmara.

Quando os calcanhares de Milla cruzaram o portão, este se fechou completamente. Os guardas, que tinham observado tudo em silêncio, não se moveram até que um clique audível

indicou que as portas estavam novamente trancadas.

Milla voltou a si e, instantaneamente, tratou de avaliar a situação, como tinha sido treinada para fazer. Não era fácil, já que estava tudo escuro. Mas ainda podia ouvir e sentir cheiros. Ficou, então, onde estava, perscrutando com os sentidos tornados mais aguçados em virtude da falta da visão, enquanto tentava rememorar o que acontecera.

Lembrou-se de Tal gritando para ela correr. Então, tinha ferido um inimigo no braço. Não sabia bem o que tinha acontecido depois disso.

Tinha sido capturada, é claro. Mas não estava amarrada, como estaria se o inimigo fosse um Homem-do-Gelo. Os Escolhidos deviam ter outros meios de prendê-la. Movendo-se lenta e furtivamente, Milla tocou o chão. Era feito de algum material liso, fresco, que não era pedra nem osso. As únicas coisas com as quais podia comparar isso eram a escadaria de cristal dos túneis de aquecimento ou a pirâmide de Imrir.

Milla estendeu os braços, sentindo com a ponta dos dedos. Não muito longe, o chão começava a se curvar para cima. Só precisou de uns poucos segundos para compreender que estava dentro de um globo. Um globo de cristal.

Era grande o bastante para que ela pudesse sentar, mas não para ficar de pé. E, apesar da ausência de furos, o ar fresco penetrava ali, sabe-se lá como.

A situação parecia ser ainda pior que aquela vivida pela legendária Ulla Braço-Forte, que tinha sido engolida por um velho Selski de mandíbula quebrada, e que precisou cortar-lhe o estômago para poder escapar. Ao que se dizia, ela nunca mais teria voltado a comer carne de Selski depois desse episódio.

Agachando-se, Milla farejou o ar mais uma vez. Como pensava, havia sinais de ar fresco e uma ventilação quase imperceptível. O globo devia ter orifícios minúsculos. Também podia farejar poeira e pelo menos uma pessoa. O ar fedia a suor.

— Então, você acordou, membro do Povo Inferior — disse uma voz na escuridão.

Milla se virou para encarar a voz, calma e vagarosamente, como convém a uma Donzela Guerreira. Já tinha começado a fazer a respiração Rovkir, com inspirações e expirações regulares, que a ajudavam a manter o medo sob controle.

Uma Donzela Guerreira deve ter medo, pois o medo é humano, recitou mentalmente. Mas uma Donzela Guerreira não deve demonstrar que tem medo, não deve se deixar dominar por ele.

— Não sou do Povo Inferior — disse ela, em voz alta. — Sou dos Homens-do-Gelo. Liberte-me dessa gaiola e eu lutarei com você.

— Homens-do-Gelo? — perguntou a voz. — Que imaginação! Isso é raro entre o Povo Inferior.

Milla não respondeu. Em vez disso, cerrou os punhos e os juntou. O ar veio e se foi e, devagarinho, ela foi tensionando e relaxando cada músculo do corpo, começando pelos dedos dos pés. A respiração provocou uma dor inesperada, devida às contusões e queimaduras, e fez doer também o ponto em que o Merwin a tinha ferido.

— É com isso que você sonha? — perguntou a voz. — Invente uma vida diferente, onde não faz parte do Povo Inferior do Castelo. Bem, vamos ver.

Um leve som, como um assovio, veio de algum lugar próximo aos pés de Milla. Instantaneamente, ela pulou, pressionando mãos e pés de encontro ao globo para se erguer do chão. Não era alguma espécie de sombra entrando por ali, como ela temia. Um cheiro doce, enjoativo, chegou a suas narinas.

Ar ruim, pensou Milla, e prendeu a respiração. Mas não um ar ruim como nos túneis de aquecimento. Agora, era cheiro de cozinha e de metal. Soube, instintivamente, que era produzido por gente.

Estava surgindo alguma luz em redor do globo. Pedras-do-Sol começavam a dar sinal de vida. Pedras de diversas cores brilharam, emitindo raios para dentro do globo em vez de espalhar luz por toda a peça.

À luz de sete cores diferentes, Milla pôde ver que o cristal do globo continha milhares de fiozinhos de prata. Os raios das Pedras-do-Sol atingiam esses fios e enviavam luz através deles, formando um complexo sistema que circulava por todo o globo.

Viu também uma bruma colorida que subia da base do globo e, por isso, continuou prendendo a respiração. No entanto, as luzes coloridas a estavam afetando. Podia senti-las, tanto quanto podia vê-las, mesmo com os olhos fechados. Parecia que atingiam os seus nervos, sob a pele. Seus dentes doíam e parecia que mil agulhas pontudas estavam sendo enfiadas em seus braços e suas pernas.

Viu o Espírito-Sombra e o homem que estava ligado a ele. Aproximavam-se do globo, mancando juntos. Era como se a pior das histórias exemplares das Matriarcas Mães tivesse adquirido vida à sua frente. Uma sombra havia dominado um homem e o absorvera.

Assustada, fez uma breve inspiração. Mal percebeu seu erro e a fumaça adocicada já estava penetrando em seus pulmões. Milla se sentiu tonta e muito, muito cansada. Foi escorregando lentamente, até estar novamente deitada no chão do globo.

Seus olhos se fecharam e ela adormeceu.

Fashnek tocou no globo. Seu braço de Espírito-Sombra atravessou lentamente o cristal. As tenazes se abriram e se esticaram até envolver a cabeça de Milla. Mas permaneceram abertas.

Fashnek sorriu. Usando sua mão humana, ergueu uma Pedra-do-Sol. Concentrou-se nela e ela brilhou, luminosa. As outras Pedras-do-Sol que estavam em toda a volta brilharam também, enchendo o globo com um turbilhão de cores.

Fashnek fechou os olhos e entrou nos sonhos de Milla.

## Capítulo 15

A primeira reação de Tal à idéia do Fosso foi de alívio, por não ser a Câmara dos Pesadelos. Enquanto o levavam pelos corredores dos fundos do Castelo, teve todo o tempo do mundo para ficar imaginando como poderia ser o Fosso. Uma enxurrada de possibilidades invadiu sua mente, entre elas, um fosso cheio de água, onde ele teria que nadar constantemente para não se afogar.

No entanto, algo assim seria sem dúvida chamado de Tanque. Começou, então, a pensar em coisas que pudessem ser mantidas em fossos. Talvez um Espírito-Sombra mau caráter? O Fosso teria de ser conservado na mais completa escuridão, ou forrado de espelhos para segurar o Espírito-Sombra lá dentro, mas isso era certamente possível.

Foi só depois de encontrar os Homens-do-Gelo que Tal passou a admitir a idéia de um Espírito-Sombra mau caráter. Ela permaneceu em seu cérebro, como uma semente escura, e estava agora em pleno florescimento. Podia imaginar alguma coisa se desenrolando num canto escuro, esticando-se lentamente para agarrá-lo enquanto ele ficava amarrado e incapaz de se mover. Aquela coisa falaria com ele o tempo todo, com uma voz que seria como a do Guardiã da Torre Vermelha, possante e terrível...

No momento em que chegaram efetivamente ao Fosso, Tal estava apavorado. Mal podia respirar, e sentia câimbras no estômago. Suas mãos se contraíam de forma descontrolada, como numa apresentação de fantoches de luz em que tudo desse errado. Quando o Espírito-Sombra deixou de cobrir seus olhos, Tal precisou reunir toda a coragem para ver o que o esperava. Mas o Fosso era apenas um fosso. Um buraco circular, com cerca de quinze trechos de diâmetro e talvez trinta de profundidade. Não havia sinal de qualquer coisa que estivesse esperando por ele ali dentro.

Mas, como o Espírito-Sombra recuou, ficando um passo atrás dele. Tal viveu outro momento terrível, imaginando uma possibilidade que não lhe havia ocorrido: iam empurrá-lo para o fosso e ele quebraria os braços e as pernas, ficando lá dentro, em agonia, até morrer. Instintivamente, olhou para sua sombra-guardiã. O Espírito-Sombra ainda a mantinha presa.

Os guardas deram um passo a frente. Tal engoliu em seco, de nervoso, parando bem a tempo de evitar que a Pedra-do-Sol fosse engolida.

Mas não o empurraram. Pararam a alguns passos dele, com seus Espíritos-Sombra no meio, e ergueram suas Pedras-do-Sol. Elas emitiram raios violeta formando um vasto fecho de luz que envolveu Tal. Como sua própria Pedra-do-Sol respondeu, ele teve que virar a cabeça bem depressa, para esconder dos guardas a luz que brilhava em seu rosto e escapava por seus lábios bem apertados.

O fecho violeta foi assumindo lentamente uma forma e se transformou numa imensa mão de luz. Os dedos se fecharam em torno de Tal e, subitamente, ele foi erguido do chão, a cabeça quase batendo no teto.

Os guardas tinham criado uma Mão de Luz. Tal sabia que isso era possível, mas nunca tinha visto acontecer. Eram necessários vários Escolhidos, de grande perícia, e poderosas Pedras-do-Sol atuando em conjunto. É claro que todos os guardas eram membros da Ordem Violeta e, além disso, estavam entre os mais eficientes praticantes de Magia da Luz no Castelo.

— Hora de dançar um pouco? — perguntou um guarda, e os outros riram. A Mão começou imediatamente a sacudir Tal para um lado e para o outro, para cima e para baixo, até ele ficar enjoado.

Tendo na boca a Pedra-do-Sol, ele nem podia gritar ou implorar misericórdia. Com isso, a brincadeira ficou sem graça e os guardas logo se desinteressaram dela. A Mão parou seus movimentos desenfreados e, rapidamente, baixou Tal até o fundo do Fosso.

Ali, ela o soltou, ficou pairando bem acima de sua cabeça e abanou os dedos luminosos num gesto de despedida, no que foi acompanhada por mais risadas dos guardas. Voltou, então, a se fechar, agarrando o ar, porque os quatro Escolhidos pararam de se concentrar em suas Pedras-do-Sol.

Quando a Mão desapareceu, a luz também se extinguiu. Tal foi deixado na semi-escuridão. O aposento que ficava acima do Fosso era iluminado por Pedras-do-Sol, mas muito pouco de sua luz chegava até Tal, que estava no fundo do buraco. Ficou tentado a usar sua própria Pedra-do-Sol, mas sempre havia a possibilidade de os guardas não terem se afastado muito. Tomariam sua Pedra-do-Sol, se a descobrissem.

Havia porém luz suficiente para ele investigar o tamanho do fundo do Fosso. Ficou feliz ao ver um colchão, mofado, mas que dava para usar, encostado a uma parede, e mais feliz ainda ao descobrir um pequeno tanque de água, alimentado por um cano. Do outro lado do Fosso, havia um sanitário primitivo, um simples bueiro estreito e profundo. Era estreito demais para fugir por ali, mesmo que ele fosse capaz de agüentar isso.

Havia também uma cesta, a um canto, contendo a metade de um pão muito velho. Para Tal, era uma indicação de que provavelmente lhe dariam alguma comida.

Sentou-se no colchão e cuspiu a Pedra-do-Sol na palma da mão. Guardou-a, então, no bolso da manga. Ainda estava usando as roupas dos Homens-do-Gelo, embora tivesse deixado o grande sobretudo na entrada dos túneis de aquecimento. Mas mesmo as peles de baixo eram quentes demais, bem fedorentas e desconfortáveis.

Quando seus olhos se acostumaram à pouca iluminação, Tal se sentou e ficou pensando em sua situação. Sabia muito bem que tinha feito coisas que não eram dignas de um autêntico Escolhido. Podia ter infringido uma dúzia de leis, mas nem por isso devia ser punido dessa forma.

Pelo que aprendera no Lectorium, um Escolhido não podia ser levado para um local como a Câmara dos Pesadelos até que tivesse sido julgado e, mesmo depois do julgamento, podia apelar para a Assembléia dos Escolhidos, ou para a Imperatriz.

Antes, deveria ter sido levado à presença do Lumenor da Ordem Laranja e, só depois, julgado pelo Tribunal dos Anciãos. Deveria ter um Representante do Acusado, um Escolhido mais velho, conhecedor das leis, quealaria em seu nome.

O que estava acontecendo?

Tal suspirou e baixou a cabeça. Estava tendo problemas demais. Ainda nem tinha visto sua mãe, e muito menos feito alguma coisa para ajudá-la. Gref estava desaparecido. Kusi estava nas mãos daquelas horríveis primas.

E Milla estava na Câmara dos Pesadelos. Ela nem poderia saber o que ia acontecer naquele lugar. Com Tal era diferente, pois tinha ouvido histórias terríveis sobre a Câmara dos Pesadelos. Era o pior castigo que poderia imaginar.

Espíritos-Sombra penetrariam nos sonhos de Milla. Transformariam esses sonhos em pesadelos, pesadelos dos quais ela não conseguiria escapar. E tampouco poderia acordar, até que eles permitissem.

Tal tinha visto o que acontecera a rebeldes do Povo Inferior na Câmara dos Pesadelos. Anos

a fio, o mesmo homem tinha trabalhado no corredor principal que ficava diante dos aposentos da família de Tal. Varria e lavava. Um dia, começou a jogar água com sabão nos Escolhidos que transitavam por ali, depois, passou a jogar o balde inteiro e um Semi-Brilho foi atingido e desmaiou. O homem do Povo Inferior foi levado para a Câmara dos Pesadelos. Quando voltou, passou semanas se sacudindo e tremendo, e nunca mais sorriu ao ver as crianças brincarem, no saguão, com seus jogos de luz e de sombra.

E ele ainda teve sorte.

Alguns jamais voltaram.

Tal não queria ver Milla desse jeito. O que significava que teria de libertá-la. Depois, encontrar o Códex para poder achar Gref. Depois, então, levar sua mãe para Aenir para ela se curar. Depois, limpar seu nome para poder se tornar um autêntico Escolhido. E depois, conseguir uma Pedra-do-Sol para os Caçadores, como prometera.

— Um passo de cada vez — murmurou. Seu pai sempre dizia isso, quando Tal reclamava de alguma coisa que tivesse de fazer.

Lembrou-se subitamente de seu pai e sua mãe ajudando Kusi a andar pela primeira vez. Cada um ficou de um lado do bebê sorridente, segurando-lhe as mãos, enquanto Gref e Tal andavam de costas diante dela. “Um passo de cada vez” cantavam todos, e Kusi deu o primeiro passo, depois, outro, e outro ainda...

O primeiro passo de Tal tinha que ser sair do Fosso. Não poderia fazer nada estando dentro de um buraco no chão. Olhou para as três cicatrizes em seu pulso, onde tinha sido marcado pela Matriarca. Algo dos Homens-do-Gelo devia ter sido absorvido por ele. Como os Homens-do-Gelo, e o Selski que eles perseguiram, Tal sabia que se parasse, morreria.

Tendo decidido escapar, pôs no dedo o anel de Pedra-do-Sol, virando a pedra para o lado de dentro para poder protegê-la com a mão. Provocou, então, uma luz bem fraquinha e usou-a para examinar as paredes do Fosso. Tinha aprendido a escalar bem na Montanha da Luz. Se houvesse fendas, poderia agarrar-se nelas e escalar o paredão.

Mas as paredes eram lisas e sem falhas. Depois de examinar metade do Fosso, viu que era inútil continuar procurando. O Fosso não tinha sido cavado com ferramentas comuns e sim talhado com Luz na rocha sólida, provavelmente por Escolhidos usando Pedras-do-Sol. As paredes eram lisas como vidro, a rocha tinha efetivamente se fundido.

Estava a ponto de desistir quando percebeu uma pequena faixa, áspera, bem na altura de seus olhos. Nada que pudesse ajudá-lo a subir mas, de qualquer modo, Tal se apressou a olhar mais de perto.

A aspereza não era accidental. Alguém tinha arranhado letras e números na rocha. Diversas pessoas diferentes, pensou Tal, por causa da variedade de letras. Alguns arranhões estavam bem apagados e eram evidentemente muito antigos. Já outros eram nitidamente recentes. Havia fragmentos de nomes e traços que provavelmente contavam as refeições, pois não haveria outra maneira de marcar o tempo. A diferença dos Homens-do-Gelo, os Escolhidos não pensariam em contar cada respiração, inconscientemente ou de qualquer outro modo.

Foram prisioneiros que ficaram meses aqui, ou até anos.

Será que havia algum jeito de escapar?

Havia pelo menos uns vinte nomes riscados na rocha. Tal aproximou sua Pedra-do-Sol para decifrá-los. Nenhum dos nomes lhe era muito familiar, até que chegou a um dos mais recentes, bem embaixo.

Quando o viu, ficou gelado e sem ar. Inclinou-se, para chegar mais perto ainda, incapaz de acreditar no que via. Tocou, então, a pedra na esperança de que as letras desaparecessem sob as pontas de seus dedos.

Mas não desapareceram e, por mais que olhasse de mil formas diferentes, elas continuavam repetindo o mesmo nome. E ele reconhecia o traço característico da escrita.

Rerem.

Seu pai. Ele tinha estado aqui. No Fosso. O que significava que não tinha desaparecido durante uma missão secreta para a Imperatriz, como dissera Sushin. Tinha ficado preso aqui, até conseguir escapar... ou até que alguma outra coisa lhe tenha acontecido.

Tal estremeceu. Não queria pensar em outra coisa que não fosse fuga. Seu pai era mais esperto e mais forte que ele. Com certeza escapara. Por isso não tinha podido voltar para casa. Os inimigos que o haviam aprisionado aqui estariam procurando por ele. Devia estar escondido em algum lugar, esperando uma oportunidade de falar com a Imperatriz ou com seus amigos.

Isto seria difícil, já que alguns membros da Guarda Imperial estavam evidentemente envolvidos com os inimigos de Rerem. Algo terrível estava sendo tramado, embora Tal não pudesse imaginar o que poderia estar em jogo. Rerem deve ter descoberto alguma coisa, e era por isso que queriam que ele também ficasse preso.

Tinha certeza de que o Mestre-das-Sombras Sushin estava por trás de tudo isso. Tal se lembrava muito bem da alegria dele ao lhe dizer que seu pai estava morto e, depois, ao lhe dar as desiluminâncias. Olhou para o pulso e riu. As pulseiras de cristal que o ameaçavam de rebaixamento tinham desaparecido há muito tempo, ele as perdera quando caiu da Torre Vermelha. Provavelmente, ganharia mais desiluminâncias ainda por ter perdido a primeira coleção. Talvez sete, de uma vez só, e o rebaixamento instantâneo para a Ordem Vermelha. Ou quatorze, e as boas-vindas às fileiras do Povo Inferior.

Tal não estava nem aí para as desiluminâncias. Quem quer que fossem os seus inimigos, Sushin ou sabe-se lá quem, não estavam preocupados em respeitar as regras e leis dos Escolhidos. Então, ia fazer o mesmo.

Desafiador, riscou seu próprio nome sob o de seu pai, usando também uma colher de metal gasta, como os outros deviam ter usado. Quase todas elas ainda estavam ali, por certo, isso não era muito útil como arma.

Mal terminara de escrever, ouviu um barulho mais acima. Não as pisadas firmes das botas dos guardas, era mais como algo que deslizasse. Bem depressa, reduziu a luz de sua Pedra-do-Sol e voltou a guardá-la no bolso. Deitou-se, então, no colchão mofado e fingiu que dormia.

Olhando para abertura do Fosso fracamente iluminada, viu um Espírito-Sombra espiando pela borda — uma criatura alta, com chifres, que estava apoiando as patas dianteiras na beirada do Fosso, como se fosse pular ali dentro. Sem tirar os olhos dele, Tal esticou a mão bem devagar para pegar a Pedra-do-Sol no bolso da manga, com o coração disparado. Se ele pulasse, Tal o acertaria.

Ou tentaria fazê-lo.

Mas o Espírito-Sombra se afastou. Foi substituído por um Escolhido, uma figura reluzente, cercado de luz por causa das inúmeras Pedras-do-Sol que usava em anéis, numa corrente e num bastão. O bastão pertencia ao Representante Lumenor e trazia o brilho laranja indicando que ele era da Ordem Laranja, a mesma de Tal.

Por um momento, Tal pensou que tudo ia entrar nos eixos. O Representante Lumenor tinha vindo libertá-lo. Os guardas e outros conspiradores já estariam no Tribunal dos Anciãos, respondendo por seus crimes.

Percebeu, então, que o Escolhido que estava ali não era Neril, o Representante Lumenor que ele conhecia, e que vinha ocupando o posto há muitos, muitos anos. Era outra pessoa, mais alta e mais forte, iluminada por uma luz tão brilhante que Tal não podia ver seu rosto.

Quando ele falou, as esperanças de Tal foram por água abaixo. Aquela voz era conhecida.

Era o Mestre-das-Sombras Sushin. Sabe-se lá como, ele tinha sido promovido a Representante Lumenor da Ordem Laranja. E a Julgador, a julgar pela nova corrente de Pedras-do-Sol, bem maior, que agora usava no pescoço.

Mas isso não era possível, ao menos de acordo com tudo o que lhe fora ensinado. Os Ofuscadores eram o nível mais elevado dentro da Ordem Laranja.

Para subir ainda mais, era preciso ser da Ordem Verde, no mínimo. Entretanto, Sushin conseguira. Ele parecia ser um especialista em obter promoções e títulos, já que era também Mestre-das-Sombras, título concedido diretamente pela Imperatriz e geralmente acompanhado de um encargo ou função particular. Sushin jamais mencionara que função seria essa.

— Jovem Tal — disse Sushin, num tom de voz que um professor usaria ao encontrar seus alunos em algum lugar onde não deveriam estar.

— O que aconteceu a Neril? — perguntou Tal, com uma voz que não disfarçava a raiva. — O Verdadeiro Representante Lumenor?

— Não, não — disse Sushin. — Não é assim que se começa. Você certamente não esqueceu as boas maneiras, onde quer que tenha estado.

— Não esqueci — replicou Tal, mas não fez qualquer movimento para se levantar e se curvar. — E mesmo que eu tivesse uma Pedra-do-Sol, não ofereceria luz a você.

— É mesmo? — perguntou Sushin, secamente. — Você é um menino grosseiro.

Ergueu uma corrente e a luz de suas Pedras-do-Sol diminuiu. Mesmo assim, os olhos de Tal custaram um pouco a se acostumar e poder ver o que era aquilo. Era sua própria corrente, e a pedra escurecida que um dia fora sua Pedra-do-Sol.

— O que aconteceu com sua Pedra-do-Sol? — perguntou Sushin.

— Isso não é da sua conta — disse Tal.

— É da minha conta, sim — explicou Sushin. — Veja, sem uma Pedra-do-Sol, você não é um Escolhido, Tal. Não é um Escolhido.

As palavras atravessaram Tal como um chifre de Merwin. Agora, estava frito. Se admitisse que tinha uma nova Pedra-do-Sol, ela seria provavelmente confiscada. Se não o fizesse, Sushin poderia tratá-lo como a alguém do Povo Inferior.

— Como Representante Lumenor da Ordem Laranja — prosseguiu o Mestre-das-Sombras

Sushin, — preciso saber se seu desaparecimento foi um acidente, e, nesse caso, a pedra deve ser substituída. Ou se ela foi deliberadamente destruída. Neste último caso, seu rebaixamento ao Povo Inferior será imediato, como também o serão outros... castigos.

Tal não respondeu. Sabia que aquilo era apenas provocação. O Mestre-das-Sombras era seu inimigo.

— Posso substituir sua Pedra-do-Sol — disse Sushin. Pôs a mão no bolso e tirou uma corrente de ouro, novinha e brilhante, com uma grande Pedra-do-Sol pendurada. — Uma Pedra Original, Tal. Forte o bastante para levar você e sua família a Aenir no Dia da Ascensão. No dia em que você se tornará um pleno Escolhido... ou não. Compreendo que ir a Aenir é particularmente importante para sua mãe, nesse momento. Foi o que me disseram minhas queridas amigas Lallek e Korrek. Elas estão tão preocupadas com sua família.

Tal olhou para a Pedra-do-Sol. Ela estava balançando na ponta dos dedos gordos de Sushin, como se fosse cair a qualquer momento.

— E quanto a Gref? — perguntou Tal. — O que você fez com ele?

— Ele pode ser encontrado — respondeu Sushin, fugindo à pergunta.

— O que... devo fazer? — perguntou Tal, com a voz falhando. Se conseguisse a Pedra-do-Sol e fosse reintegrado à Ordem Laranja, Gref seria trazido de volta para casa e, juntos, poderiam cuidar de sua mãe. Mais tarde, poderia tentar ajudar Milla, descobrir o que estava acontecendo e o que fora feito de seu pai.

Mas será que podia confiar em Sushin?

## Capítulo 17

— Para começar, você precisa responder às minhas perguntas — disse Sushin. — Você estava escalando a Torre Vermelha pelo lado de fora e caiu. E, agora, está aqui. Como? Quem o ajudou?

— Os Homens-do-Gelo — disse Tal.

Sushin suspirou e seu Espírito-Sombra se aproximou da borda, ameaçador.

— Quero os nomes dos Escolhidos — disse o Mestre-das-Sombras. — Nada de histórias, e não me venha com seu tio Ebbitt, que já está senil. Alguém ajudou você a escapar da Torre Vermelha, alguém com muito poder. Alguém o escondeu durante as últimas semanas. Dê-me os nomes.

— Ninguém — respondeu Tal. — Fui levado pelo vento para longe do Castelo. Os Homens-do-Gelo acharam...

— Já disse que não quero saber de histórias — gritou Sushin. Ergueu a mão e disparou um raio de luz concentrada que acertou o canto do colchão, deixando-o em chamas. Tal rolou para o outro lado, cobrindo os olhos com o braço. Sua sombra-guardiã correu atrás dele, espalhando-se para protegê-lo do ataque.

Enquanto rolava, Tal viu Sushin atirar outro raio. Seu Espírito-Sombra estava atrás dele, as garras rasgando o ar e a imensa boca dotada de presas se movendo como se Tal já estivesse entre suas mandíbulas.

De repente, Tal se deu conta que o Espírito-Sombra de Sushin não deveria ser uma besta com presas e garras. Na última vez que tinha visto o Mestre-das-Sombras, seu Espírito-Sombra tinha uma concha abaulada e uma grande cabeça achatada. Espíritos-Sombra podiam se esticar e crescer, mas não podiam mudar inteiramente de forma!

Portanto, Sushin devia ter conseguido um Espírito-Sombra inteiramente novo. Devia ter ido a Aenir antes do Dia da Ascensão. E isso era absolutamente proibido.

Por um minuto longuíssimo, Sushin ficou atirando raios de luz branca e quente sobre Tal. O menino se agachava e se esgueirava mas, no reduzido espaço do Fosso, sabia que logo seria atingido. Sua sombra-guardiã já tinha desviado um raio e, agora, estava com um rasgo em sua carne-de-sombra que levaria dias para sarar. Finalmente, Sushin se acalmou e os raios cessaram. Tal parou de correr embora seu corpo ainda estivesse retesado, pronto para saltar para os lados.

— Quem é a garota que foi capturada com você? — indagou Sushin. — Onde ela roubou aquela arma? Há mais alguém do Povo Inferior que o tenha ajudado?

— Ela se chama Milla — disse Tal. Não sabia como responder às outras perguntas. Era evidente que Sushin estava achando que ele tinha usado Magia da Luz para sair voando da Torre Vermelha e que, então, tinha ficado escondido com renegados do Povo Inferior nos níveis mais baixos.

— Ela é uma Garota-do-Gelo! — gritou ele, pulando para escapar de um raio de luz que certamente viria.

Mas Sushin não ergueu a mão. Disse:

— O Fosso é um bom lugar para se pensar, Tal. Lembre-se que a única maneira de sair daí é dar as respostas certas. A mim.

Virou-se para ir embora. Tal suspirou, aliviado, e olhou para baixo. Nesse instante, Sushin voltou e disparou um último raio. Acertou o chão, bem junto aos pés de Tal, e voaram fagulhas que bombardearam as pernas do menino. Ele caiu, a sombra-guardiã protegendo sua queda.

Deitado de costas, com a sombra-guardiã sob seu corpo, tudo que Tal podia fazer era olhar para cima, no momento em que Sushin apontava a mão com o anel de Pedra-do-Sol para ele. Ficou ali, esperando o raio que o mataria, mas Sushin limitou-se a rir, e foi-se embora. Desta vez, não voltou.

Tal ficou deitado por um bom tempo, até que sua sombra-guardiã rastejou, saindo debaixo dele, e começou a puxar seus pés. Exausto, o menino se sentou e olhou suas pernas. O raio destruíra a pele que recobria suas pernas, revelando o forro que ficava por dentro. Fagulhas tinham atravessado a roupa e queimado sua pele em alguns pontos. Mas nada de sério.

Tal riu. Há um mês, teria ido direto para a cama, por uma semana, por causa dessas minúsculas queimaduras. Agora, estava mais próximo dos padrões dos Homens-do-Gelo. As queimaduras aborreciam-no, nada mais que isso.

Pondo-se de pé, foi até o tanque, tirou as peles e se lavou o melhor que pôde. Deixou as roupas por perto, para o caso de ouvir Sushin retornando.

Estava vestindo as pernas quando voltou a ouvir passos. Rapidamente, enfiou o casaco e foi para o canto mais distante.

Mas não era Sushin. Ou, pelo menos, os passos não soavam como os dele. Quem quer que fosse, era alguém que não andava deslizando. Mas também não eram as pesadas botas de um guarda.

Tal se enrijeceu porque surgiu uma sombra na borda do Fosso. Depois, relaxou. Era uma sombra natural e a pessoa que a projetava vinha logo atrás, usando a túnica branca do Povo Inferior.

Viu que era uma velha, embora ela não olhasse para ele. Ela se ajoelhou na beirada do Fosso e, cuidadosamente, baixou uma cesta presa a uma corda bem fina, o suficiente para agüentar a cesta mas não Tal, se ele tentasse se agarrar a ela. Quando a cesta encostou no fundo, ela continuou baixando a corda, até que o gancho que a prendia se soltasse. Só então puxou a corda de volta, rapidamente.

Pão dormido, pensou Tal, desanimado. A velha apontou para aquilo, disse alguma coisa, bem baixinho e se afastou depressa.

Só depois que ela se foi, Tal conseguiu descobrir que ela tinha dito “Com os cumprimentos de seu tio-avô”.

Apesar dessas palavras, Tal esperou até não ouvir mais passos. Aproximou-se, então, da cesta e levantou a tampa.

Saíram cheiros deliciosos e, de repente, sua boca não estava mais seca. Havia a metade de uma torta recém-preparada, temperada com brotos de menahás, e dois bolos de sementes. Uma garrafa de pedra continha água-doce bem fresquinha.

Embora estivesse subitamente faminto, não foram a comida e a bebida que atraíram sua atenção. No canto da cesta, havia um maço de folhas de papel. Pela costura rasgada e pela ausência de capa, percebeu que tinham sido arrancadas do meio de um livro. Tal pegou aquilo e viu que eram apenas uns poucos capítulos. Começava na página 173 e acabava no meio de uma frase da página 215.

A primeira linha dizia “Como fazer uma Escada de Luz”.

## Capítulo 18

Milla acordou no convés de um navio do Gelo. Por um momento, ficou desorientada, mas sentiu, então, o chão de osso tão familiar sob os pés e o vento nos cabelos. Ouvia o ranger dos deslizadores do navio sobre o Gelo.

Mas tinha alguma coisa errada. Olhou para si mesma, de alto a baixo, e viu que não estava vestida com todas as peles que devia usar no convés. E sua espada de chifre de Merwin tinha desaparecido, bem como sua faca e a meia-lua de arremessar. Como poderia ser tão descuidada a ponto de vir para o convés desarmada e sem as roupas adequadas?

A cor da Pedra-do-Sol no alto do mastro não estava certa. Tinha uma desagradável coloração esverdeada que dava ao Gelo uma aparência repugnante. E não havia mais ninguém ali. O que era impossível. Sempre havia gente de guarda no convés...

Milla olhou a seu redor. Não havia qualquer sinal de inimigos, mas ela sentia uma presença inoportuna. Lentamente, tratou de baixar a máscara. Mas ela também não estava lá. Desconcertada, passou a mão pelo cabelo, que estava estranhamente comprido. Sem máscara, sem armas, sem peles de sair, e de cabelo comprido.

O vento uivava nos cordames. As velas estavam enfunadas e o navio corria sobre o Gelo. No entanto, Milla não estava com frio.

Ela sabia que só havia uma explicação para isso: devia estar sonhando.

Não adiantava nada tentar acordar no meio de um sonho. Quando chegasse a hora, acordaria. Fez uma inspiração lenta e profunda, dobrou as pernas e sentou-se sobre elas. Inclinou-se, então, para a frente e apoiou a testa no chão, entre as mãos espalmadas. Começou o Quarto Movimento da respiração Rovkír, que faria com que penetrasse num nível de consciência ainda mais profundo, para além dos sonhos.

Não ouviu as criaturas que se aproximaram, em profusão, pelas laterais do navio, nem sentiu suas mandíbulas e garras sobre sua cabeça. Não notou quando desapareceram, nem viu o navio colidir com um imenso rochedo e explodir espetacularmente. Não viu os Espíritos-Sombra que a atacaram, na intenção de estraçalhar o seu eu do sonho.

Milla já tinha deixado aquele corpo que sonhava. Estava mais além, tão mais além que tinha perdido sua identidade. Era um pontinho luminoso num grande vazio de coisa alguma e ficaria abrigada ali até que alguém a encontrasse, alguém capaz de fazê-la voltar ao corpo que sonha e, depois, a seu corpo físico.

Duas pessoas diferentes percebiam o que Milla tinha feito. Uma delas estava fisicamente próxima, e estava desconcertada— talvez um tanto amedrontada. A outra estava fisicamente bem distante, e apenas curiosa.

O primeiro era Fashnek, senhor da Câmara dos Pesadelos. Ele tinha penetrado no sonho de Milla e visto o navio do Gelo. Aquele era o sonho de Milla. Mas, quando Fashnek começou a modificar tudo, mandando monstros para atacá-la, a configuração do sonho de Milla não reagiu como teria acontecido com alguém do Povo Inferior ou com um Escolhido. A menina deveria ter saído correndo, gritando e chorando, tentando acordar. No entanto, ficou completamente imóvel e despreocupada, e os monstros não puderam atingi-la.

Fashnek pôs o grande rochedo no caminho do navio e destruiu a embarcação na colisão. Nem assim o sonho de Milla foi atingido. A parte do convés onde ela estava saiu simplesmente

navegando pelos ares e pousou no Gelo com perfeição.

Fashnek convocou, então, seu próprio Espírito-Sombra, e outros mais, introduzindo-os diretamente no sonho de Milla. Tampouco eles conseguiram atingi-la. Seus dentes e garras de sombra simplesmente passavam através da menina do sonho. Ela não reagiu, de jeito nenhum.

Fashnek ficou furioso. Voltou a seu corpo mutilado para alterar a posição das Pedras-do-Sol e aumentar a potência de seus raios sobre a prisioneira que estava no globo de cristal. Mandou também uma mensagem, comunicando a seu próprio Senhor que tinha encontrado alguém cujos sonhos resistiam a seu poder.

Enquanto ele estava fora do sonho de Milla, outra pessoa penetrou ali. Veio deslizando pelo Gelo, embora suas botas não tivessem esquis e, a cada passada, ela avançava muito mais do que qualquer esquiador normal. Não usava peles, apenas uma túnica preta, lisa. Seus olhos brilhavam como estrelas e seus longos cabelos eram brancos como o Gelo. Tal teria reconhecido nela a Matriarca do Clã dos Caçadores. Aqui, no sonho de Milla, ela era mais jovem e tinha cerca de meio trecho a mais de altura.

Observou os destroços e farejou o gelo em torno do corpo de sonho de Milla, inclinado sobre si mesmo. Qualquer que tenha sido o cheiro que sentiu, ele fez tremerem suas narinas. Ela não tocou em Milla, mas se virou e gritou para a escuridão. O grito estilhaçou o gelo diante dela e fragmentos de ossos voaram pelos ares.

Quase imediatamente, veio a resposta. Mais figuras de túnica negra vieram deslizando sobre o Gelo. Mais Matriarcas com olhos-de-estrelas que chegavam, aos pares ou em grupos de três, até que quarenta delas estivessem reunidas ali. Não disseram nada, mas ficaram olhando em redor do corpo de sonho de Milla, esperando alguém.

Afinal, esse alguém chegou. Uma Matriarca Mãe, de olhos leitosos, sentada numa cadeira de espaldar alto, feita de osso claríssimo. A cadeira se movia sozinha pelo Gelo. Parou junto de Milla e a Matriarca Mãe se inclinou para tocar a cabeça da menina.

Milla voltou de onde quer que estivesse e viu-se ainda num sonho. Sabia que era um sonho por causa de todas aquelas Matriarcas a seu redor, e da Matriarca Mãe na cadeira de osso. Eram as figuras familiares de sua infância, as Matriarcas que vinham expulsar os pesadelos. Toda criança do Gelo aprendia como enfrentar os pesadelos, como circular pelos sonhos e quando chamar as Matriarcas.

Como de hábito, as Matriarcas não falaram. Mas também não lançaram Milla para o ar, que era a maneira habitual de fazê-la acordar. A Matriarca Mãe sorriu para ela e não soltou sua mão. Todas as outras Matriarcas continuaram a formar um círculo em volta dela, observando tudo ao redor, esperando.

Mas não precisaram esperar muito.

## Capítulo 19

Lashnek penetrou de novo no sonho de Milla. Como geralmente fazia com todos os seus prisioneiros, assumiu a aparência que tinha antes que o acidente o tivesse transformado num morto-vivo. Só nos sonhos alheios agüentava olhar para si mesmo.

Ficou surpreendido ao ver todas aquelas estranhas mulheres, vestidas de preto, formando um círculo em torno de Milla. O velho globo e os dispositivos a ele vinculados — que Fashnek chamava, carinhosamente, suas máquinas de pesadelos — eram ajustados para evitar que o sonhador mudasse de sonho. Só ele podia fazer isso. Mas as máquinas eram tão antigas quanto o Castelo, e consumiam Luz mágica como uma esponja absorve água. Às vezes, uma Pedra-do-Sol dava defeito durante um interrogatório, e o sonhador acabava tendo um pouquinho de liberdade para inventar coisas.

Não que isso tivesse importância. Fashnek estava certo de que provocaria alguma reação nesse sonho. Tinha trocado todas as Pedras-do-Sol. O globo de cristal e os estimuladores mentais estavam funcionando em potência máxima.

Antes de mais nada, ia alterar a cena para algo que não tivesse sido sonhado pela própria Milla. Um espaço sobre o qual tivesse mais controle. Como a Arena de Combates, onde Escolhidos perseguiam e matavam lagartos de pedra. Também ia transformar a menina num lagarto.

Fashnek pensou em todas as modificações que desejava fazer. Transmitidas às máquinas de pesadelos por seu Espírito-Sombra, essas modificações deviam ser instantâneas. Mas não foram. Por um momento, o Gelo estremeceu e Fashnek teve uma breve visão do verde brilhante das samambaias e da carne vermelha do dorso de um lagarto. Mas tudo isso desapareceu, e só ficou o Gelo.

Fashnek franziu a testa. Várias Pedras-do-Sol deviam ter dado defeito. Voltou a se concentrar na modificação, mas não aconteceu nada.

Percebeu, então, que as estranhíssimas anciãs vinham deslizando em sua direção, movendo-se sobre o Gelo de uma maneira impossível. Elas eram parte de um sonho. Não podiam ser capazes de fazer algo sem a sua permissão.

Elas também olhavam para ele. Fitavam-no com uns olhos luminosos, que não estavam apenas refletindo a luz das Pedras-do-Sol de Fashnek, ou daquela outra que estava nos destroços do navio.

— Afastem-se! — ordenou Fashnek, falando em voz alta para reforçar seu comando mental. Mas elas continuaram vindo, chegando cada vez mais perto.

Fashnek começou a recuar, o medo crescendo dentro dele. Estava tudo errado. Os prisioneiros vinham para a Câmara dos Pesadelos para serem amedrontados por Fashnek. Era ele que controlava os seus sonhos, e não o contrário.

As mulheres que deslizavam sacaram suas facas de osso. Fashnek estremeceu ao vê-las. Tentou desesperadamente ordenar que Espíritos-Sombra viessem em seu auxílio. Mas nenhum apareceu. Conjurou monstros que já havia usado antes, coisas saídas do jogo de Criaferas. Nenhum deles apareceu.

Em pouco tempo, estava cercado. Só havia uma coisa a fazer. Fashnek ordenou que a máquina de pesadelos se desligasse e o fizesse despertar.

Ele desapareceu. As Matriarcas guardaram as facas e esquiararam de volta até Milla. Ela as tinha visto expulsar o Escolhido. Sabia quem era ele, embora tivesse aparecido inteiro em seu sonho. Era o carcereiro. No mundo acordado, ela estava presa num globo de cristal. Mas, pelo menos, ele não podia interferir em seus sonhos.

A Matriarca Mãe tirou a mão da cabeça de Milla quando as outras regressaram. Elas cercaram a menina, agigantando-se a seu redor. Por um momento, Milla ficou desconcertada, mas, depois, entendeu tudo: o tamanho delas tinha sido estabelecido quando precisou chamá-las, pela primeira vez, para entrar em seus pesadelos. Ela só tinha, então, cinco circuitos, e batia apenas na cintura delas. As Matriarcas sempre tinham o dobro de seu tamanho. Agora, que tinha crescido, elas também tinham crescido em seu sonho.

As Matriarcas a levantaram. Ergueram-na acima da cabeça, segurando-a com uma floresta de velhos braços. Depois, atiraram-na para cima e para baixo algumas vezes, fazendo-a rir.

Na terceira vez, lançaram-na para o céu escuro com toda a força que podiam reunir. Milla voou, dando mil cambalhotas, rindo com a rapidez vertiginosa. Era como estar caindo para sempre.

Houve, então, um clarão.

Milla acordou. Ainda estava presa no globo de cristal. Fachos de luz multicoloridos continuavam apontando em sua direção, mas, agora, eram apenas luz. Tinham perdido qualquer efeito sobre ela. O ar fresco circulava pelo globo, sem aquele cheiro enjoativo.

Não havia sinal de Fashnek. Ele tinha corrido para relatar o caso pessoalmente. Tinha que dizer que aquele menino. Tal, não estava mentindo. A garota era mesmo de fora do Castelo, e tinha poderes e aliados que faziam Fashnek suar e tremer mesmo agora, quando estava aos pés de seu Senhor.

## Capítulo 20

Tal levou quatro horas para ler o pedaço do livro que tinha chegado a suas mãos, e mais algumas horas para rere trechos dele, com a maior atenção, tentando descobrir exatamente o que o autor queria dizer. Para dificultar ainda mais o seu trabalho, faltavam páginas e o texto se interrompia numa frase que começava assim: “O último passo para concluir a escada é...”

Tal esmiuçou aquela última página pelo menos vinte vezes, até admitir que não havia mais nada. Teria que descobrir sozinho como terminar a escada.

Se chegasse a tanto. A escada utilizava todas as sete cores do Espectro e Tal só tinha aprendido o Vermelho, o Laranja, o Amarelo e o Verde. Mas sempre tivera um dom natural para Magia da Luz, e tanto seu pai quanto Ebbitt haviam-lhe ensinado coisas que nunca teria aprendido no Lectorium.

As primeiras pequenas tentativas que fez fracassaram redondamente. A nova Pedra-do-Sol era muito mais possante que a antiga e ele sempre perdia o controle sobre ela. As cores se misturavam e variavam de intensidade, espalhando-se por todo lado. Todas as três escadas que conseguiu fazer desmoronaram quando ele não tinha subido mais que três ou quatro degraus.

— Não consigo fazer isso — resmungou ele, afinal, atirando longe aquelas páginas. Seus olhos doíam e ele estava com dor de cabeça. Deitou-se no colchão e fechou os olhos. Só por alguns minutos, disse consigo mesmo. Logo tentaria outra vez.

Antes que pudesse perceber, estava dormindo e sonhando. Estava lá fora, no Gelo e, dessa vez, sem Milla. Mas tinha uma Pedra-do-Sol resplandecente, que iluminava tudo. Sua sombra-guardiã também estava lá mas, por algum motivo, ele não queria saber dela. Ela estava sempre atrás dele, colada a seus calcanhares, e ele fugia dela, escorregando e deslizando sobre o Gelo. A sombra-guardiã foi crescendo e, de repente, tornou-se o Espírito-Sombra de Sushin. Foi ficando ainda maior, até cobrir todo o céu atrás de si, com uma boca imensa, capaz de engoli-lo de uma só vez...

Acordou sobressaltado, suando. Sua sombra-guardiã também se sentou, na forma de um Dattu inofensivo e acolhedor. Tal olhou para a Pedra-do-Sol. Tinham-se passado apenas vinte minutos.

Jogou água no rosto e recomeçou a trabalhar na Escada de Luz. Desta vez, sua concentração era maior.

No início, fez uma escadinha de uns poucos degraus, modulando, com todo cuidado, faixas de luz de diversas cores para formar dois pequenos arco-íris que ligou, depois, pelas extremidades, obtendo três degraus distintos.

Mesmo com eles ali, no ar, opacos e sólidos, Tal ainda não acreditava que aquilo fosse funcionar. Até que pôs o pé no primeiro arco-íris, e ele agüentou o seu peso.

Eufórico, subiu e desceu os três degraus milhares de vezes, esquecendo que a escada só duraria alguns minutos depois que ele tivesse deixado de se concentrar na Pedra-do-Sol. Ela desapareceu exatamente quando ele pôs o pé no degrau mais alto, e ele se estatelou no chão. Sua sombra-guardiã, ainda se recuperando do ataque de Sushin, estava lenta demais para aparar sua queda. Assobiou, num sinal de alerta — ou numa atitude de exasperação —, enquanto ele se levantava e ia mancando até o colchão.

Pelos seus cálculos, uma Escada de Luz grande o bastante para que ele sáisse do Fosso ia

levar de duas a três horas para ser construída. Se conseguisse fazê-la.

Consultou sua Pedra-do-Sol. Provavelmente, ela não era calibrada pela Pedra-do-Tempo da Assembléia há muitos anos, mas ainda devia estar certa. De acordo com as faixas de luz que ficavam mais no fundo, eram cerca de duas horas da manhã. Era improvável que Sushin ou qualquer outra pessoa viesse visitá-lo antes do Despertar, às sete horas.

Portanto, tinha tempo para fugir. Mas ainda não tinha chegado a uma conclusão quanto à sinceridade de Sushin ao oferecer-lhe uma nova Pedra-do-Sol e um retorno, são e salvo, à sua vida normal de Escolhido.

Esfregando a testa, Tal ficou pensando nisso tudo. Decidiu enfim que tinha que construir a escada agora, e correr o risco de tentar fugir. Sushin podia ser seu superior na Ordem Laranja, mas Tal não confiava nele. Afinal, fora ele que o metera neste Fosso e, portanto, não estava preocupado em fazer as coisas da maneira certa. Deve ter sido ele também que mandou o pai de Tal para o Fosso.

Não, era quase certo que a proposta de Sushin era falsa. Ele simplesmente se livraria de Tal quando descobrisse que ele não tinha cúmplices.

Tendo tomado essa decisão, Tal ignorou a dor de cabeça e começou a construir a Escada de Luz. O livro apresentava dois métodos. Um deles era rápido, e um pouco mais fácil, mas gastaria quase toda a energia da Pedra-do-Sol. O outro era mais lento e mais difícil, mas não sugeria tanto a Pedra-do-Sol.

Tal tinha aprendido o valor de uma Pedra-do-Sol. Escolheu o método mais lento, embora sentisse um aperto no estômago ao erguer sua Pedra-do-Sol. Teria apenas uma possibilidade real de conseguir. Era uma façanha que alguém que não fosse pelo menos uma Estrela Brilhante da Ordem Azul, e um Mago da Luz bem seguro de si sequer tentaria. E, no entanto, ali estava ele, um menino, que ainda nem era um pleno Escolhido, tentando construir uma Escada de Luz de trinta trechos de altura!

Degrau de arco-íris a degrau de arco-íris, a escada começou a subir em espiral pelas paredes do Fosso. Tal ficou no meio, erguendo bem alto sua Pedra-do-Sol, a testa encharcada de suor. Toda sua atenção estava concentrada na pedra e na luz que saía dela. Tinha que pegar mentalmente cada faixa de luz e juntá-la a outras seis e, então, quando formavam um pequeno arco-íris, fazê-lo flutuar para o alto e prendê-lo acima do último já colocado.

Quando faltavam uns poucos trechos para a escada chegar à borda do Fosso, Tal subiu alguns degraus. Precisava se concentrar tanto, para manter a escada toda agregada e construir os últimos degraus, que, por duas ou três vezes, quase caiu.

Finalmente, a escada ficou pronta. Uma espiral reluzente e multicolorida, feita de diversos pequenos arco-íris, cada um deles formando um degrau arredondado de luz sólida. Tal suspirou, aliviado, e subiu mais depressa.

Tinha feito três quartos do caminho quando ouviu barulho de metal batendo em pedra e uma voz que se elevava, com raiva ou com dor.

Por um momento, o som o distraiu e ele perdeu o controle da Pedra-do-Sol. Ela chamejou em sua mão e disparou um fecho desordenado de luz multicolorida. O fecho de luz chicoteou à sua volta e por baixo dele, cortando a escada ao meio. Todos os degraus que estavam abaixo de Tal despencaram, numa súbita tempestade de luzes brilhantes. Os de cima mudaram de cor, e ele sentiu o degrau em que pisava ir amolecendo, como cera derretida.

Lançou-se escada acima, pulando os degraus de três em três. Nem tentou consertar a escada. Instintivamente, sabia que o que quer que tivesse dado errado eslava além de sua capacidade. Também estava pronto para a pessoa ou coisa que estivesse ã sua espera do lado de fora.

Desta vez, tinha uma Pedra-do-Sol na mão e lutaria!

O último degrau caiu como uma esponja, mas agüentou o bastante para que Tal acelerasse e saísse do Fosso. Aproximou-se da borda agachado, o anel de Pedra-do-Sol pronto para o ataque e os olhos movendo-se em todas as direções.

Mas não havia nada à vista. O Fosso ficava no fim de um corredor como outros tantos do Castelo. Um corredor incolor, caiado e iluminado por Pedras-do-Sol dispostas a intervalos regulares. Cerca de trinta trechos adiante, havia uma porta, mas isso era tudo.

A não ser, percebeu Tal, por uma pequena abertura. quadrada e escura, que havia no teto, e uma tampa metálica que estava no chão. Era isso que tinha feito barulho.

Cuidadosamente, Tal foi rastejando pelo corredor. Cada um de seus sentidos estava alerta para a súbita abertura da porta e a correria dos guardas, ou para alguém — ou alguma coisa — que caísse pelo alçapão esquisito que havia no teto.

Quando chegou mais perto, ouviu um estranho som de algo que se arrastava — o que quer que estivesse ali em cima estava se movendo. Ouviu, então. uma voz abafada, que praguejava.

Aquilo soou um tanto familiar.

— Ebbitt? — perguntou Tal, com toda precaução. — É você?

## Capítulo 21

A resposta foi uma súbita explosão de uma água verde fedorenta, com fartas doses de algo que tinha a aparência e o cheiro de molhos de capim podre. Logo depois, surgiu a cabeça de Ebbitt, se bem que Tal levou alguns segundos para reconhecê-lo, pois ele tinha os cabelos inteiramente encharcados e o rosto de um verde brilhante.

— Depressa! — disse ele. — Só posso segurar a água por uns poucos...

O que quer que ele fosse dizer desapareceu num gargarejo e uma nova cascata de água jorrou pelo buraco. Ao mesmo tempo, Tal ouviu a porta do final do corredor sendo destrancada e alguém gritando do outro lado.

Apesar do cheiro, deu um salto e se agarrou na borda do alçapão. Ebbitt o ajudou até que conseguisse apoiar os cotovelos e pudesse, então, se contorcer para entrar pela abertura.

Para sua surpresa, estavam num outro corredor, e não em algum pequeno túnel. Ficou ainda mais surpreendido ao ver que, à exceção do ponto em que estavam, todo o resto do lugar estava cheio de água com um monte de coisas verdes boiando. Duas paredes de luz, obviamente feitas por Ebbitt, mantinham a água represada.

Ou melhor, quase toda a água. Ebbitt tinha que ficar usando sua Pedra-do-Sol para tapar brechas que se abriam bruscamente.

— Pá! Bum! Tome isso! — gritou ele, tapando três fendas diferentes. Depois, enquanto a água estava sob controle, fez um laço de luz anil e, com ele, puxou a tampa metálica que estava no chão. Alguns segundos mais tarde, ela estava firmemente recolocada em seu lugar, soldada por uma repentina rajada deagulhas emitidas pela Pedra-do-Sol de Ebbitt.

Esses poucos segundos foram o bastante para que as paredes de Ebbitt viessem abaixo. Veio um turbilhão de água que atingiu a ambos e os derrubou. Em pânico, Tal lutava para se reerguer. O que aconteceria se o corredor ficasse inteiramente cheio de água e não houvesse como respirar?

Voltou à tona, arquejando. Perto dele, Ebbitt mantinha-se na superfície, tirando aquelas folhas apodrecidas do rosto. Sem dizer uma palavra, apontou um dedo ossudo para algum ponto além de Tal e começou a nadar naquela direção.

Tal o seguiu, com dificuldade. Não era um grande nadador. À diferença de alguns Escolhidos de sua idade, ele não passara as horas de folga nos Lagos das Cavernas ou nas piscinas de peixes do Povo Inferior.

— Obrigado, tio — disse ele, arquejando, enquanto nadava para sabe-se lá onde. Tal não conseguia ver o fim daquele corredor. — Aliás, onde é que nós estamos?

— Tanque de vazão, tanque-aluvião, tanque-bombolão — disse ele. Parou de nadar e, novamente, ficou apenas se mantendo na superfície, enquanto dizia: — Depois de passar pelo sistema de aquecimento, a corrente superaquecida chega ao condensador-alaor-adamastor, onde volta a ser água-anágua-manágua. A água é drenada para o Castelo pelos Calcanhares. Canelares. Copilares. Capulares. Copilares. De quando em quando, há um grande tanque como este.

Parou de falar, mas não recomeçou a nadar. Depois de alguns instantes, Tal disse:

— Ei, tio Ebbitt? Estamos indo a algum lugar?

— É claro que estamos indo para algum lugar — respondeu Ebbitt. — Não haveria razão para libertar você se não fôssemos para algum lugar.

— Podemos ir logo? — perguntou Tal. — Não sou exatamente um nadador.

— Verdade? — disse Ebbitt, parecendo espantado — Nem eu. Isso tem importância?

Parou de mexer os braços, mas não afundou. Tal olhou para baixo e viu que o velho estava montado em seu Espírito-Sombra que remava suavemente por baixo dele.

A sombra-guardiã de Tal tentava fazer o mesmo. Para testar, o menino experimentou parar de mover os braços, mas teve de recomeçar imediatamente porque logo afundou. Enfraquecida como estava, sua sombra-guardiã não tinha força para mantê-lo boiando.

Ebbitt começou a nadar de novo. Nadaram por algum tempo que, para Tal, pareceu serem séculos, até que a Pedra-do-Sol de Ebbitt iluminou o fim do corredor. Tal esperava ver uma porta, ou outra escotilha, ou alguma saída óbvia, mas o corredor terminava num amplo aposento que também estava com água pela metade. Os três outros lados da peça estavam cheios de túneis de tamanhos diferentes, muitos deles bem acima do nível da água.

Ebbitt apontou para um deles e disse:

— É esse aí. É o que estamos procurando. Capilar 17824567834567 — ou coisa parecida. Passe isso no rosto e nas mãos.

Estendeu-lhe um frasco. Ele ainda estava fechado, portanto o menino teve de se manter boiando e abri-lo, ao mesmo tempo, o que resultou em vários afundamentos momentâneos. Quando Tal afundou pela terceira vez, Ebbitt tomou-lhe o frasco das mãos e abriu a tampa com a maior facilidade.

— Que falta de iniciativa — disse, sombriamente, devolvendo o frasco.

Furioso, Tal cuspiu um pouco de água, sem se importar se acertaria seu tio-avô. Olhou, então, para o frasco. O que quer que fosse aquilo ali tinha um cheiro terrível, e era de um amarelo repugnante. Conhecendo Ebbitt, aquilo devia ser ainda por cima desnecessário.

— O que é isso? — perguntou Tal.

— Repelente de insetos — disse Ebbitt.

Tal hesitou. Certamente, não era tão importante assim passar repelente de insetos. Não agora, mesmo que aquilo parecesse pegajoso o bastante para não sair na água.

— As pessoas que construíram o Castelo pensaram em tudo — disse Ebbitt, distraidamente, apontando para cada um dos túneis e murmurando números. Tal continuou hesitando, até que seu tio acrescentou: — Chegaram a fazer essas fascinantes aranhas-d'água, grandes assim, para comer qualquer pedaço de carne, corpos e outras coisas que possam acidentalmente, ficar presas aqui. Manter tudo livre de contaminação. Pena que as aranhas não comam também essas plantas repugnantes.

Tal fitou Ebbitt por um segundo e começou, então, a passar lentamente aquela coisa grudenta e amarela no rosto e no pescoço. Ainda achava que Ebbitt podia estar fazendo uma de suas brincadeiras mas, como o velho tinha estendido os braços até onde eles podiam chegar para dizer que as aranhas eram “grandes assim” Tal preferiu não se arriscar.

Quando acabou, Ebbitt também passou o repelente. Tal podia ver sinais de outra aplicação anterior, portanto não devia ser brincadeira. Ambos subiram, então, até o túnel — ou capilar — que Ebbitt tinha indicado.

Ele era ainda mais estreito que os túneis de aquecimento, apenas o suficiente para se rastejar. Tal ficou aliviado ao ver que estava praticamente seco ali. Havia apenas um filetinho de água bem no meio. Ao menos, ficou aliviado até Ebbitt murmurar algo sobre as aranhas-d'água serem atraídas para aquele local porque não nadavam ou mergulhavam tão bem quanto se moviam em lugares secos.

— Vamos jogar Cores para ver quem vai primeiro — anunciou Ebbitt que, mais uma vez, estava montado em seu Espírito-Sombra. Tal, que estava se equilibrando precariamente, com os pés na boca de um túnel e os cotovelos em outra, gemeu.

— Posso ir primeiro, ou por último, tanto faz — disse. — Afinal de contas, onde vai dar esse túnel?

— Vamos, vamos, não seja desmancha-prazeres — disse Ebbitt. — Esse capilar vai dar numa artéria, um túnel maior. Vamos atravessá-lo e, depois, pegar outro capilar e, depois, passar por uma válvula e, depois, saímos direto no interior da Câmara dos Pesadelos.

— Dentro da Câmara dos Pesadelos!

— Claro — disse Ebbitt franzindo a testa. — Não adiantaria nada sair do lado de fora, já que queremos salvar sua amiga Milla, não é? Agora, vamos jogar.

Ergueu a mão e seu anel de Pedra-do-Sol passou rapidamente pelas cores das Sete Ordens.

Tal gemeu de novo e soltou a mão onde estava seu próprio anel de Pedra-do-Sol. A outra continuou agarrada na abertura do túnel, enquanto sua sombra-guardiã segurava ansiosamente seus joelhos.

— Já — disse Ebbitt. Seu anel brilhou em Vermelho e o de Tal, em Violeta. O Jogo das Cores era uma brincadeira de criança e, quase sempre, acabava empatado. O objetivo era fazer sua Pedra-do-Sol brilhar numa cor mais elevada que a do adversário.

O problema era que cada cor só podia ser usada uma vez durante todo o jogo e, assim, na rodada seguinte, você não podia usar a cor logo acima, ou logo abaixo, daquela que tivesse acabado de sair.

Tal venceu a primeira rodada, mas não podia mais usar Violeta, ou Anil, na próxima. Como era de se esperar, Ebbitt emitiu Azul na rodada seguinte, assim como Tal. O jogo continuava um a zero. Ebbitt lançou, então, um raio Violeta, e Tal, Vermelho. Um a um. Tal fez brilhar luz Anil e Ebbitt, Laranja. Dois a um para Tal. Ebbitt usou Anil para vencer o Verde de Tal e fazer dois a dois. Para terminar, Verde, enquanto Tal só podia usar Laranja. E Ebbitt ganhou a partida por três a dois.

— Ganhei — anunciou Ebbitt. — Mas pode ir na frente.

— Obrigado — disse Tal, nervoso. Deslizou para dentro do túnel, tentando não ouvir o que Ebbitt estava murmurando, a meia voz, acerca das aranhas-d'água.

## Capítulo 22

Milla estava deitada no globo de cristal, poupando suas forças e fingindo dormir, quando ouviu um ruído de metal batendo em pedra. Não teve qualquer reação perceptível, mas moveu bem de leve a cabeça na direção do som e entreabriu os olhos um tantinho de nada. Será que o carcereiro estava de volta e tinha tropeçado em sua própria aparelhagem?

O que quer que estivesse acontecendo, era num dos cantos mais escuros da Câmara. O globo ainda estava brilhantemente iluminado por fachos de luz colorida que continuavam passando pelos fios de prata. Todo o resto da peça estava escuro.

Ou não? Milla percebeu um pontinho de luz naquele canto afastado — uma luz bem discreta, que vinha se movendo lentamente em sua direção. Abriu os olhos um pouco mais, prestando atenção naquilo. Podia ver formas em torno da luz.

E também podia ouvir murmúrios. Parecia aquele velho, o tio-avô de Tal, embora ela não soubesse o que era isso exatamente. Ela tinha tios, mas não tios-avós.

— Provavelmente, ela vai ter de ser carregada — dizia ele. — A mente vira geléia. Com chance de recuperação, note bem.

Milla continuou calada. Podia ser uma armadilha. Mas, quando ouviu um outro sussurro, quase gritou. Era Tal.

— Ela parece bem. Onde está... como é o nome dele... Fashnek?

— Dormindo, se estivermos com sorte.

Chegaram até o globo. Milla permaneceu imóvel embora estivesse espantada ao vê-los encharcados e todos sujos de pedacinhos de uma coisa escura que parecia as ervas marinhas servidas pela Matriarca Mãe do Navio em ruínas.

Com todo cuidado, Ebbitt moveu os suportes de metal e suas Pedras-do-Sol, apontando seus fachos para o teto. Tal pôs a mão no globo e, depois, deu umas batidinhas perto do rosto de Milla.

Ela se ergueu, de chofre, e ele deu um pulo para trás.

— Milla!

— Quem mais poderia ser? — perguntou ela. Mas sorriu, nitidamente com algum esforço, pois o sorriso durou apenas um instante.

— Você está bem! — exclamou Tal. — O que aconteceu?

— O homem que é metade sombra tentou modificar meus sonhos — disse Milla. — Mas chamei as Matriarcas e elas penetraram em meu sonho, afugentando-o.

— Verdade? — perguntou Ebbitt. — Gostaria de conhecer uma dessas Matriarcas. Nunca me casei, mas alguém capaz de...

— Agora não, tio — disse Tal, com firmeza, percebendo a expressão de Milla. — Onde está Fashnek?

— Saiu — respondeu ela. — Vocês podem me soltar? Não consegui descobrir como se abre esta prisão.

— Claro — disse Tal, mas logo percebeu que era mais fácil falar do que fazer. O globo era de cristal sólido. No fundo, havia minúsculos orifícios sob a luz brilhante, mas não dava para Milla sair por ali.

Enquanto Tal explorava minuciosamente o globo, tentando achar um interruptor, uma lanterna, ou algo para abri-lo, Ebbitt ficou pensativo, olhando as Pedras-do-Sol nos suportes metálicos. Eles eram montados sobre trilhos encravados no chão e podiam, portanto, ser movimentados com precisão.

Diversos livros estavam dispostos sobre uma mesa, atrás do círculo de Pedras-do-Sol. Ebbitt correu para eles, todo interessado, enquanto seu Espírito-Sombra ficava de guarda junto à porta.

Finalmente, Tal teve de admitir que não conseguia encontrar um jeito de abrir o globo.

— Acho que vamos ter de esperar por Fashnek disse ele. — Creio que posso ofuscá-lo e, então, nós o amarramos e fazemos com que abra o globo.

Milla abanou a cabeça.

— Ele tem três sombras consigo, além daquela que sai do seu corpo — disse ela. — Vocês não poderiam vencer todos eles.

— Três E-E-Espíritos-Sombra! — gaguejou Tal. — Mas ele não pode!

— Talvez possa, sim — disse Ebbitt. — Ninguém jamais vê Fashnek Quer dizer, ninguém que ele não queira ver. Suponho que deva ver alguém. Ou que alguém deva vê-lo.

— Sushin — declarou Tal. — É ele que está por trás de tudo. Também consegui um Espírito-Sombra novo. Só não entendo o que ele quer.

— Eu nunca entendo — disse Ebbitt. — Conspirações e esquemas, encontros secretos. Tudo isso é complicado demais. Afinal, qual a vantagem de chegar à Ordem Violeta?

Tal balançou a cabeça, ignorando o velho. Às vezes, não entendia mesmo seu tio-avô. Além disso, o que quer que Sushin estivesse pretendendo não era algo normal, assim como conseguir chegar à Ordem mais elevada. Ele poderia fazer isso pelos meios regulares, sem jogar pessoas em fossos e seqüestrar crianças. '

— Por falar nisso — acrescentou Ebbitt, — aquele livro ali é muito interessante. Você sabia que esse globo foi originalmente inventado para ajudar as pessoas em seus sonhos? E não para fazê-las ter pesadelos. Os construtores do Castelo eram realmente muito inteligentes...

— Diz aí como abrir o globo? — perguntou Tal, mal-humorado, antes que Ebbitt pudesse continuar tagarelando sobre as utilidades do globo.

— Naturalmente — respondeu Ebbitt. Ergueu seu anel e enviou ao globo uma rápida combinação de luzes coloridas. Assim que elas o atingiram, houve um ruído tilintante, como o som de um diapasão ou de um piparote num copo de cristal. O globo se abriu ao meio, como uma ostra.

Milla pulou para fora e se espreguiçou. Depois, bateu os punhos cerrados para Ebbitt, numa demonstração de gratidão e respeito. Tal esperou que ela fizesse o mesmo para ele, mas ela não fez. Em vez disso, logo começou a procurar sua espada de chifre de Merwin e a armadura.

— Para onde vamos agora? — perguntou Tal, nervoso. — Temos que nos esconder em algum lugar. Preciso arranjar algum tipo de disfarce para poder ir procurar o Códex e Gref.

— Humm — respondeu Ebbitt. Por ora, ele estava interessado em limpar o ouvido porque aquela erva verde tinha entrado ali. — Estive pensando a respeito, e pensando a respeito de meus pensamentos, e a respeito de meus pensamentos sobre meus pensamentos...

— E? — interrompeu Tal.

— É provável que o Códex esteja em Aenir.

— Por quê?

— Porque, no Castelo, não existe um poder capaz de impedir o Códex de ser consultado, se ele o desejasse — disse Ebbitt. — Mas, em Aenir, existe. O Códex é quase um ser vivo, meu garoto. Foi feito para ser lido. Se estivesse no Castelo, teria achado um jeito de deixar que as pessoas o consultassem. Portanto, ele deve estar em Aenir. Você tem que trazê-lo de volta.

— Está certo — disse Tal, lentamente. — Não posso acreditar que tudo isso tenha começado porque eu precisava de uma Pedra-do-Sol!

— Foi quando tudo começou? — indagou Ebbitt, com um ar inocente. — Acho que você vai descobrir que, seja lá o que for tudo isso, essa história começou há muito mais tempo. Sushin não é o único a ter maquinações secretas e métodos estranhos. Seu pai não é o único Escolhido desaparecido, não Gref, a única criança. Eu devia ter investigado essas coisas tempos atrás, mas perdi a oportunidade. Acho que está mais que na hora de alguém fazer o que não fiz, e trazer de Volta o Códex e pôr tudo nos eixos. Você parece a pessoa indicada para essa tarefa.

Tal olhou para Ebbitt. Pela primeira vez, o velho parecia muito sério. Não estava sorrindo, com aquele ar sonhador, ou limpando o ouvido, ou fitando algo que ninguém mais podia ver.

— Bem, há uma coisa que posso fazer agora mesmo — disse Tal. — Conseguir uma Pedra-do-Sol para Milla.

Esticou o braço para pegar a que estava mais perto dele, numa mão com garras no alto de um suporte prateado. Mas, antes que seus dedos se fechassem, Ebbitt o segurou e desviou seu braço.

— Não pegue uma dessas! — disse Ebbitt. — Estão cheias de pesadelos, de sonhos maus. Não ser vem para uma encantadora Garota-do-Gelo.

Milla bufou, mas Tal não sabia ao certo se era por causa da Pedra-do-Sol repleta de pesadelos ou porque Ebbitt dissera que ela era encantadora. Tinha encontrado sua armadura queimada e voltara a vesti-la. Queria encontrar também sua espada de chifre de Merwin.

— Já vi o bastante de seu Castelo e de suas sombras — declarou Milla. — Dê-me a Pedra-do-Sol, Tal, para que eu possa voltar para o Gelo, onde as coisas são muito mais simples.

Tal olhou seu anel. Podia entender por que Milla queria pegá-lo e ir embora, mas ainda precisava dele.

— E as treze jornadas?

— Doze, agora — disse ela, muito séria. — Vou esperar, se for preciso. Mas, neste momento, estou lhe pedindo isso como amigo do Clã, Tal. O Clã cujo sangue você compartilhou.

Tal olhou de novo para o anel e, depois, para Milla. Sentia que lhe devia algo. Por sua culpa, ela tinha sido capturada e trazida para cá, para a Câmara dos Pesadelos. Estava evidentemente em perigo no Castelo. Talvez devesse lhe dar a Pedra-do-Sol. Quem sabe tudo não seria mais fácil se não tivesse que se preocupar com Milla...

— Não posso fazer isso — disse enfim Tal. — Ainda não.

Seus olhos encontraram os de Milla mas não havia, ali, nada que indicasse qual poderia ser sua reação. Com certeza, tentaria tomar-lhe a pedra a força.

A sombra-guardiã percebeu que ele estava tenso e se pôs de pé, atrás dele, esticando-se para assumir a forma de um pequeno Borzog. O Espírito-Sombra de Ebbitt olhava para eles, lá da porta, mas se ergueu nas quatro patas e se preparou para saltar.

— Que alvoroço é esse? — perguntou Ebbitt. — Dê-me essa Pedra-do-Sol, Tal.

— Isso é problema meu, tio — dardejou Tal. Era a primeira vez que falava assim com um pleno Escolhido, um adulto. Se tivesse feito isso em público, teria recebido desiluminâncias de todos os presentes.

— Dê-me isso — repetiu Ebbitt. E estendeu a mão ossuda. Seu Espírito-Sombra veio se aproximando, parou junto de Tal e inclinou a cabeça para olhar para ele.

— De que lado você está? — perguntou Tal. Furioso, tirou o anel do dedo e o depositou nas mãos de Ebbitt. Seus olhos se encheram de lágrimas de raiva, mas não havia nada que pudesse fazer. Se Ebbitt queria pegar a Pedra-do-Sol e entregá-la a Milla, a única coisa a fazer era se conformar. Ele poderia escalar outra Torre, a Laranja, e fazer mais que simplesmente roubar uma pedra. Roubaria meia dúzia delas!

Ebbitt não entregou a Pedra-do-Sol a Milla. Aproximou-a dos olhos e desfechou sobre ela um arco-íris de luz de sua própria pedra. Atirou-a, então, para o ar e lançou um facho branco, pontiagudo, do anel que estava em sua mão direita. Houve uma chuva de fagulhas e o velho pegou o anel novamente.

Tal piscou os olhos e viu que Ebbitt estava agora com dois anéis. O antigo tinha se partido ao meio, com perfeição.

E a Pedra-do-Sol também.

— Um para cada — disse Ebbitt, estendendo a Tal e a Milla duas Pedras-do-Sol, menores, mas em perfeitas condições, a julgar pelo brilho que se via na parte mais interna de cada uma delas.

— É forte o bastante para ser uma Original? — indagou Tal, enfiando no dedo o anel que agora era menor. Ele nem imaginava que se podiam dividir Pedras-do-Sol.

— Facilmente — disse Ebbitt, fungando. — É uma pedra forte. Diria mesmo que é uma das verdadeiras. Não uma dessas imitações modernas que mal receberam dez anos de luz do sol. Esta pedra tem três ou quatro séculos. Além disso, originalmente eram duas pedras. Alguém as uniu, há muito tempo, quando os sapos ainda tinham patas.

— É possível unir Pedras-do-Sol? — perguntou Tal.

Por que nunca tinham lhe ensinado essas coisas sobre Pedras-do-Sol? Em um mês, terminaria seus estudos no Lectorium e, depois disso, não teria mais aulas sobre Pedras-do-Sol. Será que os próprios professores não sabiam?

Ebbitt era um excêntrico, mas Tal sempre soubera que era um homem muito culto. Não imaginava que todo esse conhecimento incluísse os caminhos secretos do Castelo, ou a natureza das Pedras-do-Sol, ou outras coisas do gênero.

— O Clã dos Caçadores lhe agradece — disse Milla. Desta vez, bateu os punhos cerrados tanto para Tal quanto para Ebbitt. — Agora, como posso voltar para os túneis de aquecimento?

— É complicado — disse Ebbitt. — Eles devem estar procurando por Tal e, logo, estarão atrás de você, Milla. E, com Espíritos-Sombra em seu encaço, vai ser muito difícil você conseguir chegar até lá.

— Procurando por nós? — perguntou Milla. — Como? Farejando, como um Sabujo-de-Naufrágio?

— Sabujos-de-Naufrágio? — perguntou Ebbitt, encantado. — O que seriam...?

— Espíritos-Sombra, procurando — interrompeu Tal, apressando o velho. Olhou nervosamente para a porta.

— Ah! É claro — concordou Ebbitt. — Qualquer Espírito-Sombra que tenha tocado em você vai guardar a sensação de sua essência. Mesmo de muito longe, eles podem sentir. Muito inteligente. Mandeí o meu fazer isso, para localizar amigos. Não me surpreenderia que já estivessem a caminho.

— Então, não vamos ficar esperando por eles! — incitou Tal.

Ebbitt suspirou e olhou novamente para os aparelhos e os livros. Tal o levou de volta para o túnel capilar. Os dois meninos bombardearam o velho com perguntas enquanto o ajudavam a subir até o teto.

— Eles sentem a gente, o que você quer dizer com isso?

— A que distância são capazes de sentir?

— Há alguma coisa que possa impedi-los de nos sentir?

Depois que Ebbitt tinha chegado ao túnel, são e salvo, Tal parou subitamente de fazer perguntas e disse:

— Ebbitt! O repelente de insetos! Para Milla!

Milla nem perguntou o que era aquele grude amarelo. Apenas começou a passá-lo imediatamente. Estava acabando de passar aquilo no rosto quando a porta da Câmara dos Pesadelos se abriu, deixando entrar uma enxurrada de luz.

Fashnek estava parado ali, com seu Espírito-Sombra às suas costas e dois outros a seu lado. Ficou olhando, atônito, para o globo aberto e, então, viu Milla entrando por aquilo que ele julgara ser um teto sólido.

— Agarrem-na! — rugiu ele. Mas ele próprio deu um passo atrás. Tinha ficado com medo de Milla e das Matriarcas de seu sonho. Agora, ela tinha conseguido escapar do globo de cristal, sem ter uma Pedra-do-Sol! Evidentemente, ela era um inimigo ainda mais perigoso e poderoso do que ele tinha imaginado.

Ebbitt lacrou a escotilha atrás deles e, depois, escondeu sua Pedra-do-Sol por dentro da camisa. Seu Espírito-Sombra acompanhou seu movimento, encolhendo-se e enroscando-se nele. Tal e sua sombra-guardiã fizeram o mesmo. A pedra de Milla continuou brilhando em seu bolso, até que Tal reduzisse a sua luz. Na completa escuridão, não seriam perseguidos por Espíritos-Sombra, já que estes precisam de luz para fazer o que quer que seja.

— Segure minha perna — sussurrou Ebbitt. — Milla, segure a perna de Tal.

Agarrados uns aos outros, começaram a rastejar. Tal tinha de lutar contra o desejo de pegar

sua Pedra-do-Sol. Ali era exatamente como no Vêu, quando ele o atravessou. A escuridão parecia prendê-lo fisicamente, e ficava difícil respirar. Aquilo foi piorando cada vez mais, a tal ponto que ele começou a ofegar e a agarrar o pé de Ebbitt com tanta força que o velho chegou a gritar de dor.

Tal linha mais medo ainda porque não tinha certeza se Ebbitt sabia aonde estavam indo. Podiam estar rastejando a esmo, para a toca das aranhas-d'água, por exemplo, onde haveria milhares delas, transbordando, um poço enorme, cheio de aranhas-d'água que iam encontrar aquele quadrado de pele onde ele não passou o repelente, e seus palpos iam...

Sentiu alguma coisa na perna. Uma aranha-d'água. Tinha que ser! Ou será que era Milla, segurando ali? Quis dar um pontapé, e se virar, mas talvez fosse Milla, e ele não estava conseguindo respirar, e...

Ebbitt parou.

— Já devemos estar longe o bastante — sussurrou. — Vou tentar acender alguma luz.

Tal quase chorou de alívio, mas não pôde se impedir de virar a cabeça para trás, preparando-se para quando a luz se acendesse. Apesar de não ter a menor idéia do que faria se, ao olhar para trás, desse de cara com os olhos multifacetados e os palpos pontiagudos de uma aranha-d'água...

Veio a luz. Era apenas Milla, segurando a perna de Tal. Não havia nenhuma aranha-d'água.

A expressão de Tal deve ter sido muito reveladora porque Milla correu os dedos rapidamente pela perna dele, como se fosse uma aranha. Ele se encolheu, e ela riu. Era a segunda vez que ele a ouvia rir.

— Tinha uma aranha — disse Milla. — Seus olhos eram como cristais de gelo, mas dentro havia uma luz que não era um reflexo. Ela moveu as patas em minha direção, mas não saiu do lugar.

— Onde? — exclamou Tal, com voz rouca, sentindo que, de repente, sua garganta tinha ficado completamente seca.

— Ali atrás, onde os túneis se bifurcavam — disse Milla, apontando para um entroncamento que, para o gosto de Tal, ainda estava perto demais. — Mas não há nada a temer. Se ela se aproximasse, eu daria cabo dela.

— Elas são difíceis de matar — avisou Ebbitt. — O melhor a fazer é sair daqui, antes que acabe o efeito do repelente.

— Onde? — perguntou Milla.

Tal voltou a olhar para Ebbitt. O velho deu de ombros, e sorriu. Era aquele sorriso sonhador.

— Se os Espíritos-Sombra podem nos sentir — disse Tal, — vai ser difícil nos escondermos em algum lugar, e quase impossível levar você até os níveis do Povo Inferior. Mesmo que conseguíssemos chegar até lá, não sei onde foi que Corvo e seus amigos nos encontraram.

— Eu acharia — disse Milla. — Mas acredito em você. Se não podemos ir ainda, quando vamos poder?

— É preciso que a Imperatriz fique sabendo que Sushin está fazendo coisas ilegais em seu nome, e usando seus guardas — disse Tal. — Assim que ela souber, tudo vai se acertar.

Hesitou um pouco, e acrescentou:

— Mas, provavelmente, eu também não teria condições de ser recebido pela Imperatriz. A

não ser que... será que esses capilares chegam até os níveis da Ordem Violeta?

— Chegam, sim — respondeu Ebbitt. — Mas vão ficando ainda mais estreitos, e menores, quase como se não existissem.

— Mas Milla poderia usá-los para ir descendo até os níveis do Povo Inferior — disse Tal.

— Não, não, não — Ebbitt abanou a cabeça. — As aranhas-d'água tecem suas teias abaixo do Vermelho Sete. Como você pode ver, tudo isso é parte do plano para apanhar o que quer que tenha conseguido passar. Éramos tão inteligentes antigamente.

— Não posso subir, não posso descer, não posso ver minha mãe, não posso ir a nenhum lugar normal — disse Tal, contando cada uma dessas possibilidades nos dedos. Depois, fechou o punho e socou a palma da outra mão. — Tem que haver algum lugar onde possamos ir!

— Aenir — replicou Ebbitt. — Já lhe disse. De qualquer maneira, está quase na hora de você conseguir um Espírito-Sombra, e eu, você, todos precisamos do Códex.

Tal refletiu a respeito por um bom momento.

— É proibido ir a Aenir antes do Dia da Ascensão — lembrou ele.

— Só porque é mais seguro quando todos os Escolhidos estão juntos — disse Ebbitt. — E nem sempre foi proibido. Eu já estive lá sozinho. Várias vezes.

Tal refletiu ainda um pouco mais. Não lhe parecia que tivesse muita escolha.

— Se formos para lá, o que acontecerá a nossos corpos? — perguntou, enfim. — Não podemos deixá-los aqui. Podemos ficar semanas fora.

— O que é Aenir? — perguntou Milla, subitamente. — Por que deixaríamos nossos corpos?

— Aenir é o mundo dos espíritos — explicou Tal, resumidamente. — É uma outra terra, onde os Escolhidos podem entrar. Deixamos nosso corpo aqui, e nosso espírito vai para lá.

— Ah! como num sonho — disse Milla.

— Não — disse Tal. — É real, mas é diferente. Se você tiver força e uma poderosa Pedra-do-Sol, pode levar coisas para lá... e trazê-las de volta. É um lugar de magia. As sementes de que brotam as Pedras-do-Sol vêm de Aenir. Os Espíritos-Sombra também.

— A fonte da Sombra — murmurou Milla. — Talvez eu devesse ver isso, para contar para a Matriarca.

— Só podemos ir se nossos corpos estiverem a salvo — disse Tal. — Portanto, é inútil ficar pensando nisso.

— O Mausoléu — disse Ebbitt, de repente. — Um excelente lugar para corpos. Vivos ou mortos!

O Mausoléu era onde os Escolhidos finalmente descansavam. Era raro que um deles morresse jovem, pois sua vida podia geralmente ser prolongada graças às Pedras-do-Sol. Mas havia sempre acidentes, ou aqueles que se cansavam da vida, ou os que cometiam erros ao usar os poderes de cura de suas pedras.

O Mausoléu ocupava o segundo maior aposento do Castelo, nos níveis neutros que ficavam do lado sul. Tinha um teto abobadado, talhado na pedra, e adornado com milhares de fragmentos de Pedras-do-Sol para dar a impressão de estrelas. À diferença do resto do Castelo, ali não havia nenhuma luz mais brilhante. O local ficava sempre na penumbra, sob um céu noturno como aquele que podia ser visto abaixo do Véu.

Cada Escolhido cujos restos repousam ali ocupa um túmulo de pedra abundantemente decorado e encimado pela estátua de seu Espírito-Sombra. No vasto salão, viam-se fileiras e fileiras de estátuas fantásticas, Espíritos-Sombra esculpidos em mármore vermelho e branco, em pedra verde, ou em granito negro salpicado de dourado. Muitas delas eram enfeitadas em ouro e prata, ou traziam incrustações de pedras comuns, sem muito brilho, como diamantes e rubis.

Nenhum túnel do sistema de escoamento penetrava no Mausoléu, então Ebbitt os conduziu para um ponto próximo dali. Passaram, sorrateiramente, pela Câmara Preparatória onde, por sorte, não havia qualquer Escolhido, vivo ou morto.

Ao invés de se encaminhar diretamente para os imensos portões de metal cobertos de nomes de Escolhidos já falecidos, Ebbitt os levou, por uma porta um tanto encoberta, para a oficina de trabalho do Povo Inferior que entalhava as pedras.

Alguém que estava trabalhando ali olhou para eles, mas Ebbitt fez um sinal com a mão e a mulher retomou o entalhe que fazia num bloco de pedra verde e amarelo. Era o Povo Inferior que fazia toda a preparação básica das estátuas, mas o trabalho de acabamento era feito por artistas Escolhidos, que usavam luz em vez daquelas rústicas ferramentas de metal. E isto sem contar com seus talentos supostamente superiores.

— Agora, o que vocês têm a fazer é encontrar dois túmulos bem antigos — sussurrou Ebbitt quando estavam saindo da oficina para entrar no Mausoléu propriamente dito, mais uma vez por uma porta discreta.

— O quê? — sussurrou Tal, em resposta. Afinal, não parecia educado falar normalmente dentro do Mausoléu apesar de não haver, aparentemente, ninguém por perto para ouvi-los. Milla continuava esquadrinhando as fileiras de estátuas, os olhos passeando lentamente, de um lado para o outro, para ver se alguma coisa se movia.

— O ângulo norte — sugeriu Ebbitt, dirigindo-se para uma das alas de túmulos e estátuas. — O mais antigo. Ali, só tem pó. É menos repugnante. Abram um, e instalem-se.

— Vocês deixam corpos apodrecerem dentro dessas caixas de pedra? — perguntou Milla, estremecendo. Pela primeira vez, Tal a via dar sinais visíveis de repulsa. — Não existe por aqui nenhum animal que possa comê-los?

— É a nossa maneira de fazer as coisas — disse Tal. — É diferente. Só isso.

— Selvagens — murmurou Milla, bem baixinho. Como queria sair daqui e voltar para a simplicidade da vida no Gelo, com o vento frio soprando... No Castelo, era quente demais, e fechado demais. Sempre havia paredes, mesmo em aposentos enormes, como esse.

— Acho que, já que vamos fazer isso, é melhor fazer de uma vez — disse Tal, aproximando-se de túmulos nitidamente mais velhos que os outros que tinham visto. O estilo dos ornamentos entalhados era bem diferente, e a pedra estava mais gasta que a dos túmulos mais para o sul.

Embora os ornamentos variassem, todos os túmulos de pedra tinham, basicamente, o mesmo desenho. A estátua, no alto, podia ser empurrada e a lápide se deslocava, revelando uma abertura.

Tal e Milla tiveram que tentar uma ou duas vezes até encontrarem uma estátua que pudesse ser movi- 191 da. Ela se deslocou ruidosamente para o lado e Tal olhou para dentro, com alguma hesitação, enquanto Milla ficava parada, com ar de desaprovação. Não havia nada ali dentro, a não ser algo que parecia uma camada de terra antiqüíssima.

— Ebbitt, você pode ajudar Milla a passar para Aenir antes de ir você mesmo? — perguntou Tal. — Acho que consigo me lembrar como... papai fez na última Ascensão.

— Hummm? — Ebbitt estava observando uma estátua em particular, que evocava um Espírito-Sombra e seu senhor. Tinham sido amigos, há muito tempo, e sua morte ainda era um mistério inexplicado.

Só agora Ebbitt estava se dando conta de que isso se aplicava a vários de seus amigos já falecidos.

— Ajudar Milla? É claro. Mas não vou com vocês.

— O quê? Você tem que vir! — insistiu Tal. — Nunca fui a Aenir sem ter alguém comigo! Se você não vier...

— Preciso ficar aqui — murmurou Ebbitt. — Alguém tem de ficar tomando conta de seus corpos.

Mesmo eles estando escondidos em sepulturas.

— Já nem sei se essa é a melhor coisa a fazer — disse Tal, com sérias dúvidas a respeito daquilo tudo.

— Talvez eu devesse, antes, tentar ver a Imperatriz.

Com certeza, ela me ouviria...

Ebbitt abanou a cabeça.

— A Imperatriz não recebe ninguém que ela mesma não tenha mandado chamar. Sushin e quem quer que sejam os seus cúmplices têm controle sobre a Guarda Imperial, o que significa que controlam o acesso a Sua Majestade. Encontre o Códex e ele nos levará até Gref, e talvez mais que isso. O Códex sabe muito sobre o que está oculto. Acho, também, que você deve tentar conseguir o Espírito-Sombra mais poderoso que puder, Tal. Vai precisar da ajuda dele nos dias que vêm por aí.

Milla fitou Ebbitt e disse, sem rodeios:

— Tal estava errado. Você não é um velho louco.

— Eu nunca disse que ele era louco — protestou Tal. — Disse que ele não era exatamente normal.

— A palavra louco é mais precisa — replicou Ebbitt. — Mas existem vários tipos de loucura.

— Você pode tentar ir ver minha mãe? — perguntou Tal, ansioso. — E se assegurar que estão cuidando bem dela, até que eu possa voltar e levá-la comigo? E Kusi também?

Ebbitt concordou e seu Espírito-Sombra balançou a cabeçorra com a crina.

— Vou voltar, com um Espírito-Sombra e com o Códex — prometeu Tal. — E vou encontrar Gref, e meu pai, e curar Mamãe, e ver a Imperatriz, e fazer com que Sushin perca seus poderes, e...

Sua voz foi se apagando quando viu a expressão de Ebbitt. Ele tinha o olhar de alguém que queria acreditar em algo, mas não conseguia.

Tal pulou dentro do túmulo e se esticou todo. Era frio, ali, e escuro, mas surpreendentemente confortável. Tirou do dedo o anel de Pedra-do-Sol para segurá-lo sobre o peito, com o polegar e o indicador de ambas as mãos.

Sua sombra-guardiã subiu pela lateral do túmulo e deslizou para dentro, enfiando-se debaixo de Tal. Por um instante, o menino se espantou mas, depois, entendeu que ela estava querendo voltar para casa, em Aenir. Ele já tinha completado treze anos e três quartos, e era hora de libertar a sombra-guardiã e conquistar um Espírito-Sombra para substituí-la.

Fez algumas inspirações profundas, fechou os olhos e pôs-se a recitar, mentalmente, “O Caminho para Aenir”. Enquanto as palavras — que ele tinha decorado sem entender muito bem seu sentido — iam passando por sua mente, sua Pedra-do-Sol começou a difundir uma luz vermelha que escorria como água de seu peito até seu estômago.

Tal podia sentir a luz que se espalhava, mas continuou a recitação silenciosa. A luz vermelha atingiu seu rosto e seus pés. Depois, a Pedra-do-Sol começou a emitir uma luz laranja que foi cobrindo todo o seu corpo, lentamente, e se mesclando à vermelha.

Em seguida, vieram mais cores, até que todas as sete tivessem sido emitidas e se misturado. Milla ficou olhando, fascinada, pois Tal estava envolto num casulo das cores do arco-íris que brilhava e tremeluzia. Mal se podia ver seu rosto por trás daquele véu multicolorido, mas Milla notou que ele eslava absolutamente imóvel. Até mesmo seu peito tinha parado de subir e descer com a respiração.

— Ele foi para Aenir — disse Ebbitt, todo satisfeito. Empurrou a estátua e a tampa da sepultura voltou para o lugar. Num segundo, não passava de mais um túmulo de Escolhidos, sem qualquer sinal de que um menino hibernava ali dentro.

— Agora sou eu — disse Milla. — Mas não sei como.

Escolheram um outro túmulo, adornado com uma estátua de Espírito-Sombra cuja forma, pensou Milla, lembrava vagamente um Merwin. Ele tinha um único chifre, comprido, que lhe saía da frente, mas, por outro lado, parecia mais um humano de ombros largos e braços longos. Suas pernas eram um pouco como as patas das Wreskas, com cascos pontudos.

Milla se instalou na sepultura e segurou sua Pedra-do-Sol como Tal havia feito. Pôs a espada sob o cotovelo pois tinha esperanças de que ela também fosse para aquele Mundo dos Espíritos. Esperava também que as Matriarcas pudessem encontrá-la por lá, caso sonhasse. Mas isso não parecia muito provável. Nunca tinha ouvido elas falarem de Aenir.

— Vou recitar “O Caminho para Aenir” e você deve repeti-lo, mentalmente, em silêncio — disse Ebbitt. — Precisa também se concentrar em cada uma das sete cores, na hora certa. Vou lançar um raio de minha própria Pedra-do-Sol para mostrar como se faz. Entendeu?

— Entendi — disse Milla. Esta era outra aventura digna de Ulla Braço-Forte. Esses Escolhidos — especialmente aqueles que estavam conspirando contra Tal — eram muito perigosos e poderosos. Quanto mais aprendesse sobre seus segredos, melhor. Voltaria para o Navio em ruínas não apenas com uma Pedra-do-Sol, mas com conhecimento para o bem de todos os clãs.

Ebbitt começou a falar e Milla concentrou-se em suas palavras.

Cores começaram a se alastrar sobre seu corpo, mas ela ficou de olhos abertos, observando as alterações que Ebbitt fazia. Podia perceber as cores mudando na Pedra-do-Sol, e cada uma

delas provocava uma sensação diferente em sua pele.

Não era absolutamente como adormecer e começar a sonhar, como ela havia imaginado. Cada cor que passava diante de seus olhos mudava um pouquinho o mundo. O rosto de Ebbitt foi se apagando, assim como seu Espírito-Sombra. Ambos tornaram-se contornos e, depois, borrões de luz. Tudo se transformou num arco-íris, tão brilhante que Milla não pôde se impedir de piscar.

Então, as cores voltaram a se separar e ela viu outros contornos. Sua pele sentiu frio e calor ao mesmo tempo, em pontos diferentes. Os dedos de seus pés formigavam e, de repente, ela sentiu uma tonteira, como se estivesse caindo.

Já não podia mais ouvir a voz de Ebbitt. Por um instante, sentiu uma pontada de medo, como se, sem as palavras que ele dizia, ela pudesse ficar perdida entre os dois mundos.

Os manchas de cor foram se tornando mais e mais definidas, solidificando-se numa faixa azul brilhante que ocupou a parte superior de seu campo de visão. A luz se turvou um pouco, mas continuava brilhante.

Milla fechou os olhos. De repente, começou a ouvir sons — um som musical, alegre, como gorjeios locados por uma flauta de osso.

O vento soprou em seu rosto. Milla abriu os olhos. Ficou de pé sobre algo macio e maleável que lembrava um pouquinho os longos líquens do Gelo. Perto dela, havia plantas bem grandes, maiores do que qualquer outra que ela já tivesse visto. Pequenos animais alados e coloridos voavam entre essas plantas, fazendo ruídos que pareciam assobios.

Estava claríssimo. Havia uma luz imensa no céu, uma luz quente, feroz. Milla começou a olhar para ela mas, de repente, Tal estava ali, protegendo seu rosto com a mão.

— Não olhe — disse ele —, é o sol.

Milla olhou então para Tal. Ela o reconhecia, mas ele parecia diferente. Estava mais baixo e mais franzino, e sua pele tinha um brilho suave. O anel de Pedra-do-Sol, em seu dedo, captava a luz e envolvia sua mão com minúsculos arco-íris.

Milla olhou, então, para suas próprias mãos e viu que elas também brilhavam e seus dedos pareciam mais longos.

— Eu sou eu? — perguntou, maravilhada.

— Você é o que você é aqui — respondeu Tal. — Aenir é um reino de espíritos e magia e, agora, somos parte dele, estamos menos sólidos. Tente pular.

Ele próprio pulou e saiu voando até agarrar um galho que bem podia ter umas três ou quatro vezes a altura de Milla. Voltou, então, caindo bem devagarinho, como uma pluma.

Milla dobrou os joelhos e viu sua espada no chão. Apanhou-a e, ao fazer isso, sua mão roçou naquele líquen comprido e macio.

— É grama — disse Tal, vendo seu olhar desconcertado. — É bom ficar deitado aí, ao sol.

Milla enfiou a espada no cinto e experimentou saltar. Quase caiu numa daquelas plantas grandes.

— Cuidado com as árvores — disse Tal, rindo.

— Árvores — repetiu Milla, intrigada. — Temos uma história sobre árvores, antes que fizessem o Vêu e o Gelo chegasse. Não acredito que elas fossem assim.

— Isto é uma floresta — disse Tal. — Um monte de árvores, juntas.

— É bom — disse Milla, farejando o vento. Aqui 199 não havia cheiro de pedra fria. A única coisa que a perturbava era a luz, mas era só uma questão de hábito. Seus olhos devem ter mudado, como tudo o mais, porque não sentia necessidade de semicerrar as pálpebras.

— O problema — disse Tal —, é que deveríamos ter chegado onde normalmente chegamos, na Planície dos Escolhidos. É um dos poucos lugares que está sempre do mesmo jeito, e onde há casas, lojas e coisas do gênero.

— Podemos ir para lá — disse Milla, indiferente.

— Mas não sei onde fica — confessou Tal. — Estou perdido.

## Capítulo 26

Instintivamente, Tal procurou sua sombra-guardiã para lhe perguntar onde ficava o Território dos Escolhidos. Descobririndo isso, teria condições de saber que direção tomar.

Mas, quando se virou, sua sombra se moveu junto com ele. Exatamente como uma sombra natural. Na verdade, semelhante demais a uma sombra natural. A sombra-guardiã nunca tinha sido muito boa na imitação de uma sombra comum.

Tal se abaixou para tocá-la e sentiu a grama em vez do frescor da came-de-sombra.

— Ela se foi — disse ele, atordoado. — Voltei a ter uma sombra natural.

— Ótimo — disse Milla. Ela estava olhando tudo, franzindo o nariz. Alguma coisa a estava inquietando, embora não soubesse exatamente o que era.

— Você não entendeu — disse Tal, abanando a cabeça, triste e sem poder acreditar no que estava acontecendo. — A vida toda, ela esteve comigo. Sempre soube que iria embora quando chegasse a hora de eu ter um Espírito-Sombra, mas pensei que ela fosse esperar até eu estar pronto para deixá-la partir! Podia ao menos ter se despedido...

Ouviu-se um assobio, vindo de trás de uma das árvores. O assobio de alerta da sombra-guardiã. Então, um animalzinho peludo, mas de alguma maneira familiar, saiu correndo de lá, pulou no colo de Tal, lambeu seu rosto e foi embora novamente.

Milla tinha a faca na mão, pronta para lançá-la, mas hesitou. Antes que pudesse mudar de idéia, o que quer que fosse aquilo desapareceu entre as árvores, numa rapidez impressionante.

— Era ela? — perguntou, hesitante. — Deixou de ser uma sombra?

— Em Aenir, elas não são sombras. Pelo menos até que alguém as conquiste e as leve de volta — respondeu Tal, enxugando o rosto e os olhos com a manga. — Acho... acho que ela sempre virava um Dattu porque, aqui, ela era um.

Sacudiu a cabeça várias vezes, como se quisesse clareá-la, e voltou a olhar para sua sombra natural. Sentia-se muito só sem a sombra-guardiã. Ela o salvara inúmeras vezes — de perigos, confusões e dificuldades. Agora, tudo o que tinha era uma sombra que não servia para nada.

Para quase nada, emendou Tal, porque ia usá-la como parte” de uma armadilha para apanhar alguma criatura de Aenir e transformá-la num Espírito-Sombra que levaria consigo para o Castelo.

Milla ainda estava parada na clareira que havia entre as árvores, com um olhar perturbado.

— Está acontecendo alguma coisa — disse ela.

— Ouça!

Tal ficou quieto e prestou atenção. No início, tudo o que conseguia ouvir era o vento nos galhos acima deles. Depois, também ouviu aquilo. Estrondos distantes que vinham se aproximando lentamente.

— Trovões — disse. — O que significa raios, também.

— Raios? — perguntou Milla. — O que é isso?

— Humm, é difícil de explicar — disse Tal. Ele só tinha visto isso em Aenir, pois os raios não ultrapassavam o Véu, e não chegavam até o Mundo Escuro. Mas eles atingiam as torres e, muitas vezes, ele tinha ouvido o trovão que acompanhava o raio, mesmo estando dentro do Castelo. Os

professores também tinham dado várias aulas sobre raios e como eles podiam ser imitados com Luz mágica.

Os Homens-do-Gelo também ouviam os trovões mas, com certeza, desconheciam sua relação com os raios porque nunca os viam.

— Raios são uma espécie de luz concentrada que desce do céu. Você pode saber a que distância eles estão contando o tempo entre o clarão e o barulho do trovão.

— Não estou vendo clarão nenhum — disse Milla.

— Há tantas árvores...

Ela parou no meio da frase porque, a alguma distância, uma árvore estava se movendo lentamente. Não apenas balançando de um lado para o outro, mas andando, de verdade.

Tal e Milla pularam ao mesmo tempo, como se uma onda tivesse se formado na grama, debaixo de seus pés. A árvore mais próxima estremeceu e como que se esticou, ficando mais alta. Uma de suas raízes expostas se dobrou e saiu do chão com um estalo.

— Árvores andam? — perguntou Milla. A idéia parecia divertí-la, mais do que amedrontá-la.

— Normalmente, não — respondeu Tal, dando um passo para trás, desconfiado. — Mas, em Aenir, nunca se sabe...

Todas as árvores à sua volta estavam se desenraizando. Balançavam-se e giravam, mas não caíam. Tal e Milla recuaram, afastando-se da que estava mais perto deles, embora ela não estivesse fazendo nenhum movimento ameaçador. Quando uma quantidade suficiente de raízes já estava solta, todas elas se retorceram como milhares de perninhas e, bem devagar, a árvore começou a se afastar deles.

Todas as árvores estavam andando. Encaminhavam-se para diversas direções, exceto para o lado da tempestade. Estavam se afastando do som do trovão que, a cada momento, ficava mais próximo.

— Elas estão fugindo — disse Milla. — Do trovão?

— Talvez — disse Tal. Atrás deles, a floresta tinha desaparecido, com as árvores se sacudindo e se balançando, espalhando folhas e galhos em sua pressa de partir. — Às vezes, acontecem coisas em Aenir sem qualquer motivo.

Milla bufou, e Tal sabia o que isso significava: para ela, aquele seu conhecimento local não tinha a menor importância. Continuou a olhar para o céu, tentando lembrar tudo o que havia aprendido sobre tempestades em Aenir. Vagas recordações do Lectorium começaram a lhe ocorrer, especialmente a fala monótona do Professor Norval.

Tudo o que conseguia lembrar era uma história sobre Pastores de Tempestades, estranhas criaturas semelhantes a nuvens com formas humanas, de dez ou doze trechos de altura, que, ao que se dizia, não faziam mal a ninguém se fossem deixadas em paz. Mas isso não parecia ser lá muito útil.

As lembranças de suas visitas anteriores a Aenir, com sua família, também não ajudavam em nada. Eles sempre ficavam nas proximidades do Território dos Escolhidos, embora seu pai tivesse viajado bem mais longe.

As árvores continuavam a se afastar e, em pouco tempo, Tal e Milla puderam ver uma linha de nuvens negras no horizonte. Também podiam ver o clarão dos raios rasgando o céu escuro. Tal olhou para Milla e viu que ela fitava os raios, absolutamente fascinada. Então, ela balançou a

cabeça e disse:

— Não é uma desonra buscar se proteger da tempestade. Devíamos ir atrás das árvores.

— Não sei, não — respondeu Tal, nervoso. Olhou para a floresta que batia em retirada rapidamente, dirigindo-se para o que ele achava que fosse o sul. Em seguida, olhou para as colinas rochosas e áridas, a leste e a oeste e, então, voltou a olhar para as nuvens. — Talvez devêssemos ir por ali.

Estava apontado para as colinas mais próximas.

— Por quê? — perguntou Milla.

Tal engoliu em seco e disse:

— Porque estou achando que essa tempestade vai transformar tudo isso num lago.

— Num o quê? — perguntou Milla.

— Olhe como está escuro sob as nuvens! — disse Tal, aflito. — Olhe em volta! Estamos na parte mais baixa, e as nuvens despejam chuva. Toda essa região vai encher. Vai ficar tudo alagado, um verdadeiro lago. Um pequeno mar!

Milla não precisou de mais explicações. Deu uma olhada naquela invasão de nuvens e saiu correndo em direção à colina mais próxima. Tal ia logo atrás dela.

Justavam ainda a meio caminho da colina quando Tal precisou parar para tomar fôlego. Milla também parou. Embora ela não estivesse respirando com dificuldade, Tal notou que ela apertava, com dois dedos, o lugar onde fora ferida pelo Merwin. Devia estar doendo.

Tal se virou para olhar o avanço da tempestade e viu que, não apenas ela estava bem perto, mas já tinha começado a cair tanta chuva que uma pequena enxurrada precedia as nuvens. Água lamacenta estava cobrindo o solo onde antes havia a floresta, redemoinhando nos buracos deixados pelas raízes das árvores, antes de se espalhar por toda parte.

Os trovões e raios estavam diminuindo, bastante, para o alívio de Tal, embora isso provavelmente só estivesse acontecendo porque as nuvens estavam muito carregadas de chuva. Assim, havia menos possibilidade de eles serem atingidos por um raio, mas ainda corriam risco iminente de se afogarem.

— Vamos conseguir — disse Milla, recomeçando a correr. Agora, havia água sob seus pés, e os primeiros pingos já caíam à sua volta. Mas a colina estava perto.

Conseguiram chegar lá, mas foi por pouco. Ofegantes, viram a enxurrada bater de encontro às colinas e ser desviada, num torvelinho agitado. A colina não era muito grande, tinha apenas uns cem trechos de altura, mas Tal tinha esperanças de que a água não subisse tanto.

— É estranho — disse Milla, estendendo a mão espalmada para pegar as grossas gotas de chuva que respingavam quando batiam em seus dedos. — É como a neve, só que mais quente e... mais solta.

— Nem tão quente assim — resmungou Tal. — É melhor procurarmos um abrigo.

Os flancos da colina estavam se transformando rapidamente em lama, mas eles conseguiram subir até o topo. Tal parou para olhar para trás, mas Milla começou a descer pelo outro lado.

Tal não podia enxergar muito longe por causa da chuva, mas o lugar onde ficava a floresta não passava, agora, de um turbilhão de água suja. Se não tivesse visto as árvores que havia ali, antes, nunca acreditaria que não fosse um lago lamacento.

— Tal!

O menino olhou para o outro lado e saiu correndo atrás de Milla. Ela parecia ter encontrado um abrigo.

Tinha mesmo. Estava parada, na entrada de uma caverna, erguendo a espada de chifre de Merwin para que sua luz iluminasse a abertura. Logo que Tal viu aquilo, uma imagem lhe veio à cabeça. Uma carta do jogo de Criíferas, com dois olhos vermelhos, que não eram olhos, brilhando na entrada de uma caverna.

A carta do Bocaverna.

— Milla! É uma armadilha! — gritou ele, avançando a mão com o anel de Pedra-do-Sol e concentrando-se em seu poder.

Milla reagiu instantaneamente ao grito de Tal, 208 atirando-se para o lado. Sentiu a rajada de ar, mas não viu duas imensas mandíbulas que brotaram da caverna — imensas mandíbulas de osso escuro, com dentes mais escuros ainda — centenas e centenas e centenas de dentes, retorcidos e desiguais, como fileiras de espinhos desordenadas.

As mandíbulas se fecharam com um estrondo, exatamente onde Milla estava parada uma

fração de segundo antes. Quando voltaram a se abrir, para abocanhar de novo, Tal enviou um grande jorro de centelhas brancas e quentes bem dentro da goela da fera.

Um bramido terrível ecoou lá de dentro da montanha, e as mandíbulas desapareceram novamente. Então o Bocaverna enfiou-se ainda mais em sua toca, arrastando consigo terra e pedras, numa tentativa desesperada de se defender.

Tal ergueu a mão e seu braço inteiro tremia. A Pedra-do-Sol em seu dedo ainda brilhava, com pequenas fagulhas que chiavam e chamuscavam suas juntas. Tal olhou para a pedra e voltou a controlá-la.

Milla tinha se afastado, rastejando, e deu a volta por trás, pronta para contra-atacar. Veio descendo do topo e olhou para o monte de terra revolvida que estava onde, antes, havia a cova do Bocaverna.

— O que era aquilo? — perguntou. Tal não reparou que ela precisou umedecer os lábios antes de falar.

— Um Bocaverna — disse ele. — É só mandíbulas e estômago. Devia ter lhe falado dessas criaturas antes.

Milla deu de ombros.

— Eu não lhe falei sobre tudo o que vive no Gelo. Mas vou tomar mais cuidado. Preciso estar viva para levar uma Pedra-do-Sol para os Caçadores.

— Bem, antes de podermos voltar, temos que encontrar o Códex — murmurou Tal. Levantou o braço e ficou olhando a água escorrer. — Mas seria bom achar um lugar seco, por enquanto.

Milla correu os olhos pela região à sua volta, e abanou a cabeça, desanimada.

— É possível enxergar tão longe, daqui! Mas já não dá para ver a floresta e, olhe! Essa colina também está se movendo, como um Selski de terra e de pedra que está morrendo. Sei que não estou sonhando mas, mesmo assim, não consigo acreditar que isso esteja acontecendo. Tudo está claro demais. Em breve, estará escuro, como na minha terra. O sol está baixando.

Apontou para a luz vermelha que se espalhava pelas colinas. O sol estava de fato começando a se pôr.

— Ele vai se elevar de novo — disse Tal, mais para se tranquilizar que para qualquer outra coisa. — Acho que vamos ter de acampar aqui, de alguma forma.

Não era lá uma idéia muito tentadora. Tudo o que tinham eram aquelas peles sujas e amarfanhadas, e a armadura fedorenta de Milla. Nem peles de dormir, nem fogareiro para cozinhar, nem nada. Só uma colina enlameada e a chuva, que não parava.

Sentaram-se, abatidos, e ficaram olhando as águas do novo lago que continuavam a subir. Ele ainda estava se enchendo, ou se espalhando, porque uma forte correnteza, em direção ao sul, arrastava todos os restos deixados pela floresta fugitiva.

Tal olhou para uma folha particularmente grande que passava, flutuando. Ela tinha se enroscado, no meio, e sua haste parecia a proa de um altivo navio. Aquilo o fez pensar. Se, pelo menos, tivessem um navio, uma canoa, que fosse, poderiam se deixar levar pela correnteza, até chegar a algum lugar. Com certeza, qualquer outro lugar seria melhor que este.

Mas não tinham nada com que pudessem fazer uma canoa.

A não ser luz, pensou Tal, de repente. Podia usar o feitiço da luz sólida, que tinha aprendido para poder construir a escada que o levou para fora do fosso. Se tinha conseguido fazer uma

escada, conseguiria fazer uma canoa. Com duas pessoas se concentrando, também seria mais fácil mantê-la.

— Podemos fazer um barco — exclamou, erguendo-se de um salto. — Um barco de luz.

Depois, suspirou e voltou a se sentar, exatamente quando Milla se levantou.

— Esqueci que você não é um Escolhido — disse ele. — Sozinho, eu não conseguiria mantê-lo flutuando, e você não sabe usar direito sua Pedra-do-Sol.

— Me ensine — disse Milla. Aquilo soou quase como uma ordem, mas também havia, ali, uma pergunta disfarçada, uma nota de esperança, que Tal nem teria notado se não estivesse convivendo com Milla há tanto tempo.

Ergueu os olhos para ela. Podia lhe ensinar a fazer aquilo? Os fundamentos da concentração e do reforço não eram tão difíceis assim. Ele faria o barco, e Milla só precisaria se concentrar na cor e na intensidade para reforçar sua Pedra-do-Sol com a dela.

Mas será que deveria lhe ensinar isso? Ela era uma Garota-do-Gelo. Talvez, uma inimiga. Ele ainda achava que ela tentaria matá-lo assim que tivesse cumprido a Missão da Matriarca. Poderia até lamentar ter que matá-lo, mas ela o faria porque disse que faria.

Se lhe ensinasse a Magia da Luz, estaria dando a ela uma arma.

Por outro lado, havia milhares de outros perigos em Aenir e, quem sabe, da próxima vez não seria ele que ia precisar de ajuda.

— Tudo bem — disse Tal, finalmente. — Vou lhe ensinar o que fazer com as Pedras-do-Sol. Ou, pelo menos, o que você precisa saber.

— E eu vou lhe ensinar a lutar — replicou Milla.

Estendeu a mão e virou o punho para cima, arregaçando a manga de sua armadura de couro de Selski que, agora, estava molhada e fedida ainda mais. Antes que Tal pudesse abrir a boca, ela tinha reaberto os três talhos no próprio pulso.

A chuva lavou o sangue quase imediatamente, mas Milla cerrou o punho e esperou até que Tal, hesitante, estendesse o braço.

Ela cortou tão rápido quanto a Matriarca, e com idêntica precisão. Tal se encolheu quando a ponta da faca de Milla cortou sua pele imaginando, como sempre, alguma coisa pior. Não entendia por que os Homens-do-Gelo cortavam os pulsos. Não seria mais simples picar os dedos com um alfinete esterilizado no fogo?

— Sangue do clã e osso do navio — cantou Milla esfregando seu pulso no de Tal e, depois, pondo a parte plana da lâmina de sua faca sobre ambos. Seus olhos ferozes fitaram Tal até ele repetir as palavras.

— Mestre e Aluna diante da Pedra-do-Sol — acrescentou ela e, então, virou a faca de osso, sempre mantendo-a entre seus pulsos. — Mestra e Aluno diante da Espada. Pelo sangue do clã e o osso do navio. Nós o juramos, lançando sangue ao vento...

Sacudiu os pulsos de ambos para que o sangue se espalhasse, embora houvesse muito pouco vento para levá-lo.

— E sangue ao...

Ela hesitou e olhou a seu redor pois, nesta parte, ela deveria dizer “Gelo”.

— A chuva — disse Tal, virando o pulso para o céu. — Lançando sangue à chuva.

— Lançando sangue à chuva — confirmou Milla, repetindo seu gesto.

Duas gotas de chuva idênticas, em forma de lágrima, caíram sobre os talhos removendo inteiramente os últimos vestígios de sangue. Não saiu mais sangue, como se as gotas de chuva tivessem curado milagrosamente a pele.

Tal e Milla olharam para seus pulsos e, depois, para o céu, piscando por causa da chuva que caía mais forte. Pularam ambos, quando um trovão estourou, de súbito, sobre suas cabeças, fazendo o ar estremecer?

Continuaram olhando para o céu, assombrados, onde as nuvens escuras se transformavam e se agitavam até que, inesperadamente, dois pedaços se separaram da massa e começaram a descer em direção à terra. Duas criaturas, de forma vagamente humana, mescladas de negro e cinza, formaram-se das nuvens. Primeiro, surgiram as cabeças, depois, os braços e, finalmente, as pernas que se esticaram até o topo da colina.

Minúsculas faixas luminosas brincavam, para a frente e para trás, em seus olhos, que eram a única parte branca dessas criaturas-nuven.

Milla e Tal recuaram diante das figuras gigantescas, que bem podiam ter umas três vezes o seu próprio tamanho.

Uma das criaturas se adiantou e trovejou:

— Quem está oferecendo sangue à chuva, ao pôr-do-sol, na velha Colina Hrigga?

E a segunda urrou:

— Quem está chamando os Pastores de Tempestades?

Ambas gritaram, então, e o estrondo de sua voz derrubou Tal e Milla no chão.

— Quem vai pagar o preço desse sangue?

Tal fitava as figuras imensas e sua cabeça estava a mil. Pagar pelo sangue. Em Aenir, isso significava a vida. Mas ele podia enganá-las com sua sombra e usá-la para conquistar uma delas como seu Espírito-Sombra. Um Pastor de Tempestades seria um grande aliado, aqui, e um Espírito-Sombra poderosíssimo quando estivesse de volta ao Castelo. Mas se fizesse alguma coisa errada no ritual, sua sombra natural estaria perdida e, com ela, qualquer possibilidade de conseguir um Espírito-Sombra.

Será que devia correr o risco, assim, impulsivamente? Será que haveria outra oportunidade melhor? E Milla? Havia dois Pastores de Tempestades. O outro ia pedir a sombra dela também e Milla não ia ceder. Ele teria que fazê-la...

Tal lançou-lhe um olhar. Seus olhos se encontraram. Havia confiança neles. Milla contava com ele para lutar a seu lado e não para tentar vender sua sombra.

Milla percebeu um tremor nos olhos de Tal, e o viu erguer a mão direita, com o anel de Pedra-do-Sol. De repente, sentiu que havia, ali, alguma traição. Apesar de todos os seus pactos de sangue, ele não era um Homem-do-Gelo. Ela não podia saber o que ele ia fazer, nem se fiar que fosse o melhor para o clã e o navio. A raiva se apossou da menina, e ela sentiu a espada de chifre de Merwin se erguendo em sua mão. Podia atingi-lo com a parte plana da lâmina e sair correndo...

Tal viu o olhar de Milla endurecer, e a espada que se erguia.

Tinha que tomar uma decisão. Tentar enganar um Pastor de Tempestades com sua sombra, e esperar que o outro também pegasse a sombra de Milla?

Os Pastores de Tempestades rugiram.

O menino Escolhido e a Garota-do-Gelo se encararam. Ambos tinham o semblante carregado. Sabiam que sua frágil aliança estava a ponto de se romper definitivamente. Não importava quem desviaria os olhos, não importava quem faria o primeiro movimento, o que acontecesse, então, seria culpa de ambos.

Passaram-se alguns segundos e ninguém se mo-2.16 via. Os Pastores de Tempestades estavam furiosos. Relampejava e trovejava ao redor da colina.

Milhares de momentos passaram pela mente de Tal. Seu primeiro encontro com Milla na neve. A escalada do mastro do navio do Gelo. A travessia do Mar Vivo dos Selskis. A sensação de alívio que experimentou ao ver Milla apunhalar o olho do Merwin. O salto sobre o abismo. Os túneis do sistema de aquecimento. O globo de cristal e Milla, dentro dele, esperando pacientemente, enquanto um Escolhido, em seu lugar, estaria em frangalhos, mal podendo falar.

Tudo aquilo estava mais vivo, era mais fácil de lembrar que a sua vida no Castelo antes de cair da Torre.

As lembranças também desfilavam na mente de Milla. Tal ajudando-a a se levantar diante do Selski. Cegando o Merwin. A mão dele sob sua cabeça quando ela estava morrendo, e o chifre do Merwin luzindo atrás dele. Os dois saltando o abismo. A aparência que ele tinha quando pulou dentro da Câmara dos Pesadelos, coberto de ervas verdes.

Ele não era um Homem-do-Gelo, mas nunca a tinha decepcionado, não nos momentos realmente importantes. Então ela compreendeu que, caso uma saga de Milla Matadora-de-Merwins viesse um dia a ser cantada, haveria nela um Cavaleiro da Espada em potencial, além de uma candidata a Donzela Guerreira.

Milla baixou a espada. Exatamente no mesmo instante, Tal deixou cair a mão ao longo do corpo.

Milla inclinou a cabeça. Tal assentiu.

Juntos, viraram-se para enfrentar aqueles Pastores de Tempestades fanfarrões.

— Sou Milla, do Clã dos Caçadores! — bradou Milla.

— Sou Tal, dos Escolhidos — anunciou Tal. A um só tempo, os dois gritaram:

— Não vamos pagar preço nenhum!

## **SOBRE O AUTOR**

Garth Nix nasceu em 1963 e cresceu em Camberra, Austrália. Ganhou o prêmio Aurealis de Excelência em Ficção Científica Australiana pelo romance *Sabriel*. Seu romance *Shade's Children* foi indicado para o prêmio ALA de Melhor Livro para Adultos Jovens e para o Mais Vendido da ABA. Também é autor de *The Ragwitch* e de *Lirael*. Atualmente vive em Sydney, Austrália.